

INEP



028101

TV na Escola e os Desafios de Hoje



Módulo

3

Experimentação: planejando, produzindo, analisando

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

TV na Escola e os Desafios de Hoje
Curso de Extensão

Presidente da República Federativa do Brasil
Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Educação
Paulo Renato Souza

Secretário de Educação a Distância
Pedro Paulo Poppovic

Secretária-Executiva do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
Mônica Messenberg Guimarães

CURSO DE EXTENSÃO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE

Coordenação Nacional

Diretora do Departamento de Política de Educação a Distância/Seed
Carmen Moreira de Castro Neves

Presidente do Comitê Gestor da UniRede e Decana de Extensão da UnB/r
Dóris Santos de Faria

TV na Escola e os Desafios de Hoje

Curso de Extensão

MODULO 3

Experimentação: planejando, produzindo, analisando

Seed/MEC e UniRede

Brasília, 2001

Os textos que compõem o presente curso não podem ser reproduzidos sem autorização dos editores
© Copyright by - UniRede-Seed/MEC - Núcleo de Educação a Distância - NED/UnB
Multiusos I Bloco B - Campus Universitário "Darcy Ribeiro" - Caixa Postal 04351 - CEP: 70919-970 Brasília-DF
Telefones: (0XX61) 349-0996 - Fax: (0XX61) 273-4299 e 307-2048
E-mail: ned@unb.br
Na Internet: www.ned.unb.br e/ou www.mec.gov.br/tvescola e/ou www.unirede.br/cursoTVEscola

Curso de Extensão TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE"

Coordenação Nacional

Carmen Moreira de Castro Neves - Diretora do Departamento de Política de Educação a Distância/Seed/MEC
Dóris Santos de Faria - Decana de Extensão da UnB

Comitê Gestor da UniRede

Dóris Faria - UnB - Presidente
Selma Leite - UFPA - Secretária-Geral
Angela Zanon - UFMS
Elizabeth Rondelli-UFRJ
Marcio Bunte - UFMG
Ymiracy Polak - UFPR
Jânio Costa - UEMS

Realização dos Vídeos

Centro de Produção Cultural Educativa - CPCE/UnB
Paulo José da Cunha
George Kuroki
Ariosto Nogueira Lustosa
Edison Montenegro Cabral de Vasconcelos
Frank Lopes
Giselda Caixeta

Coordenação Geral Seed/MEC

Aloyson Gregório de Toledo Pinto
Tania Maria Maia Magalhães Castro

Gestão do Curso

Núcleo de Educação a Distância da Universidade de Brasília - NED/UnB
Flávio Castro
Alicio Boaventura
Núbia Gripp Vianna

Coordenação Pedagógica

Leda Maria Rangearo Fiorentini
Faculdade de Educação - UnB

Coordenação dos Programas de Vídeo

José Roberto Neffa Sadek - Diretor do Departamento de Produção - Seed/MEC
Vânia Lúcia Quintão Carneiro - Faculdade de Educação - UnB

Preparação de Originais e Revisão

Rejane de Meneses e Yana Palankof
Criação de ícones
Chico Régis
Ilustrações
Kleber Sales
Editoração Eletrônica
Raimunda Dias
Capa
André Ricardo da Costa Alencar

Equipe de Apoio Técnico - Seed/MEC

Alan Luiz da Rocha Arraes
Anke Cordeiro Moraes
Erico Gonçalves da Silveira
Jane Maria Fantinel
Luiz Roberto Rodrigues Martins
Marilda Ferreira Cabral
Simone Medeiros

Impressão e fotolitagem

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

T968 TV na Escola e os Desafios de Hoje: Curso de Extensão para Professores do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública UniRede e Seed/MEC/Coordenação de Leda Maria Rangearo Fiorentini e Vânia Lúcia Quintão Carneiro. - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2001.
3v.: il.
154 p.

Conteúdo: v. 1 Tecnologias e educação : desafios e a TV escola. - v. 2 Usos da TV e do vídeo na escola. - v. 3 Experimentação : planejando, produzindo, analisando.

1. Material audiovisual na educação. 2. Aperfeiçoamento de professores. I. Fiorentini, Leda Maria Rangearo. II. Carneiro, Vânia Lúcia Quintão.

CDU 371.333

371.14

Autores e colaboradores deste Módulo

George Kuroki

Em síntese, como foram feitos os vídeos do Curso?

Getsemane Silva

Produção e edição do programa: a interpretação do roteiro

José Roberto Neffa Sadek

O processo de produção de vídeos

Leda Maria Rangearo Fiorentini

Decisões pedagógicas na elaboração dos materiais do curso

Maria Helena Antunes

Planejando a utilização pedagógica de TV e vídeo no Projeto
Político-Pedagógico da Escola

Marcyia Reis

O roteirista

Vânia Lúcia Quintão Carneiro

Analisando e produzindo o audiovisual: oficina de vídeo na escola
A concepção dos vídeos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje
Produção audiovisual com crianças, adolescentes e jovens

Assessores pedagógicos

Aloyson Gregório de Toledo Pinto
Leda Maria Rangearo Fiorentini
Simone Medeiros

SUMÁRIO

Apresentação.....	9
Unidade 1 - Analisando e produzindo o audiovisual: oficina de vídeo na escola.....	11
1.1. Analisando e experimentando o audiovisual.....	12
1.2. Elementos de linguagem audiovisual.....	20
1.3. Câmera e outros equipamentos.....	28
1.4. Planejamento, roteirização, gravação.....	33
1.5. Edição/montagem.....	45
Unidade 2 - Como se produz vídeo educativo.....	53
2.1. O processo de produção de audiovisuais.....	54
2.2. A concepção dos vídeos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje.....	61
Unidade 3 - Planejando a utilização pedagógica de TV e vídeo na escola.....	85
3.1. Planejando a utilização pedagógica de TV e vídeos no Projeto Político-Pedagógico da escola.....	86
3.2. Experiências bem-sucedidas: alguns relatos.....	101
3.3. Produção audiovisual com crianças, adolescentes e jovens: algumas experiências.....	110
Trabalho Final do Curso.....	127
Anexo.....	133
Glossário.....	143
Comentários referentes às atividades.....	147

Apresentação

Com este **Módulo 3: Experimentação: planejando, produzindo, analisando**, a Secretaria de Educação a Distância - Seed/MEC - e a Universidade Virtual Pública do Brasil - UniRede - dão continuidade ao Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje, que vem sendo ofertado para mais de 34 mil professores da rede pública de ensino básico (fundamental e médio) de todo o país.

O Módulo 3 é constituído por este material impresso e por vídeos produzidos para as suas unidades. Os vídeos serão veiculados pela TV Escola, de acordo com a grade de programação que segue anexa, para que possa organizar-se para assistir aos programas, gravar os vídeos e estudá-los segundo a orientação que inicia este Módulo.

Este módulo enfatiza a iniciação ao uso de instrumentos e ao conhecimento do processo de produção de audiovisuais. Indo além de seu estudo, convida-o(a) a utilizá-los como meio de expressão. Para apoiá-lo(a) neste trabalho, desde a Unidade 1 as atividades foram organizadas com o propósito de aguçar sua percepção e desenvolver as habilidades de produção. Na Unidade 2 fazemos uma reflexão sobre as experiências de conceber e produzir os vídeos deste curso. A Unidade 3 retoma o contexto político-pedagógico da escola, como base para integração deste esforço de qualificação técnica.

O Módulo 3 completa o curso e contempla a elaboração do seu trabalho final. Veja as orientações específicas a esse respeito, ao término da Unidade 3.

Para realizar as atividades previstas, você contará com o apoio da universidade na qual está matriculado(a) por meio de um sistema de plantão de orientação acadêmica (tutoria), que poderá acessar por telefone, fax, correio e correio eletrônico.

Dele também fazem parte algumas fichas de avaliação do material impresso e dos vídeos, que você enviará ao seu tutor quando completar as atividades, contribuindo assim para o aperfeiçoamento do Módulo, tendo em vista ofertas futuras do curso.

Desejamos sucesso no estudo e na sua prática pedagógica.

A Coordenação do Curso

Unidade 1

Analizando e produzindo o audiovisual: oficina de vídeo na escola

Vânia Lúcia Quintão Carneiro¹

Introdução

Você imagina a escola ensinando a ler, mas não ensinando a escrever? Ler e escrever são aprendizados entre si complementares. Aprende-se a ler e a interpretar textos enquanto se aprende a escrevê-los. Ensina-se a escrever como meio de expressão de si sobre o mundo e para o mundo. Na expressão verbal escrita não se exige de cada um que seja um artista. Apregoa-se ser importante à escola preparar para ler e interpretar mensagens audiovisuais. Reflita:

Os jovens devem aprender a expressar-se pelo audiovisual com a linguagem audiovisual?

Por que limitá-los a consumir programas?

Produzir é atividade restrita a produtores profissionais?

Para se compreender televisão, precisa-se entender os equipamentos e como se produzem mensagens. Apenas mentalmente, não se pode conhecer a tecnologia de televisão. É preciso manipular, operar. Se o educador desejar desmitificar a TV, deve começar pelo conhecimento de sua materialidade. A evolução tecnológica simplificou as operações técnicas, os preços, fazendo equipamentos fáceis de operar e acessíveis.

Dominar câmera e videocassete é ser produtor? Do mesmo modo que datilografar um texto não significa escrever um texto, saber apertar botões não basta. É preciso experimentar expressar a idéia, a emoção, uma história, com imagens e sons, vivenciar o processo de produção. A compreensão crítica passa pelo estudo e pela experimentação.

Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Área: Tecnologias na educação.
Linha de pesquisa: TV/vídeo e mediações pedagógicas.

As escolas devem incentivar que se use vídeo como função expressiva dos alunos, complementando o processo ensino-aprendizagem e como exercício intelectual e de cidadania necessários em sociedades que fazem uso intensivo dos meios de comunicação, a fim de que sejam utilizados crítica e criativamente. A escola que incorporar os meios de comunicação poderá desenvolver educação ativa e criativa por meio deles.

Esta unidade oferece iniciação e solicita refletir sobre as possibilidades de produção. Produzir vídeo profissional, como se verá na Unidade 2, exige conhecimento técnico, equipe experiente e equipamentos de qualidade. Mas isso é ponto de chegada, muito além de como se começa o processo.

Objetivos específicos

- Reconhecer elementos de linguagem.
- Exercitar a leitura crítica e criativa de programas audiovisuais.
- Compreender o processo de produção audiovisual.
- Iniciar-se no funcionamento básico de uma câmera.
- Elaborar pequenos roteiros.
- J Experimentar a montagem de seqüências fixas.
- J Planejar gravações de experiências e de entrevistas.

Conteúdo:

- 1.1. Analisando e experimentando o audiovisual**
- 1.2. Elementos de linguagem audiovisual**
- 1.3. Câmera e outros equipamentos**
- 1.4. Planejamento, roteirização, gravação**
- 1.5. Edição/montagem**

1.1. Analisando e experimentando o audiovisual

Na Unidade 1 do Módulo 2, vimos que as funções do vídeo na escola podem ser *informação de conteúdo, motivação, ilustração e meio de expressão*. Como meio de expressão, a função do vídeo é pouco explorada em escolas. A aprendizagem de tecnologia e os equipamentos correspondentes não têm sido acessíveis a professores.

Neste Módulo, o desafio é utilizar o vídeo como meio de expressão, criar espaço para expressar nossa opinião, nossa idéia, pela linguagem audiovisual. A atividade de analisar pode preparar a de produzir. Autores propõem para jovens e crianças produzir vídeo como atividade de aprendizado de *leitura crítica* de televisão.

Leitura crítica é a mais conhecida proposta de interpretação de mensagens de TV. O entendimento comum, porém, é ir-se contra a mensagem televisiva, denunciando ou recusando conteúdo, forma e proposta, preliminarmente negando ao telespectador as possibilidades de desenvolver a imaginação e construir uma interpretação própria.

Tornero² reconceitua dizendo que ler criticamente não significa recusar ou denunciar a mensagem. Pode-se questioná-la, rejeitá-la, aceitá-la em parte ou na íntegra. Aproveitá-la para reinterpretar a recreação, fazer o jogo criativo. A *leitura crítica* deve questionar o **monolitismo** e a **univocidade** impostos à interpretação. Nessa perspectiva, de acordo com Tornero, uma leitura crítica implica realizar atividades como:



- J *Descobrir a finalidade do programa*: captar e esclarecer a finalidade do programa de vídeo ou TV; provocar idéias, convencer alguém, incentivar o consumo; reconhecer-lhe a proposta, que ações recomenda, que relação estabelece com o receptor, que tipo de intencionalidade (explícita ou implícita) caracteriza o emissor.
- j *Reconhecer níveis temáticos e narrativos*: como se estrutura a mensagem, descobrir trama, argumento eternas decorrentes, papéis dos personagens, como trama e tema interagem e constituem a estrutura da mensagem.
- J *Perceber o nível formal*: captar aspectos determinantes de ponto de vista e modificadores do sentido da trama.
- j *Descobrir a intertextualidade*: conectar temas, situações, espaços e tempos propostos na mensagem a outras situações, acontecimentos e processos que dão nexos à mensagem, porque assim o receptor entende o texto e capta parte importante da mensagem.
- j *Proposições alternativas*: imaginar outros desenvolvimentos ou finais para pontos negativos ou que desagradam.
- *Brincar com o sentido do programa*: com exercícios de julgar, ironizar, fazer humor; também distanciar-se da proposta-base e

² TORNERO. J. M. R. *El desafío educativo de la televisión: para comprender y usar el medio*. Barcelona: Paidós. 1994.

manipular os elementos do sentido; criar um jogo que provoque o receptor a preferir a atividade à passividade.

1.1.1. Analisando a publicidade

Incorporada à televisão brasileira, a publicidade tem a função de vender, não apenas em intervalos da programação comercial aberta, mas embutida em novelas, filmes, programas. Você já observou como a publicidade utiliza bem os recursos de atração da linguagem televisiva?

Observe como cor, forma, movimento e música se combinam para fazer desejados produtos e estilos de vida.



Atividade 1:

Grave um comercial de TV de que você goste. Vamos revê-lo?

- **O que mais o(a) atrai nele?**
- **A que tipo de público está dirigido?**
- **Que necessidade, desejo, sonho "satisfaria" o consumidor potencial do produto?**

Se possível, veja e discuta filmes que mostrem bastidores de produção publicitária, como: *Ladrões de sabonete* (Itália, 1989), dirigido por Maurizio Nichetti, que questiona a estética da publicidade televisiva, e *Sábado* (Brasil, 1995), de Ugo Giargetti, que critica o mundo publicitário.

1.1.2. Experimentando fazer um comercial de TV³

O *objetivo geral* é observar e identificar como a publicidade incita o desejo de consumir produtos e adotar estilos de vida. O *objetivo específico* é identificar a presença desses mecanismos na construção das mensagens publicitárias:



- u* originalidade do produto: na mente do consumidor, faz cada produto ser diferente dos similares;
- J* segmentação do mercado: divide consumidores por sexo, idade, recursos econômicos e cria diferentes marcas para diferentes grupos consumidores; a publicidade *fala* diferentemente aos grupos;

³ Esta proposta tem por referência a proposta do Centro de Indagación y Expresión Cultural y Artística - Ceneca - PIDC - Unesco. Unidades de capacitação em recepção ativa de TV.

- i motivação: usa necessidades básicas do consumidor para promover o consumo do produto: fome, sede, abrigo, amor, sexo, segurança, reconhecimento, auto-estima, realização própria.

Atividade 2:

- *Desafio*

Pense no sonho de sua vida. Associe a realização desse sonho ao consumo de um produto. Crie um comercial sobre o produto. Escreva. Tente encená-lo com alguém, se puder. Lembre-se: comerciais são curtos; meio minuto basta.

- *Reflexão*

1. Que elementos destacaram seu produto dos similares?
2. Que necessidade, desejo ou sonho promete satisfazer o consumidor do produto?
3. A que grupo de consumidores a mensagem publicitária está dirigida?

1.1.3. Atividades sobre telejornal

Atividade 3:

Criando e apresentando um telejornal (5 min)

1. Ler um jornal impresso e selecionar de cinco a dez notícias.
2. Estabelecer os critérios para essa seleção.
3. Redigir as notícias que serão narradas.
4. Imaginar que se destina ao grande público de TV aberta.
5. Apresentar o telejornal (apresentadores não precisam imitar os telejornais existentes).

Atividade 4:

Reflexão sobre o telejornal apresentado

1. Apresentou temas polêmicos, úteis, atraentes de uma grande audiência?
2. Por que foram essas as notícias?
3. Como selecionou as mais importantes?
4. Ponha-se no lugar do público a que destinou o jornal.
5. Que aprendeu com este programa?
6. As notícias interessaram ao grande público?

Filmes como *Quarto poder* (EUA, 1997), direção Costa-Gravas, e *Thrumen, o show da vida* (EUA, 1997), direção Peter Weir, ao mostra-

rem recursos técnicos e de linguagem na produção de um programa de televisão, provocam reflexão sobre o papel da mídia, sua competência para jogar, manipular, convencer, esclarecer, "editar a realidade".

1.1.4. Estrutura narrativa dos contos de fadas na construção de filmes e séries de TV

As características que permitem reconhecer determinado objeto cultural como uma história, qualquer que seja o meio (oral, visual, audiovisual, escrito), denominam-se estruturas narrativas. As estruturas narrativas em que se apóiam as séries de televisão tiveram origem nos estudos de Propp sobre contos de fadas russos.



A base **morfológica** dos contos maravilhosos, revelada por Propp, contém uma sequência de 31 funções. As funções são os elementos constituintes dos contos e os estruturam; dizem respeito à ação de um personagem do ponto de vista do seu significado no desenrolar da intriga. Propp⁴ admite que nem todas essas funções se fazem presentes num mesmo conto, podendo ser apresentadas em três conjuntos:

- **Sequência preparatória** - compreende as sete primeiras funções:
 - 1) *afastamento/ausência*: Um dos membros da família afasta-se de casa;
 - 2) *interdição/proibição*: ao herói impõe-se uma proibição ou regra;
 - 3) *transgressão*: a proibição é transgredida;
 - 4) *interrogação*: o agressor tenta obter informações;
 - 5) *informação*: o agressor recebe informações sobre sua vítima;
 - 6) *engano*: o agressor tenta enganar sua vítima para se apoderar dela ou dos seus bens;
 - 7) *cumplicidade involuntária*: a vítima deixa-se enganar e ajuda assim o seu inimigo sem o saber.
- **Sequência da malfeitoria/falta à sua reparação**:
 - 8) *malfeitoria/falta*: o agressor faz mal a um dos membros da família ou prejudica-o. Falta qualquer coisa a um dos membros ou este deseja possuir algo;
 - 9) *envio em socorro*: a notícia da malfeitoria ou da falta é divulgada, dirige-se ao herói um pedido ou uma ordem; este é mandado em expedição ou deixa-se que parta por sua livre vontade;

* PROPP, V. *Morfologia do conto*. 2. ed. Lisboa: Vega, 1983.

- 10) *empreendimento reparador*, o herói aceita ou decide agir contra o agressor;
 - 11) *partida*: o herói deixa a casa;
 - 12) *prova imposta pelo doador*, o herói é testado, interrogado, colocado à prova, e, como resultado, recebe um objeto ou um auxiliar mágico;
 - 13) *reação do herói*: o herói reage às ações do futuro doador;
 - 14) *posse do objeto mágico*: o objeto mágico é posto à disposição do herói;
 - 15) *transferência*: o herói é transportado, conduzido ou levado até perto do local onde se encontra o objetivo da sua demanda;
 - 16) *combate*: o herói e o seu agressor defrontam-se em combate;
 - 17) *marca*: o herói recebe uma marca;
 - 18) *vitória*: o agressor é vencido;
 - 19) *reparação*: a malfeitoria inicial ou a falta são reparadas.
- **Sequência final** - abre com a volta do herói; fecha com a recompensa:
 - 20) *volta*: o herói volta;
 - 21) *perseguição*: o herói é perseguido;
 - 22) *socorro*: o herói é socorrido;
 - 23) *chegada incógnita*: o herói chega incógnito a sua casa ou a outro país;
 - 24) *pretensões falsas*: o falso herói faz valer pretensões falsas;
 - 25) *tarefa difícil*: propõe-se ao herói uma tarefa difícil;
 - 26) *tarefa cumprida*: a tarefa é cumprida;
 - 27) *reconhecimento*: o herói é reconhecido;
 - 28) *descoberta*: o falso herói ou o agressor, o mau, é desmascarado;
 - 29) *transfiguração*: o herói recebe uma nova aparência;
 - 30) *punição*: o falso herói ou o agressor é punido;
 - 31) *casamento*: o herói casa-se e sobe ao trono.



Estudo sobre o programa *Castelo Rá-Tim-Bum* revela que sua narrativa principal tenta constituir-se numa espécie de conto de fadas.⁵ Várias das funções da morfologia dos contos foram identificadas nos episódios do *Castelo*. Algumas com mais frequência, como a do *afastamento*. Considera-se afastamento a situação em que um dos membros da família, quase sempre um adulto, afasta-se de casa para "ir trabalhar, ir para a floresta, ir para a guerra, ir tratar de negócios". O tio, o Dr. Victor, diariamente saía para trabalhar.

⁵ CARNEIRO, V. L. Q. *Castelo Rá-Tim-Bum: o educativo como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 1997.

Atividade 5:

1. **Relembre o início dos contos de fadas mais conhecidos.**
2. **Tente identificar a presença de alguma dessas funções.**

Exemplo: No *Castelo Rá-Tim-Bum*, o Dr. Victor, ao sair (afastamento), indica sempre uma *proibição* ao Nino (Prog. 5. *Máquina do tempo*).

Dr. Victor - Nino, não deixe ninguém mexer nesta minha nova máquina, porque o resultado seria catastrófico.

Nino - Catastrófico? O que significa catastrófico?

Dr. Victor - Terrível! Terrível!

Nino - Pode deixar, tio, pode deixar.

Pode tratar-se de ordem para cuidar dos dentes ou de *proposta* para realizar trabalhos domésticos ou brincar (Prog. 13. *Morte e vida*).

Dr. Victor - Depois do café, não se esqueça de escovar os dentes!

Nino - Está bem, tio Victor...

Dr. Victor - Se esfriar, coloque um agasalho!

Nino - Pode deixar...

Dr. Victor - E as roupas precisam ser estendidas no varal, senão não vão secar!

Nino - Certo.

Dr. Victor - Ah! Eu já ia me esquecendo...

Nino - (sofrendo) Mais coisas pra fazer?

Dr. Victor - Isso mesmo! Quando as crianças chegarem, brinque até não poder mais!

Nino - (animado) Isso não precisa nem avisar, tio Victor!

Dr. Victor - Até à noite, Nino!

Outro elemento importante nos contos de fada, a *falta*, elemento considerado "obrigatório" para dar origem à intriga, foi presença constante no Castelo Rá-Tim-Bum. A *falta* podia estar ligada à emoção e à racionalidade: falta de amigos, falta de coragem, falta de conhecimento, falta de memória, falta de atenção, falta de compreensão, falta de informação, falta de alimentação adequada, falta de princípios. A necessidade de sua reparação fundamentava a ação do herói Nino no sentido da busca de crescimento emocional, intelectual e social.



Atividade 6:

1. **Selecione um filme, um episódio de uma série.**
2. **Observe se há presença de algumas das 31 funções selecionadas por Propp.**
3. **Pode-se afirmar que o programa se baseou na estrutura narrativa dos contos de fadas?**

Atividade 7:

Invente uma história a partir das funções abaixo. Não é preciso usar todas.

1. proibição
2. infração
3. transgressão
4. malfetoria ou falta
5. partida do herói
6. missão
7. posse do meio mágico
8. combate
9. vitória
10. volta
11. chegada em casa
12. falso herói
13. provas difíceis
14. tarefa cumprida
15. reconhecimento do herói
16. falso herói desmascarado
17. punição do antagonista
18. casamento (ou solução de felicidade)

1.1.5. Dinâmicas e situações de leitura e (re)criação de programas na escola⁶

A leitura crítica, em geral, não é espontânea nem admite interpretações prontas. Formar telespectadores críticos é exercitar atividades de compreensão e análise. O diálogo sobre programas de TV é importante atividade reflexiva e acontece na família, com amigos e entre colegas de escola, motivando melhor compreensão dos programas. O professor pode planejar a discussão dos programas. Após exibir-se um vídeo, discute-se com os alunos aspectos que se queira destacar, abordagens significativas em relação ao ensino e à aprendizagem ou pontos sugeridos pelos alunos.

Há de ser flexível para parar, voltar a fita, examinar detalhes, rever cenas, estimular a reflexão e o trabalho criativo sobre cores, imagens, ritmos, sons. O momento pós-exibição propicia o debate. O debate excita a criação.

Este tópico foi fundamentado nas situações críticas propostas por Tomero, 1994, obra citada, p.153-156.

J Discussão

No momento pós-exibição, faz-se a primeira leitura sobre o vídeo. Indaga-se ao aluno sobre: finalidade do vídeo; tema; idéias principais; forma de veiculação das idéias; pontos que considera positivos ou negativos.

a (Re)criação

1. O que o aluno mudaria no vídeo? Se não gostou do vídeo, que mudanças pode processar aproveitando elementos desse vídeo.
2. Recriar finais para vídeos ou filmes.
3. Inverter a ordem das notícias de telejornais.
4. Exibir um vídeo e privar o aluno de ver o final. Propor-lhe criar o final.

• Comparação

1. Comparar dois vídeos. Aproximá-los pelos elementos comuns. Apontar semelhanças em programas que aparentemente nada têm em comum.
2. Comparar dois telejornais da mesma emissora ou de emissoras diferentes. Detectar pontos em comum e diferenças.
3. Comparar telejornal a jornal impresso.
4. Confrontar informações e tratamento de informações.
5. Assumir TV e vídeo como *uma* fonte dentre outras.
6. Comparar vídeos fundamentados em obras literárias (*Os Maias*, *Auto da compadecida*, *Porto dos milagres*) aos textos literários que os originaram. Descobrir especificidades da linguagem audiovisual.

• Manipulação/montagem

1. Estimular a reflexão e o trabalho criativo.
2. Experimentar som, imagem e mensagens da televisão.
3. Explorar programas como matéria-prima para criar e montar mensagens. Parte-se da mensagem disponível. Com videocassetes comuns, desmonta-se, manipula-se, corta-se, remonta-se para obter-se o desejado. Esta atividade faz compreender processos de produção de sentido, distancia o leitor, desmitifica a TV. Incentiva outro olhar.

Nesta unidade pode-se experimentar os recursos de edição de uma câmera, editando imediatamente ao gravar; ou utilizando dois videocassetes comuns; ou operando com uma câmera e um videocassete; ou montando sequências de imagens fixas, para projetar ou não.

1.2. Elementos de linguagem audiovisual

A linguagem audiovisual é forma de expressão elaborada, que pode ser ampla ou específica. O modo de expressar-se varia em função do que se quer mostrar, contar, exprimir, até mesmo impor. Apresenta-se um mundo

organizado em narrativa, usando uma linguagem convencionalizada em ação, espaço e tempo.

Fazer vídeo, filme ou programa de TV é organizar elementos para expressar visões estética, objetiva ou subjetiva do mundo. Imagens provêm de escolhas: o que mostrar de cenário e personagens, durante quanto tempo, com câmera fixa ou móvel, de que ângulo? Dependendo das escolhas, ação, pessoa e objeto são ressaltados ou minimizados. Nada é fortuito.

Há rigorosa preparação, que não implica recusa a improvisações. O que se vê na tela não é o real, apesar de reproduções próximas da realidade. Resulta de diversos fatores e ações, sobressaindo a visão pessoal dos realizadores ou a intenção dos produtores.

Na história do cinema, observa-se a decisão de manter ocultos os aspectos artificiais do cinema e sustentar a impressão de realidade. No início, não havia preocupação com as possibilidades da câmera. Escolhia-se um assunto e registrava-se a cena sem interrupções, até o final. Perpassava a ilusão de reproduzir a realidade como ela era.

Imagine-se com uma câmera na mão.

O que gravar?

Como enquadrar?

O que mostrar?

Como mostrar?

Câmera é objeto portátil, extensão mais versátil, sensível e perspicaz do olho humano. Voa, corre, olha abaixo e acima, obliquamente, revela detalhes, abre a experiência ao inconsciente visual. Narra. Ao gravar, recorta o espaço, de determinado ângulo, por meio de imagens com intenções expressivas. A visão do espaço que nos é proporcionada através de uma câmera não corresponde à perspectiva proporcionada pelo olhar humano e pode-se dizer que não tem a mesma abrangência.

Onde pôr a câmera?

Onde começa/acaba o plano?

Por que uma imagem e não outra?

Qual o momento e a razão de substituir um plano por outro?

Cena:

Um conjunto de planos.
No texto, o parágrafo.

Sequência:

Um conjunto de cenas. No texto, o capítulo.

1.2.1. Planos

Assim como um edifício se compõe de tijolos e um texto por frases, filmes e programas constituem-se de planos, elementos vitais da linguagem

audiovisual. Plano pode ser cada fragmento gravado; o ponto de vista ou a distância da câmera em relação ao assunto; a imagem registrada no intervalo de tempo no qual a câmera está gravando. Existe adequação permanente entre o tamanho do plano e seu conteúdo material. Os nomes desses planos podem sofrer modificações, talvez você já os tenha ouvido com outra nomenclatura, mas suas composições são parecidas. Indicam enquadramentos de câmera. Os mais comuns são: plano geral, plano médio, plano americano, primeiro plano ou *close-up* e plano de detalhe.

i Plano geral (PG):



- > inicia filmes, programas, telejornais; abrange e descreve o ambiente; pode acontecer para situar o espectador no contexto do filme; recorre-se a ele para se ter uma visão mais ampla do cenário; focaliza personagens em ação; identifica onde a ação transcorre; dá pausa e pontuação à imagem; localiza a audiência. Desse plano derivam os outros.

O plano geral permite a utilização como elemento de contraste com planos médios e primeiros planos dos elementos nele incluídos; relaciona os personagens e quem os rodeia. O cinema utiliza um grande plano geral, que é o mais abrangente.

j Plano médio e plano americano:



O plano médio (PM) mostra a pessoa da cintura para cima; está entre o plano geral e o *close*; o plano americano é variante do plano médio, mostra a pessoa do joelho para cima. Ambos exercem função mais narrativa. Privilegiam a ação. Não se faz corte nas articulações.

• **Primeiro plano ou *close-up*:**



> enquadra o rosto; essencial para se alcançar a máxima intensidade dramática; apresenta nitidamente a expressão do ator; projeta as características do personagem; pode revelar pensamentos e o momento interior do personagem; corresponde à invasão do campo da consciência; desempenha função mais emocional.

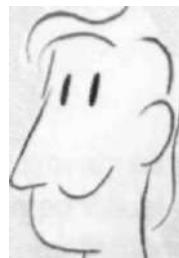
j **Plano de detalhe (PD):**



> imagem de impacto visual e emocional; tempo de leitura curto; isola pormenores; mostra uma parte essencial do assunto. Se usado em excesso, perde o impacto, cansa.

Atividade 8:

Identifique o plano correspondente a cada um dos enquadramentos apresentados a seguir:





Atividade 9:

- **Selecione figuras de jornais, revistas, de outros impressos.**

Identifique os planos: geral, médio, detalhe, close.

j **Observe os enquadramentos num telejornal:**

1. **Que plano foi mais usado? Por quê?**
2. **Em que momentos apareceu o plano geral? Por quê?**

1.2.2. Angulação

Posições ou ângulos da câmera quanto a um objeto ou personagem. Mais alta, mais baixa ou à altura deles, para produzir efeitos expressivos determinados. Define-se *ângulo de visão* como elemento de expressão do conteúdo do quadro; produz efeitos expressivos, não mecânicos, determinados e é ponto de partida para observar o personagem.

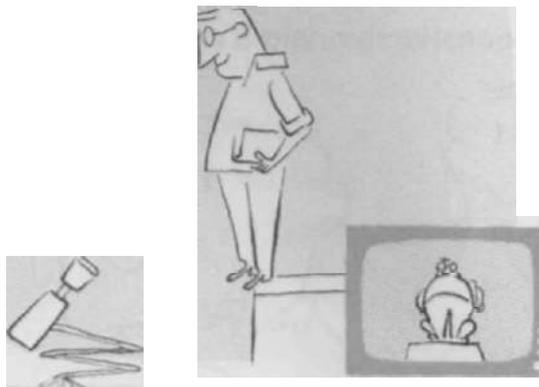
j **Câmera alta (visão superior):**



• S

- > enfoca a ação de cima para baixo, o que minimiza o personagem, diminui sua força ou importância; demonstra o predomínio da ação sobre personagens e coisas; é também chamada de *plongé*. A expressão é de inferioridade.

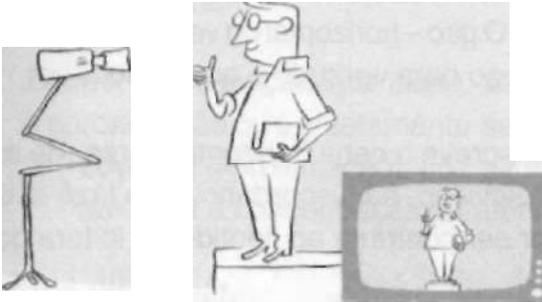
• **Câmera baixa (visão inferior):**



- > a ação enfocada de baixo para cima aumenta a estatura e a importância do personagem, coloca-o em posição dominante; é também chamada de *contraplongé*. A expressão é de superioridade.

j Câmera normal (visão média):

> ação observada à altura dos olhos, sem significação especial relativamente ao personagem; é a imagem mais comum e natural. Perspectiva normal.



Atividade 10:

Observe a figura abaixo: onde estava a câmera que gravou este plano?



Atividade 11:

1. Para gravar uma cena em que o personagem vive uma situação de poder, domínio, superioridade, qual a angulação mais adequada?
2. Para gravar uma cena em que o personagem vivência derrota, humilhação, esmagamento, qual o melhor ângulo para a câmera?

1.2.3. Movimentos

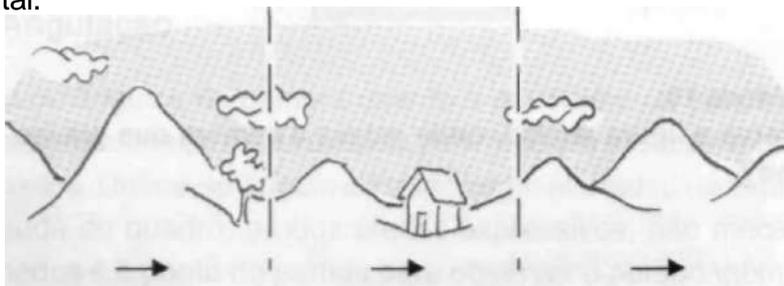
Nos primórdios do cinema, as câmeras eram fixas e dificultavam as tomadas de cena, que deveriam acontecer sempre no campo visual da câmera. Depois, novas lentes e novos **tripés** surgiram, possibilitando movimento:



- **Panorâmica (Pan):**

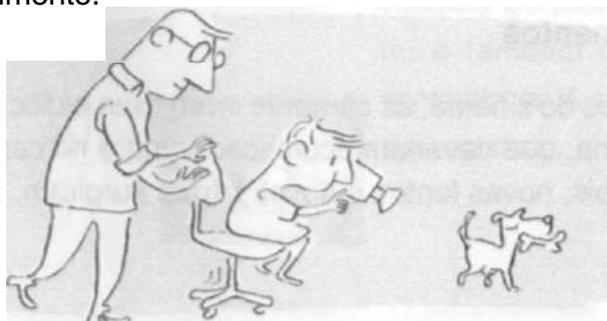
Movimento em que a câmera gira sem sair do lugar, mostra uma paisagem ou um cenário, por exemplo. O giro-horizontal ou vertical-equivale à cabeça que gira sobre o pescoço para ver tudo o que pode.

- > **Panorâmica horizontal:** descreve a cena horizontalmente (da esquerda para a direita). Na televisão, há discordância de fazê-la da direita para a esquerda, por ser contrária ao sentido da leitura ocidental.



Panorâmica vertical: descreve objeto ou pessoa verticalmente, de cima para baixo ou de baixo para cima, dependendo da intenção da descrição.

j **Travelling.** do inglês *travei* (viajar, mover, andar), é o movimento em que a câmera se desloca; o câmera (cinegráfista) caminha com a câmera na mão ou num veículo em movimento ou em qualquer objeto móvel (cadeira de rodas, patins, por exemplo); permite acompanhar objetos em movimento.



j *Dolly*. o objeto ou pessoa fica parado. Só a câmera se move. A câmera desloca-se em direção ao objeto ou pessoa; *movimento físico* da câmera.

u **Zoom**: aproximação até close. Não é movimento físico, é ótico. A aproximação ou o afastamento se dá pela utilização da lente *zoom*.
 > **zoom in** (aproximação): traz a imagem distante para bem perto; favorece a concentração da atenção.



> **zoom out** (afastamento): leva a imagem próxima para longe; retrocede revelando o cenário do primeiro plano de partida; favorece a revelação.



Atividade12:
Tente identificar movimentos de câmera nos programas de TV que assistir.

1.2.4. O som

Importante elemento de linguagem, facilita entendimento, expressão e impacto de mensagens audiovisuais. Cria ambientes, situações, clima. De acordo com Babin,⁷ o ouvinte não está acima; está dentro, imerso no som. A audição é o sentido da interioridade. "Ser todo ouvidos" é atentar,

BABIN, P. e KOULOUMDJIAN, M. F. *Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual ao computador*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 88-89.

esperar, acolher mensagens de fora de nós. Vibrações sonoras alcançam-nos antes de as identificarmos, de tomarmos consciência delas. Externamente, nem sempre são perceptíveis, mas ressoam emocionalmente. A percepção auditiva abre-se à imaginação, à aceitação do imaginário, do fantástico, do desconhecido.

Atividade13:

Trocando o som de uma mensagem



- 1. Grave a abertura de um telejornal. Imagine-a com outro acompanhamento musical. Proceda assim: selecione um acompanhamento musical de ritmo bem diferente do usado no telejornal. Faça a nova música tocar no aparelho de som e vá assistindo (sem som) ao jornal gravado. O que observa? Muda o significado?**
- 2. Experimente fazer isso com uma notícia de telejornal. Aumenta o seu impacto? Diminui a objetividade da notícia?**
- 3. Experimente gravar uma cena de novela. Veja-a com outro acompanhamento musical. Observe se houve mudança no significado.**
- 4. Grave uma cena de TV. Num gravador, copie o mesmo diálogo com outras vozes. Reveja a cena ouvindo o diálogo com as novas vozes.**

1.3. Câmera e outros equipamentos

J Câmera

Por haver várias dezenas de câmeras, algumas com formatos incompatíveis, cabe escolher, com apoio técnico, o formato do equipamento para a finalidade que se queira.

Importante também como instrumento pedagógico, a câmera de vídeo ou videocâmera (*camcorder*) pode ser operada com facilidade e proporciona a constatação imediata do resultado da gravação.

As videocâmeras têm dois recursos em um: videocassete e câmera num mesmo equipamento. Na função videocassete (VCR), a câmera opera todos os recursos de um videocassete: reproduz fitas, retrocede, pára, avança, congela imagem, faz pausa e possibilita conferir o gravado.

Em relação à visão normal, em campo aberto, ver através de câmeras é bem limitado. O tamanho da área visível (campo visual) depende da lente.

A lente *zoom* incorpora várias lentes numa só, e a denominação *zoom* deve-se ao ruído de seu antigo motor de impulsão. Com uma lente *zoom* obtém-se campo visual amplo, como com uma lente grande-angular, ou visão aproximada de objetos distantes, como com uma **teleobjetiva**

A lente *zoom* diminui ou amplia a imagem real e é acionada manualmente ou por meio de motor.

Ao trabalhar com uma câmera, é imprescindível respeitar e seguir o manual. Usos pedagógicos mais comuns: registrar atividades da escola, entrevistas; documentar situações (ver próximo item: planejando, roteirizando e gravando).

Atividade 14:

Se tiver acesso a uma câmera, leia o manual da câmera e experimente:

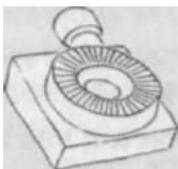
1. Preparação da câmera para gravar com bateria.
2. Preparação da câmera para gravar com adaptador.
3. Colocação da fita.
4. Funcionamento da câmera como videocassete.
5. Funcionamento da câmera para gravar.

J Outros equipamentos

Mesmo que a escola não tenha câmera de vídeo, é possível pensar e produzir mensagens com imagens e sons utilizando gravador de som, **projeto de slides** e retroprojeto como suportes de imagens.



> Projeto de slides



O *slide* (diapositivo) é uma fotografia positiva e transparente em cores (filme 35 mm), montada em moldura plástica, para projetar. Os diapositivos podem ser produzidos: com máquina fotográfica; desenhando-se em acetato transparente com caneta de retroprojeto, nas dimensões do *slide*; ou em papel comum fazendo reduções em **scanner**, até chegar às dimensões de um **slide**, imprimindo-as em transparência. Ao se projetar os *slides*, pode-se associar um áudio.

Scanner. equipamento eletrônico que acoplado a um computador permite a cópia digitalizada de imagens.

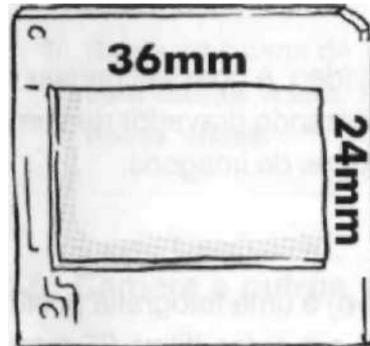
Em sala de aula, a projeção pode ser interrompida para discutir o tema e responder a questões levantadas pela audiência. Faz-se a interrupção em pontos programados ou espontaneamente, dependendo do estilo de trabalho do professor, das reações do público, do desejo do autor dos *slides*. Fazer a bandeja do projetor voltar a uma imagem já projetada - o retrocesso - é recurso didático, estético e narrativo. A projeção comporta trilha sonora em harmonia com a sequência de imagens, a fim de conjugar imagem e som.

Atividade 15:

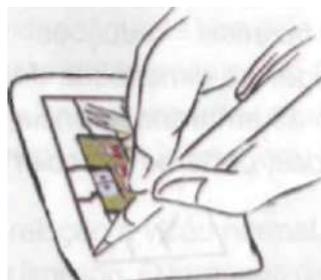
Se tiver acesso a um projetor de *slide*, experimente fazer *slides* em papel vegetal ou manteiga ou em transparência para retroprojetor.

Proceda assim:

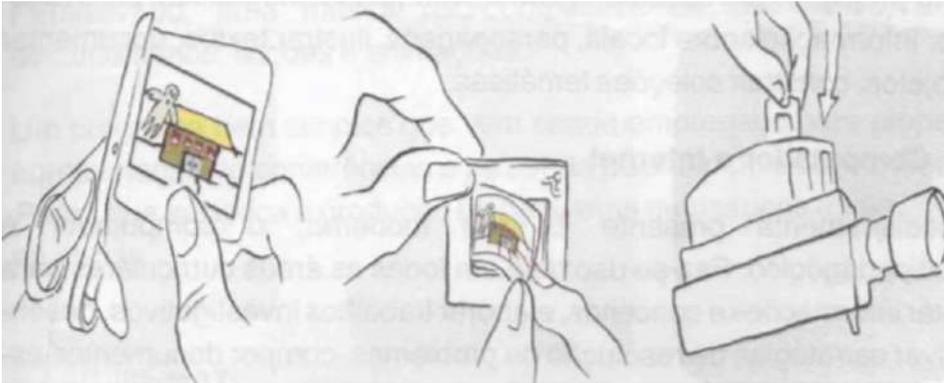
- 1. Faça os desenhos já nas dimensões do *slide* (36 mm de largura por 24 mm de altura) ou então reduza-os até este tamanho.**



- 2. Copie o desenho para o papel transparente com caneta hidrocor. Se optar por transparência de retroprojetor, use a caneta apropriada para retroprojetor.**



3. Recorte os desenhos deixando pequena margem para encaixar na moldura.
4. Coloque os desenhos nas molduras.
5. Projete-o.



Experimente projetar os *slides* com trilha sonora ao vivo. Se tiver acesso a gravador de áudio, poderá gravar a trilha sonora em uma fita. No momento da exibição, projetam-se os *slides* de acordo com o som correspondente ao que se ouve da fita.

> Gravador

O gravador cassete de áudio tem baixo custo e é de fácil manuseio. Faculta várias aplicações pedagógicas: gravar histórias, cantos, entrevistas, debates, depoimentos, narrações, trilhas para acompanhar imagens. Permite trabalho individual ou grupai até sem acompanhamento do professor.

Com ajuda de um gravador portátil, experimente gravar os ruídos (sugeridos por Mello⁸):

- **cachoeira:** soprar um tubo dentro de uma garrafa com água;
- **o barulho do mar:** agitar a mão em uma bacia com água;
- **incêndio:** amassar devagar papel celofane junto ao microfone do gravador;
- **pulsações:** colocar o microfone numa caixa fechada de madeira e batucar compassadamente;
- **J vidros quebrando:** agitar quantidade de bolas de gude em um recipiente de vidro;
- **vento:** junto ao microfone, chupar o ar, com o dedo indicador encostado aos lábios semi-abertos.

⁸ MELLO, P. C. *Audiovisual: linguagem e técnica*. Rio de Janeiro: Sono-Viso. 1980, p. 182-183.

> Máquina fotográfica

Acessível e fácil de manusear. Precisa-se dominar a técnica fotográfica e treinar operações básicas antes de fotografar. Com uma câmera fotográfica e filme para *slides* pode-se fazer fotografias que podem servir para projeção. Em escolas, usam-se máquinas fotográficas para recolher informação sobre locais, personagens, ilustrar textos, documentar projetos, construir coleções temáticas.

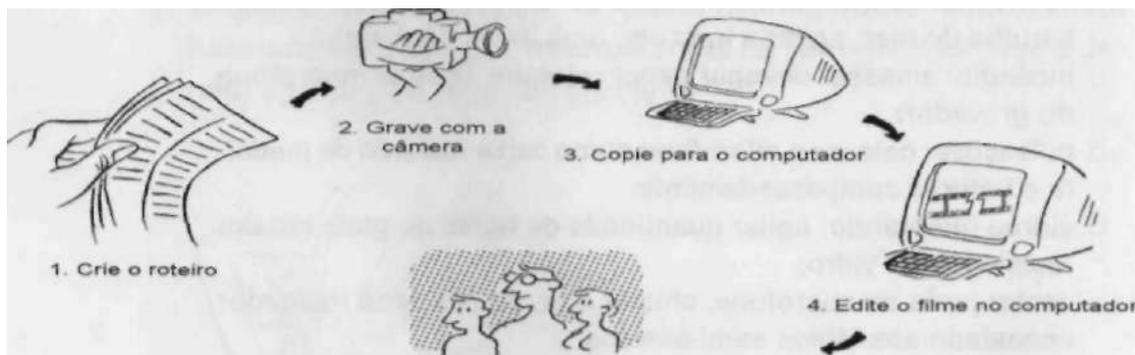
> Computador e Internet

Cotidianamente presente à vida moderna, o computador é multipedagógico. Faz-se uso dele em todas as áreas curriculares para obter informações e conceitos, elaborar trabalhos investigativos, desenvolver estratégias de resolução de problemas, compor documentos escritos escolares, jornais, revistas, produzir audiovisuais. Percebe-se que mudanças e adaptações tecnológicas simplificam a produção de vídeos e reduzem custos. O computador multimídia na edição e a **câmera digital** para gravar melhoraram a qualidade técnica e diminuíram as despesas operacionais. Há programas que permitem gravar, editar e acrescentar efeitos especiais a cenas sem a necessidade de videocassete. Editam-se filmes diretamente no micro, sem perda da qualidade visual. O processo é simples: depois de filmar, conecta-se a câmera ao micro para alterar cenas, inserir músicas e criar efeitos especiais. Mas é preciso que o computador tenha acessórios apropriados.⁹



Se você possui uma câmera digital e um computador com o programa **Windows 98**, poderá obter, pela Internet, programas gratuitos de edição, como, por exemplo, no endereço <http://video.lycos.com/download>.

Para fazer um **vídeo digital**, você precisará seguir algumas etapas:



5 Mostre-o na televisão ou na Internet

⁹ GARATTONI, B. Filmes no micro. Em Seção de Informática, *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 7 fev. 2001.

Ainda incipiente, mas com enormes perspectivas, a Internet já se destaca como meio eficiente e de baixo custo para fazer circular produtos audiovisuais. No final do ano 2000, o Festival Brasileiro de Cinema na *Internet* estimulou a produção brasileira de filmes para a rede. Além dos filmes que concorreram ao festival, na página www.brasildigital.org, há o Paralelo 00, uma mostra não-competitiva de dez filmes, entre documentários, ficções e animações.



Um programa bem simples que vem sendo empregado para preparar apresentação de conferências e palestras pelo computador é o **Power Point**, que se aplica à produção de pequenas mensagens audiovisuais na escola.

Atividade 17:

Se tiver acesso a um computador com *PowerPoint*, leia as informações disponíveis no próprio programa e procure a ajuda de pessoas que já o utilizam.

- 1. Procure explorar os recursos que o programa oferece para o trabalho com imagens e sons.**
- 2. Experimente produzir uma mensagem audiovisual.**

1.4. Planejamento, roteirização, gravação

*Basta uma câmera na mão?
É preciso fazer um roteiro?*

1.4.1. Roteiro

Definível como texto provisório, em transformação, para se tornar um audiovisual, o roteiro é o mais importante elemento da produção audiovisual. Pode ser a pré-visualização do filme, do vídeo, do produto audiovisual. Pode ser o mapeamento de um caminho para se chegar ao audiovisual; rota a percorrer com liberdade de criar, facilita o trabalho artístico e técnico da equipe envolvida na produção. Deve ser simples, legível, objetivo, descritivo. O roteirista escreve o que será mostrado na tela.

Veja alguns dos pontos que precisam ser levados em consideração na hora de elaborar roteiros:

Na Unidade 2 deste módulo, veremos como se dá uma produção educativa profissional.

> **O objetivo a conhecer.**

O que se quer com o programa? Provocar questionamentos? Sensibilizar? Entreter? Informar? Despertar na audiência o desejo de fazer alguma coisa? Exclusivamente instruir?

> **A audiência a determinar.**

Quem é o público-alvo (colegas, amigos, familiares, alunos)? Trabalha-se para ele.

> **A idéia é o ponto de partida.**

Parte-se de algo ouvido, lido, imaginado, vivido, pesquisado, transformado. Gerar idéias é a base do trabalho criativo de produção.

> **A pesquisa é uma exigência.**

Qualquer programa precisa de pesquisa. É **imprescindível** dominar o tema para selecionar os pontos que entrarão no vídeo.

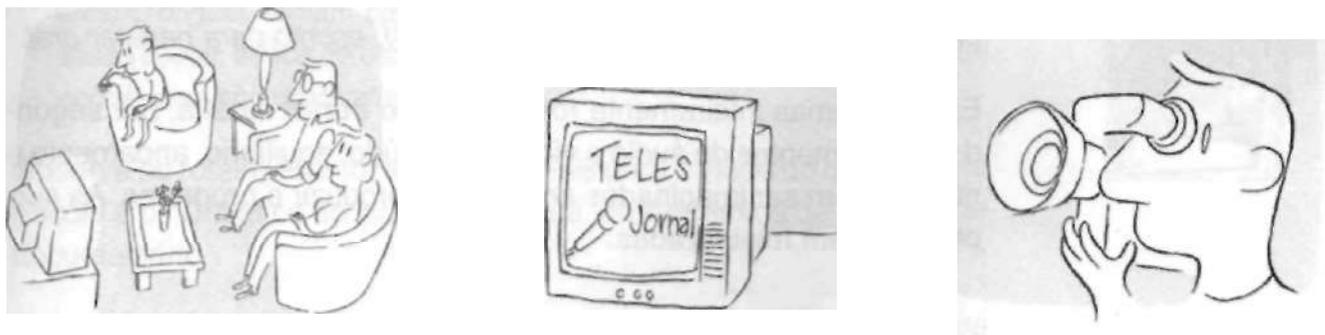


Existem várias formas de apresentação do roteiro.

- > Uma *forma simples* consiste em colocar na coluna à esquerda o que será visto. Na coluna à direita coloca-se o que será ouvido: a narração, diálogos, indicações sobre música e outros sons. Observe a sequência inicial do roteiro da Unidade 2, item 1 do Módulo 2, escrito pela roteirista Marcya Reis para o Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje:

Imagens	Áudio/som
<p>SEQUÊNCIA 1 - CENÁRIO NEUTRO (CASA DA FAMÍLIA) - INTERIOR/DIA</p> <p>Janete, Olavo e Juninho estão na sala da casa, diante da televisão vendo o videoclipe feito por Juninho, que aparece com sua câmera na mão, exatamente como na sequência final do vídeo correspondente à Unidade 1 do Módulo 2.</p> <p>A cena pode até se repetir. Os atores devem estar com as mesmas roupas para dar continuidade. Todos batem palmas e o menino agradece.</p>	<p>OLAVO Muito bem, meu filho!</p> <p>JANETE Ficou uma beleza!</p> <p>OLAVO Onde você aprendeu a fazer isso?</p> <p>JUNINHO A gente está fazendo na escola, pai.</p> <p>JANETE Verdade?</p> <p>OLAVO Ué... Mas vocês ficam brincando de fazer vídeo na escola? Não tem aula não?</p> <p>(...)</p> <p>JUNINHO Vocês não estão entendendo nada... (Pára e pensa um instante) Já sei! Eu vou fazer um documentário!</p> <p>JANETE e OLAVO Documentário??!!</p> <p>JUNINHO É! Eu vou mostrar pra vocês como a professora ensina a gente usando televisão e vídeo lá na escola. É superlegal!</p>

Roteiro desenhado (*storyboard*): uma alternativa ao roteiro escrito. Representa graficamente as cenas do roteiro. Não é preciso saber desenhar bem, basta fazer garatujas. Nesse tipo de roteiro, a *sequência 1* acima descrita poderia ser vista assim:



Atividade 18:

1. **Selecione uma cena do vídeo desta Unidade 1 do Módulo 3. Reveja-a. No lado esquerdo de uma folha, anote o que você vê. No lado direito, o que você ouve: os diálogos, a música. Se necessário, dê pausa, use os recursos do videocassete.**
2. **No lado esquerdo da atividade realizada anteriormente, substitua os textos em que descreveu as imagens por desenhos ou esboços. A quantidade de desenhos você determina. Desenhe mais para abranger toda a sequência ou desenhe só momentos-chave.**
3. **Sobre cada desenho escreva uma pequena descrição da ação e uma observação a respeito do som.**

> **Gêneros: entrevistas, debates, de auditório, de variedades**

Existem programas que não exigem roteiros detalhados. São resolvidos com esquemas, como nos programas ao vivo, que abrem mais espaço a improvisações. De formato simples são os de entrevistas, debates, de auditório, de variedades. Nesse caso, o roteiro reduz-se a uma lista do que ocorrerá, bloco a bloco, com o tempo de duração de cada um. A maior tensão fica com a equipe que providencia, resolve, improvisa e faz funcionar, enquanto o programa (ou a gravação) se desenrola. Também é possível inserir vídeos gravados antes. Como já vimos, há entre-



vistas com perguntas pré-elaboradas e seguidas à risca, independentemente de surgirem dados novos durante o programa.

Rocco¹⁰ questiona o diálogo em programas de auditório em que as respostas do entrevistado são predeterminadas, sem espaço para expressão própria. Alerta para um tipo de oralidade na TV, *escrito para parecer oral*.

Em programas inteiramente roteirizados, o **script** mostra, por segundo, os segmentos de áudio e vídeo. Conteúdo, equilíbrio, andamento e ritmo podem ser imaginados antes de se produzir o programa. As surpresas ficam minimizadas.

> Documentários e matérias jornalísticas

Devem ser concretos, objetivos, apresentar as informações da forma mais direta possível. Já em produções dramáticas, matérias e programas leves e videoclipes, é desejável não ser muito objetivo, para favorecer as interpretações pessoais.

Mas essas fronteiras não são rígidas. Há documentários que enfatizam o conflito, o drama.

- O documentário *Microcosmos* abordou a vida dos insetos de uma forma inovadora e fascinante. Os cientistas-diretores-roteiristas falaram ao jornal *Folha de S. Paulo* sobre o programa, que exigiu quinze anos de pesquisa, dois de preparação e três de filmagens.

Folha: O documentário apresenta uma espécie de dramaturgia. Há cenas de amor, tensão, luta. Como foi o trabalho com o roteiro?

Nuridsany: *Foi muito longo. Ele teve como base anotações que eu e Maria fizemos durante anos sobre fatos da natureza que nos pareciam emocionantes e que se aproximavam da vida e do comportamento humanos. Foi um roteiro construído a partir de acontecimentos não ficcionais e espontâneos: não podíamos incitar os animais a fazer coisas. Escolhemos nossos personagens entre os insetos como um romancista escolhe os personagens que usa na obra: buscando aqueles que são mais universais. Captamos momentos da vida cotidiana dos animais para gerar simpatia e identificação: os insetos são vistos como iguais.*

¹⁰ ROCCO, M. T. F. *Linguagem autoritária: televisão e persuasão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹¹ SAYAD, C. "Microcosmos" amplia as fronteiras do documentário. Em *Ilustrada. Folha de S. Paulo*. São Paulo, 15 ago., 1997. p. 1.

Folha: As filmagens só começaram depois de finalizado o roteiro?

Nuridsany: *Exato, quando o roteiro estava bem detalhado. Fizemos uma programação das filmagens em função das quatro estações: as espécies têm comportamentos específicos para cada época do ano. Os insetos amam, brigam, tomam banho. Se perdermos a oportunidade de captar essas ações, temos de esperar o ano seguinte. A programação tinha que conter esse tipo de detalhe.*

Observe no roteiro escrito por Marcya Reis para o vídeo do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje a presença de elementos de ficção e de documentário.

Veja que na *sequência 1*, citada anteriormente, há um diálogo entre os membros de uma família fictícia. Já na *sequência 12*, que apresentamos a seguir, o espaço para os depoimentos dos educadores, não-fictícios, está reservado em branco:

Imagens	Audio/som
SEQUÊNCIA 12 - SALA DE AULA - INTERIOR/DIA Professora explicando que vídeo escolheu e de que forma resolveu trabalhá-lo com os alunos.	Depoimentos

> Registro em vídeo

Registrar não requer trabalho maior de planejamento. O que importa, de fato, é ter claro como desenvolver os registros. Não requer roteiro. Não há intenção de montar o material a gravar. O consumo é restrito a amigos, familiares, estudantes, colegas de trabalho, um público cativo.

Enquadra-se como registro a maioria das gravações feitas por amadores. Crê-se que basta uma câmera e nenhuma preparação para produzir. Registram-se cenas de família, amigos, casamentos, festas, situações espontâneas que não devem ser perturbadas para obter uma melhor filmagem. Em muitos casos, o resultado são fitas longas, com excesso de movimentos gratuitos, sem qualidade.

Onde colocar a câmera?

O que mostrar?

Pequena planificação pode ajudar a utilizar bem os recursos sem edição e sem roteiro. Devem ser predeterminados usos posteriores, objetivos e critérios de registro.

Na escola, com uma câmera, podem ser registradas experiências, aulas, apresentações, dramatizações. Pode-se também pesquisar sobre aspectos comportamentais animais, humanos, fenômenos naturais, experimentos, registrando-os em vídeo.



Na área de Física, por exemplo, para estudar o tema *movimentos de projéteis*, pode-se captar, com câmera fixa e enquadramento aberto, um projétil sendo lançado e caindo. O vídeo de registro terá poucos segundos, mas que serão suficientes para observar, estudar e calcular detidamente a trajetória, a velocidade e outros aspectos, utilizando-se, para isso, dos controles de pausa e avanço lento de um videocassete na hora de ver a fita.

Pode-se, ainda, registrar versões da história da cidade em que se vive, atividades artesanais, culturais, artísticas, a própria escola. Gravar contextos, momentos diferentes, confrontar crescimento de plantas, efeitos da erosão, poluição, despoluição, acontecimentos do dia-a-dia, manifestações políticas e populares. Pode-se gravar a discussão em grupo, o ensaio de uma peça e fazer análise e crítica com o grupo. Ou fazer os participantes analisarem os gestos, as atitudes, as posturas, a voz, a atuação para aperfeiçoarem seus próprios desempenhos.

O vídeo é uma memória social.

> Entrevistas, exige-se o pré-preparo

A TV é intimista. Em entrevistas de televisão, nota-se que o sucesso depende de o entrevistador deixar o entrevistado à vontade, dialogando de modo simples, natural, em linguagem acessível ao telespectador. Não é viável aceitar escrever ou controlar a ação de modo rigoroso, mas cabe planejá-la. Elabora-se uma pauta que inclua os pontos de mais interesse na entrevista. Faz-se a lista das questões prioritárias, redigindo ou não as perguntas em itens.

O que importa é que você, como entrevistador, *ouça as respostas* e não se preocupe em ler perguntas pré-elaboradas, porque, à medida que a entrevista avançar, será necessário reformular as questões, para que sejam mais naturais e espontâneas. É necessário perseguir pontos interessantes das respostas, mesmo que não estejam entre os que você listou.

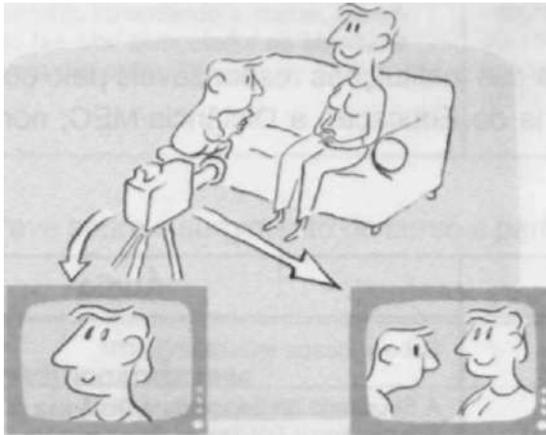
Observe a técnica para gravar entrevista utilizando apenas uma câmera:

1. Filma-se uma pessoa por vez.
2. Começa-se pelo entrevistado, que fica de frente para a câmera.
3. O entrevistador fica ao lado da câmera.
4. Ao falar, o entrevistado olha para o entrevistador.
5. Para se obter o contraplano, muito usado para abrir entrevistas, abre-se mais até obter o plano com as duas pessoas, tomando-se o entrevistador de costas (no canto do vídeo) e o entrevistado no ângulo principal.

Contraplano:

recurso de enquadramento para cenas dialogadas. Se o plano mostra o ator de frente para a câmera, o contraplano o mostrará de costas, e vice-versa.

É importante gravar imagens de apoio para facilitar os cortes na edição: planos do entrevistador ouvindo, fazendo um aceno com a cabeça; plano do entrevistado prestando atenção. Esse tipo de plano chama-se *plano de corte*. Pode-se usar um plano de corte para encurtar uma resposta da entrevista, por exemplo.



Atividade 19:

1. **Defina uma pauta para uma entrevista.**
2. **Experimente gravá-la com uma câmera. Se não tiver acesso a uma câmera, grave-a utilizando um gravador de som.**

> **Vídeo institucional**

O vídeo é um instrumento para divulgar produtos, serviços, a boa imagem de instituições e de empresas. Quando usado internamente, serve para a formação continuada de recursos humanos. O público específico a que se destina, nesse caso, fica mais restrito a usuários potenciais e a funcionários.

A estrutura básica de roteiro para vídeos institucionais constitui-se de oito blocos: apresentação, introdução, histórico, atividade, estrutura organizacional, produtos/serviços, suporte, conclusão. Esses blocos variam de acordo com o enfoque.

Nosso vídeo de divulgação do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje teve como enfoque a divulgação de informações sobre as características do próprio curso.



O roteiro do vídeo escrito por Mauro Burlamacchi parece enquadrar-se, com pequenas mudanças, no esquema básico proposto por Serra.¹² Partiu de texto informativo elaborado pela equipe da UniRede e da Secretaria de Educação a Distância/MEC.

Observe os blocos iniciais do roteiro:

j **Apresentação:** letreiros com logotipos das instituições responsáveis pelo curso; o título do curso; logotipo da TV Escola - Secretaria de Educação a Distância/MEC; nome do curso e logotipo da UniRede.

Imagem	Áudio
<p>A sala tem de coração simples e está vazia. A TV ao centro, ligada na TV Escola. A câmera vai-se aproximando da TV. Na tela, aparece a carinha da TV Escola (logotipo da TV Escola).</p> <p>Abre o plano. Apresentador está na sala. Carteira com o nome do curso.</p> <p style="text-align: center;">COMPUTAÇÃO GRÁFICA</p> <p>Linha brilhante percorre o espaço, a câmera acompanha. Ao fundo, translúci-dos, os nomes das universidades da UniRede. A linha vai formando o mapa do Brasil. Logotipo da UniRede.</p>	<p>Sobe e desce música.</p> <p style="text-align: center;">APRESENTADOR (OFF)*</p> <p>A Secretaria de Educação a Distância do MEC e a Universidade Virtual Pública do Brasil trazem até você a próxima atração: o curso TV na Escola e os Desafios de Hoje.</p> <p style="text-align: center;">Apresentador</p> <p>Seja bem-vindo, amigo educador. Vamos dar agora a você as informações básicas para sua participação no curso TV na Escola e os Desafios de Hoje.</p> <p style="text-align: center;">APRESENTADOR (OFF)</p> <p>TV na Escola e os Desafios de Hoje é um curso de extensão promovido pela Secretaria de Educação a Distância do MEC, em parceria com a Universidade Virtual Pública do Brasil: a UniRede, um conjunto de 63 instituições de ensino público superior, interligadas em tempo integral.</p>

* **Apresentador(a) off:** é o que não aparece na tela. Às vezes indica uma voz impessoal, um narrador ausente.

¹² SERRA, F. *A arte e a técnica do vídeo: do roteiro à edição*. São Paulo: Summus, 1986.

- **Introdução ao curso:** informações iniciais sobre o curso e sua importância.

Imagem	Áudio
<p align="center">INTERIOR - SALA DE PROFESSORES - NOITE</p> <p>Um professor está em frente ao vídeo, colocando uma fita e apertando o "REC". Na tela da televisão aparece "GRAVANDO", ao canto. O professor pega seu material de estudo e o dispõe sobre a mesa. Abre o plano para o apresentador.</p>	<p align="center">APRESENTADOR</p> <p>A partir de hoje estaremos apresentando o material de vídeo que acompanha o curso. A cada semana, um vídeo será exibido (...) você poderá organizar com outros professores e com sua escola os horários mais adequados para assistir aos vídeos e gravá-los.</p>
<p align="center">EXT. - ESCOLA PÚBLICA - DIA</p> <p>Sobe música. Imagens gerais de escola, de salas de aula com TV, salas de informática, imagens de antenas parabólicas, professores lendo manuais e guias, próximos aos equipamentos, aprendendo a mexer, experimentando, usando fax e/ou computador na secretaria. Fecha com uma aula que utiliza TV.</p>	<p align="center">APRESENTADOR (OFF)</p> <p>Este curso vai qualificar você, educador, para a utilização pedagógica da televisão e do vídeo. Nosso principal objetivo é facilitar o acesso às informações, para que você integre esse conhecimento na sua prática, no seu dia-a-dia em sala de aula, com seus alunos. E também para que utilize esse conhecimento para seu aperfeiçoamento profissional.</p>

- **Histórico** breve sobre o surgimento do curso a partir da experiência da TV Escola.

Imagem	Áudio
<p align="center">EXT. - SALA DE AULA COM TV - DIA</p> <p>O apresentador está passeando entre crianças que assistem a uma aula na TV. Ext. - pátio de escola - dia. Depoimentos de professores que já usam TV, vídeo e TV Escola. Eles falam de sua satisfação e também da necessidade de conhecerem mais esses recursos.</p>	<p align="center">APRESENTADOR</p> <p>Pesquisas realizadas pela TV Escola indicam: os educadores que já utilizam a TV Escola gostam da experiência. E mais: eles expressaram a necessidade de aprender como fazer melhor uso desse recurso. DEPOIMENTOS DE PROFESSORES</p>
<p align="center">COMPUTAÇÃO GRÁFICA</p> <p>Animação com nome do curso em toda a tela.</p>	<p align="center">APRESENTADOR (OFF)</p> <p>TV na Escola e os Desafios de Hoje é a resposta do Ministério da Educação a essa demanda dos professores por mais conhecimentos.</p>

- **Características do curso:** bloco principal. Detalharam-se os conteúdos e os objetivos de cada um dos três módulos.

Imagem	Audio
<p style="text-align: center;">INT. - SALA DE AULA - DIA</p> <p>Sala de aula com computador, impressora, vídeo e TV.</p>	<p style="text-align: center;">APRESENTADOR</p> <p>O curso foi organizado em três módulos. O primeiro módulo vai tratar das tecnologias e educação.</p>
<p><i>Letter na tela:</i></p> <p style="text-align: center;">MÓDULO 1 -TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO: DESAFIOS E A TV ESCOLA</p> <p>Imagens de pessoas usando equipamentos (banco, eletroeletrônicos, calculadoras, etc). Ao final, <i>letters</i> com os números soltos na tela.</p>	<p style="text-align: center;">APRESENTADOR</p> <p>Neste módulo vamos conversar com você sobre a importância das tecnologias no nosso dia-a-dia. O "porquê" e o "para que" de se incorporar a televisão na sua prática de sala de aula (...)</p>
<p><i>Letter na tela:</i></p> <p style="text-align: center;">MÓDULO 2 - USOS DE TV E VÍDEO NA ESCOLA</p> <p>A seguir, trechos de programas da TV Escola, tanto de vídeos didáticos quanto de temas como sexualidade, meio ambiente, ética e outros.</p>	<p style="text-align: center;">APRESENTADOR {OFF}</p> <p>No segundo módulo, <i>Usos da TV e vídeo na escola</i>, o objetivo é conhecer mais profundamente a televisão, suas formas e seus conteúdos, tanto das TVs comerciais quanto da TV Escola. Depois de conhecer melhor a televisão, vamos demonstrar e discutir as muitas possibilidades de utilização didática deste recurso e sua relação com os currículos escolares.</p>
<p><i>Letter na tela:</i></p> <p style="text-align: center;">MÓDULO 3- EXPERIMENTAÇÃO: PLANEJANDO, PRODUZINDO, ANALISANDO</p> <p>Professor assistindo TV, com caderno na mão, fazendo anotações, controle remoto na mão. Ao final, professor grava um programa.</p>	<p style="text-align: center;">APRESENTADOR</p> <p>No terceiro e último módulo, <i>Experimentação: planejando, produzindo, analisando</i>, vamos apresentar algumas experiências práticas da utilização pedagógica de programas de televisão. Vamos analisar programas existentes, planejar uma aula, e ver como é que se realiza, passo a passo, o processo de produção de vídeos. Sabendo como se produz um programa de TV, conhecendo seus conteúdos, formas e linguagens, você terá condições de analisar o que é bom para ser usado em seu dia-a-dia de sala de aula, e poderá passar a usar regularmente a TV e o vídeo no seu trabalho como educador.</p>

Nos demais blocos, é possível identificar uma aproximação com as definições propostas por Serra:

- **estrutura organizacional:** centrada nas dimensões e nas abrangências da instituição;
- **produtos/serviços:** caracteriza-se pela ênfase na importância dos produtos/serviços para o consumidor;

- **suporte:** os aspectos extras ou especiais do produto/serviço: assistência técnica, centros de treinamento, apoio de autoridades, garantias;
- j **conclusão:** pode ter ligação com a introdução; seguem-se os créditos com os créditos da produção.

Para se chegar ao *roteiro final*, é necessário realizar um trabalho de preparação, que se compõe de várias etapas:¹³ pesquisa de dados, seleção dos dados, organização em blocos, análise de cada bloco; *texto inicial*, contendo todas as informações e os dados selecionados; *pré-roteiro*, que é a transformação do texto anterior em roteiro das imagens e dos sons.

Atividade 20:

Selecione um vídeo que pareça estruturado como o vídeo institucional da TV na Escola. Identifique algum dos blocos: apresentação, introdução, histórico, atividade, estrutura organizacional, produtos/serviços, suporte, conclusão.



Atividade 21:

Se fosse adaptar essa estrutura básica a um roteiro de divulgação de uma experiência na sua escola, que mudanças faria? Eliminaría blocos? Introduziría outros? Mudaria a ordem?

> Vídeo de ficção

Pressupõe despertar no espectador a vontade de ver, a possibilidade de entreter. Disso resultam produções interessantes, com estrutura narrativa e qualidade técnica.

Os roteiros ficcionais geralmente contam histórias e requerem produção mais complexa, com atores e técnicas narrativas. São diversos os gêneros: aventura, comédia, crime, melodrama, drama e outros. Em uma história, pode haver segmentos com gêneros diferentes.

O processo de produção de roteiros ficcionais para o cinema e a TV sintetiza-se em etapas.

• SERRAR F. 1986, obra citada, p. 49.

Segundo Comparato:¹⁴

3 **idéia geradora:** o ponto de partida;

- **enredo:** o resumo do resumo, a história sintetizada em uma frase (até cinco linhas); no inglês, *storyline*, a linha da história. Contém os elementos de uma história: apresentação, desenvolvimento e solução do conflito;
- i **argumento (ou sinopse):** desenvolve o enredo em um texto com começo, meio, fim e personagens; aponta rumos, propicia visão de conjunto; localiza a história no tempo (ano, mês, estação) e no espaço (cidade, rua, campo); sobre os personagens, descreve aspectos físicos, temperamentos, modos de vestir, perfis profissionais, sociais, o que buscam;
- j **estrutura:** define como será contada a história; é o esqueleto da sequência de cenas.

- *Microcosmos* foi estruturado em função das quatro estações do ano.
- A narrativa principal do *Castelo Rá-Tim-Bum* apresenta uma estrutura baseada na estrutura dos contos de fadas. O esquema não é fórmula rígida. É uma configuração, um tipo de agrupamento encontrado nos episódios. Tal ordem pode não ser seguida, assim como a não-ocorrência de alguma das ações. Observe:

Bloco 1

- Saída do tio para o trabalho. Recomendações deixadas ao Nino.
- Chegada dos meninos. Recepção pelo porteiro, que lhes dá uma tarefa.
- Cumprida a tarefa, a porta é aberta. Encontro com Nino.
- Chegada de um dos visitantes.
- Constatação de uma *falta*.

Bloco 2

- Desenvolve-se a intriga.
- A falta é reparada.
- Saída do visitante.
- Saída dos meninos.
- Chegada do tio.

¹⁴ COMPARATO, D. *Roteiro: arte e técnica de escrever para cinema e televisão*, 2. ed. Rio de Janeiro, Nórdica, 1983.

- i **tratamentos:** redige-se a história com o acontecimento de cada cena; desenvolvem-se os personagens: quem é quem, como e por quê;
- **roteiro técnico final:** após vários tratamentos, pode-se filmar ou gravar.

Como não existem fórmulas prontas, cada roteirista tem um modo próprio de criar roteiros. Para cada gênero de programa há um tipo de roteiro. Um programa pode conter segmentos com diversos gêneros.

Atividade 22:

1. **Invente uma pequena história. Você poderá optar pelo uso de uma técnica de criação de histórias.**
2. **Escreva-a.**
3. **Pense nas imagens.**
4. **Divida uma folha de papel ao meio. No lado direito, faça os desenhos, e, no lado esquerdo, escreva as falas e defina os sons.**
5. **Experimente fazer as imagens e gravar o som.**

1.5. Edição/montagem

1.5.1. Edição

É a organização do material gravado na ordem planejada no roteiro; a seleção das melhores cenas para produzir os vídeos planejados. O ponto de partida é o roteiro de edição, com a lista das sequências na ordem desejada.

A palavra edição é mais usada em vídeo e a palavra montagem, em cinema.

Escolher imagens depende das exigências do tema. Só imagens significativas para a história são mantidas. O fator dominante é a simplicidade, não a redundância. A repetição confunde e torna pesada a mensagem. Se a imagem expressa o que se quer comunicar, não se põe outra que repita o conceito.

Essa escolha implica descartar imagens com apelo afetivo, bonitas e expressivas, mas sem relação com a temática tratada. É preciso considerar sempre somente mensagens cujos códigos sejam mais eficazes para a comunicação. Corta-se tudo que estiver mal-focado, mal-exposto, as imagens distorcidas. Aproveita-se de 1/5 a 1/3 do material gravado.

De várias horas de gravação com câmera ou de programas de TV, editam-se os melhores momentos ou os trechos que interessam, para transformá-los em vídeos curtos, agradáveis de ver, econômicos.

Na escola, por exemplo, das quatro horas do vídeo de uma festa, podem ser extraídos três bons vídeos de dez minutos, enfocando aspectos diferentes do evento.

1.5.2. Montagem

Pode-se encarar montagem como elemento narrativo ou como elemento de significação. A montagem narrativa consiste em reunir sequências de planos visando desenvolver a ação dramática para contar uma história.

A montagem expressiva, elemento de significação, baseia-se em justaposição de planos e exprime sentimento ou idéia. Objetiva gerar efeitos pelo choque de duas imagens, sem apagar cortes, com ligações perceptíveis de um plano a outro, provocando constantes rupturas no pensamento do espectador.

O cineasta soviético Kulechov gravou um único plano do rosto de um ator e experimentou mostrá-lo. Observe as situações:

- 1ª) o plano do rosto do ator e um menino: o rosto expressava ternura;
- 2ª) o mesmo plano do rosto e um caixão: o rosto expressava tristeza e dor;
- 3ª) o mesmo plano do rosto e depois um prato de sopa: o rosto expressava fome.

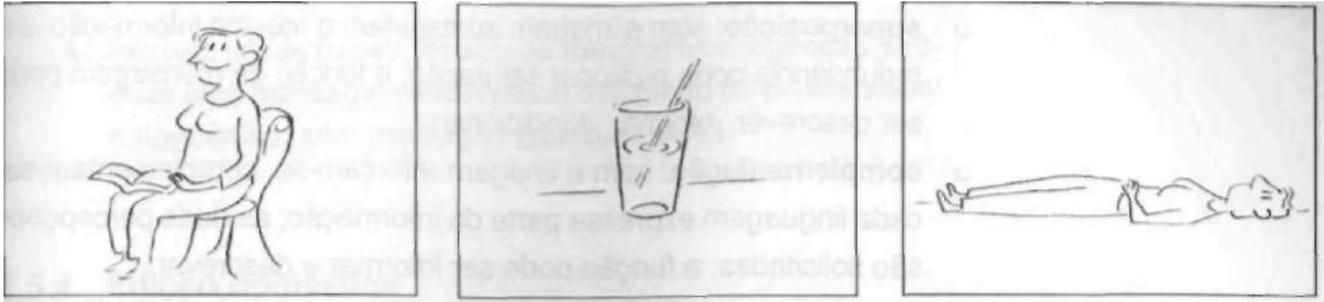
Conclui-se que o importante não é a imagem em si, mas como a imagem se articula com outra.

Editar não se reduz a apertar botões. É selecionar e organizar planos a partir de um roteiro. Ao juntar imagens produz-se novo significado, nova idéia. Justaposição não soma imagens, gera um novo produto. O espectador enlaça imaginariamente planos independentes que se sucedem, que são postos em sequência.

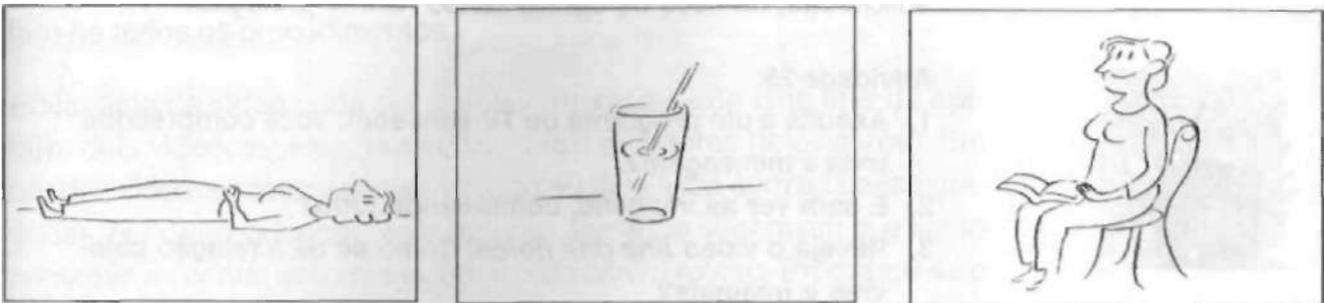
Atividade 23:

Observe as três imagens

1. Se a sequência for esta, que narrativa você poderá criar?



2. E se for assim, que narrativa você criará?



3. Pode-se chegar a conclusões opostas em relação ao líquido?

Atividade 24:

- Nas eleições, num debate na TV, um candidato apresenta sua proposta. Ao mesmo tempo é mostrada imagem de:
 - a) gravata
 - b) botão de camisa
 - c) pessoa desatenta
 - d) pessoa cochichando
 - e) pessoa atenta
 - f) documento/tabela/gráfico sobre o que ele fala
- J Quais das imagens acima podem diminuir a importância do discurso do candidato? Por quê?

1.5.3. Palavras e som

As relações entre imagem e som podem ter diferentes combinações. A partir das combinações propostas por Betton¹⁵, destacamos:

* BETTON, G. *Estética do cinema*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 37-51.

- j **superposição:** som e imagem apresentam a mesma informação, e a redundância pode provocar saturação; a função da mensagem pode ser descrever, informar, condicionar;
- j **complementação:** som e imagem reforçam-se, complementam-se; cada linguagem expressa parte da informação; as duas percepções são solicitadas; a função pode ser informar e descrever;
- j **contraste:** a combinação contrastante tem som principal e imagem com conteúdos opostos; a informação esconde-se no segundo nível de leitura; a combinação provoca reação; atenção e imaginação são solicitadas; há risco de contra-senso na interpretação.



Atividade 25:

1. Assista a um programa de TV sem som. Você compreende toda a mensagem?
2. E sem ver as imagens, compreende tudo?
3. Reveja o vídeo *Ilha das flores*. Como se dá a relação palavras e imagens?

Atividade 26:

1. Recorte dez imagens de uma revista. Cole-as em folhas em branco.
 - a) Construa uma narrativa a partir delas.
 - b) Anote ao lado de cada uma a fala correspondente.
2. Observe as relações que você estabeleceu **entre** frase e imagem. O que predomina?
 - a) O texto repete o que a imagem expressa, sem informação suplementar.
 - b) Texto e imagem *dialogam*, complementam-se.
 - c) O texto e a imagem contrapõem-se; provocam.
3. Em **grupo, construa** uma narrativa audiovisual.
 - a) Recorte imagens de revistas.
 - b) Cole-as em folha branca ou cartão, como se fossem cartas de baralho.
 - c) Cada participante tira ao acaso uma imagem e conta um pedaço da história, que começa sem preparação. O primeiro tira uma imagem e inicia a história. O segundo tira outra, interpreta-a e continua a história iniciada. O desafio continua, até o último participante terminar a história.



4. **Recorte várias frases. Relacione fotografias a legendas. Produza uma mensagem audiovisual utilizando os canais visual e linguístico, sem privilegiar qualquer deles.**

1.5.4. Edição doméstica

Cria-se um roteiro para o que vai ser feito. Assiste-se à fita original com as cenas gravadas. Anotam-se os trechos a copiar. Selecionam-se as melhores partes das boas cenas. Atenta-se para o ponto do corte. Anotam-se todos os procedimentos.

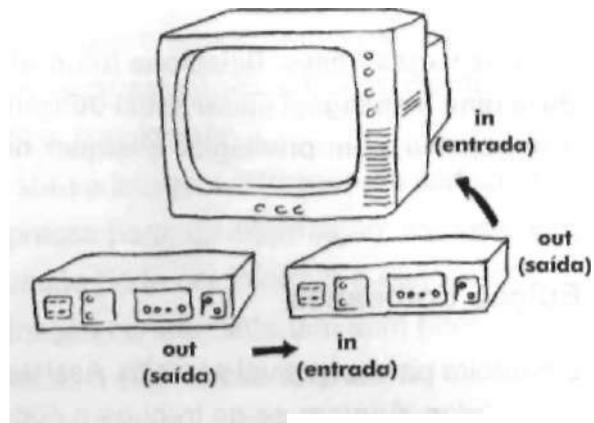
Editar fitas de vídeo pode ser simples. Precisa-se de uma **ilha de edição**: dois videocassetes, um editor e dois monitores (televisores). Em um dos videocassetes (player/reproduzir), fica a fita com as cenas gravadas. No outro videocassete (gravar), fica a fita virgem em que serão copiadas as cenas escolhidas, de acordo com o roteiro. Programa-se o editor que comanda os videocassetes de modo que o segundo grave as imagens selecionadas do primeiro.



Se não se dispuser de uma ilha de edição, a solução é a edição doméstica, com dois videocassetes comuns interligados e um televisor. Liga-se o televisor ao segundo videocassete, que serve de gravador e recebe as imagens do outro videocassete. Pelo televisor é possível acompanhar as imagens que são recebidas e copiadas para a fita. O televisor não interfere no processo de cópia, mas ajuda a checar imprevistos na gravação, como queda de voltagem ou defeito na fita.

Ao ligar um videocassete no outro, é importante observar que:

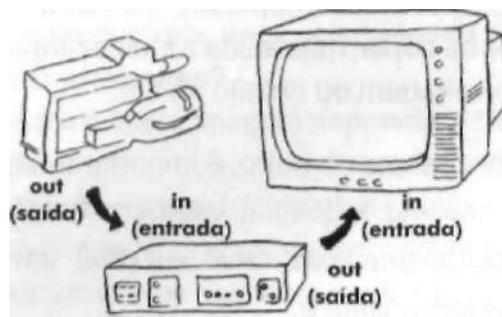
- Do videocassete 1, que vai exercer a função de reproduzir a fita com as cenas gravadas, deve sair (*out*) um cabo que vai entrar (*in*) no videocassete 2.
- Desse segundo videocassete, que estará recebendo as imagens do primeiro videocassete, sairá (*out*) um cabo que entrará (*in*) no televisor. Pelo televisor, você poderá ver o que está sendo gravado.



- Verifique, ainda, a velocidade de gravação. Vídeos VHS gravam em três diferentes velocidades: a fita VHS T-120 (120 min) pode ir de duas a quatro ou seis horas. A **velocidade SP** tem a melhor qualidade de imagem. Um original malgravado decepciona e não tem solução técnica. Também se nota que a imagem perde brilho e nitidez a cada nova geração e que cenas gravadas com câmera têm qualidade superior às gravações de programas de TV.



Há videocassetes e câmeras com funções específicas de edição (**INSERT, AUDIODUB, EDIT**), como também acessórios para criar efeitos, inserir gráficos e símbolos e alterar a trilha sonora. O manual de instruções do equipamento explica funções e usos. Não deixe de consultá-lo. A câmera pode ser usada na edição, ligada em outro videocassete.



NTSC:
Padrão técnico de gravação e difusão de imagem em cores adotado nos Estados Unidos, no Japão, no México e no Canadá.

PAL-M:
Padrão técnico de gravação e difusão de imagem em cores adotado no Brasil.

Quando se edita com câmera e videocassete, utiliza-se o sistema **NTSC**, o que permite utilizar apenas imagens gravadas com câmera ou de videolocadoras, que geralmente são **NTSC**. Excluem-se os programas gravados da televisão brasileira. Esta opera com outro sistema, o **PAL-M**. A vantagem de utilizar dois videocassetes é que eles operam com os dois sistemas: NTSC e PAL-M. Podemos editar cenas gravadas em NTSC com cenas de um programa gravado da TV.

Quem edita em casa deve usar bem a tecla PAUSE (do videocassete ou da câmera), que mantém a fita na mesma posição, tornando precisas as emendas.

1.5.5. Passos da edição

1. Pôr no videocassete 1 a fita 1 com as gravações; e no videocassete 2 a fita 2, no qual serão editados os trechos selecionados. Localizar no vídeo 1 o início do primeiro trecho a editar; pressionar a tecla PAUSE.
2. Preparar a fita 2 (virgem), evitando gravar no início dela. Para isso, deixar passar 2 minutos e pressionar as teclas PLAY, PAUSE e REC do vídeo 2, previamente pronto para gravar o primeiro trecho. O ideal é gravar antes um fundo preto (1 a 2 minutos) no começo da fita virgem.
3. Preparadas as duas fitas, pressionar simultaneamente as teclas PAUSE dos dois vídeos; ao final do primeiro trecho gravado, pressionar de novo PAUSE no vídeo 2.
4. Repetir o procedimento com os trechos a copiar usando a tecla PAUSE. Ao controlar a tecla PAUSE nos dois vídeos, pode-se selecionar cada trecho a ser editado.

Nota: O inconveniente na edição doméstica é marcar com precisão os pontos de corte. Em trabalhos que exigem qualidade técnica, usa-se ilha de edição profissional. Na ilha de edição há pelo menos dois videocassetes com monitores, além do controlador de edição.

Atividade 27:

Preparando-se para editar (se tiver acesso a equipamentos)

1. Videocassete + câmera + televisor:

- a) Leia o manual da câmera.
- b) Experimente fazer as ligações: da câmera ao televisor, da câmera ao videocassete.

2. Videocassete + videocassete + televisor.

Leia os manuais. Experimente fazer as ligações de um videocassete a outro videocassete e de um videocassete ao televisor.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, I. *Cinema: mundo em movimento*. São Paulo: Scipione, 1995.
- BABIN, P. e KOULOUMDJIAN, M. F. *Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual ao computador*. São Paulo: Paulinas, 1989.

- BACCEGA, M. A. Comunicação/educação: aproximações. In: BUCCI, E. (org.) *A TV aos 50 - criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- BETTON, G. *Estética do cinema*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- CARNEIRO, V. L. Q. *Castelo Rá-Tim-Bum: o educativo como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 1997.
- COMPARATO, D. *Roteiro: arte e técnica de escrever para cinema e televisão*, 2. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.
- COSTA, Antonio. *Compreender o cinema*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1987.
- FERRES, J. *Vídeo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- GARATTONI, B. Filmes no micro. Em seção de Informática. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 7 fev. 2001.
- GIACOMANTONIO, Marcello. *O ensino através dos audiovisuais*. São Paulo: Summus, Edusp, 1981.
- LEONE, Eduardo e MOURÃO, Maria Dora. *Cinema e montagem*. São Paulo: Ática, 1987.
- MELLO, Paulino Geraldo Cabral. *Audiovisual: linguagem e técnica*. Rio de Janeiro: Sono-Viso, 1980.
- MILAN, Betty. Carrière diz que roteirista é o narrador do século 20. Caderno 6. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, p. 7, 30 maio 1993.
- MORÁN, J. M. O vídeo na sala de aula. *Comunicação & Educação*, nº 2, p. 27-35, jan./abr. 1995.
- NAPOLITANO, M. *Como usar a televisão na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999.
- NIEMEYER FILHO, Aloysio. *Ver e ouvir*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
- PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto*, 2. ed. Lisboa: Vega, 1983.
- REY, Marcos. *O roteirista profissional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ROCCO, M. T F. *Linguagem autoritária: televisão e persuasão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. Produções para crianças no cotidiano da TV e o cotidiano das práticas socioculturais de recepção. In: PACHECO, E. D. (org.) *Televisão, criança, imaginário e educação*. São Paulo: Papyrus, 1998.
- RODARI, G. *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus, 1982.
- SANTOS, Rudi. *Manual do vídeo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- SAYAD, Cecília. "Microcosmos" amplia as fronteiras do documentário. Em Ilustrada. *Folha de S. Paulo*, p. 1. São Paulo, 15 ago. 1997.
- SERRA, Floriano. *A arte e a técnica do vídeo: do roteiro à edição*. São Paulo: Summus, 1986.
- TORNERO, José M. P. *El desafío educativo de la televisión: para comprender y usar el medio*. Barcelona: Paidós, 1994.
- Unidades de capacitação em recepção ativa de TV - Ceneca (Centro de Indagación y Expresión Cultural y Artística)/PIDC-Unesco.*
- VANOYE, F. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*, 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- VANOYE, F. e GOLIOT-LÉTÉ. *Ensaio sobre a análise fílmica*. São Paulo: Papyrus, 1994.
- WATTS, H. *Direção de câmera: um manual de técnicas de vídeo e cinema*. São Paulo: Summus, 1999.
- _____. *On camera: o curso de produção de filme e vídeo da BBC*. São Paulo: Summus, 1990.

Unidade 2

Como se produz vídeo educativo

Introdução

Indivíduos e grupos que se mantêm em contato e intercambiam experiências progredem mais rápido do que os que preferem o isolamento. Ainda que toda experiência mereça uma leitura crítica, há sempre o que aprender da comparação de nossa experiência com as demais que estão ao nosso alcance.

Esta unidade apresenta uma descrição geral do processo profissional de produção de audiovisuais e flagrantes selecionados da experiência de produção de vídeos específicos, com a vantagem de que esta segunda parte se refere à produção de vídeos deste curso. Quase sempre se tem acesso apenas ao resultado final, ignorando-se totalmente o processo precedente de produção. Tire proveito de ambas as perspectivas: a generalização a partir das experiências acumuladas e a descrição particular dos preparativos de uma produção que você conhece. Bom trabalho!

Objetivos específicos

- Reconhecer a encenação como uma maneira de expressar a existência social.
- Distinguir as etapas e os momentos do processo de produção de audiovisuais.
- Exercitar o processo de produção de vídeo ou de dramatização.
- Apreciar testemunho da experiência de roteirizar.
- a Apreciar testemunho da experiência de dirigir uma encenação.
- Correlacionar vídeo e material impresso no contexto deste curso.

Conteúdo:

2.1. O processo de produção de audiovisuais

2.2. A concepção dos vídeos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje

2.1. O processo de produção de audiovisuais¹

Introdução

Este é um texto que descreve o que acontece com uma idéia até ela se tornar um filme ou um programa de TV. Procure organizar-se para estudá-lo, de modo que possa ver o vídeo e revê-lo tantas vezes quantas forem necessárias para captar todos os detalhes do processo de produção tratados nesta unidade. Também poderá usá-lo como referência quando realizar suas próprias produções audiovisuais.

Entre um documentário, um filme de cinema ou um programa educativo há muitas diferenças, e há também muitas semelhanças. Neste texto, trataremos principalmente do que é comum aos discursos audiovisuais.

Dizemos que para todos os discursos audiovisuais existem dois momentos distintos: o da concepção (e criação), e o da realização (e criação também). E cada um destes momentos, por sua vez, se divide em várias etapas.

2.1.1. Etapas de produção dos audiovisuais

a) O primeiro momento - concepção e criação

O primeiro momento, que chamo de concepção, tem, resumidamente, duas etapas: a da elaboração do conteúdo e a da tradução deste conteúdo para a linguagem audiovisual.

Este texto foi elaborado a partir do original de José Roberto Neffa Sadek, Diretor do Departamento de Produção e Divulgação de Vídeos Educativos da Secretaria de Educação a Distância/MEC: *O processo de produção*. Brasília: Seed/MEC-UniRede, 2000 (mimeo.).

A *primeira etapa* consiste em conhecer o que se quer dizer, ou seja, qual o conteúdo daquilo que, no final da linha, vai se tornar um programa. Para contar uma história, precisamos saber qual é, em linhas gerais, esta história. Por exemplo:

"era uma vez um príncipe, que vivia muito amargurado, mas não sabia exatamente porque. Um dia, o fantasma do seu pai (que era o rei quando estava vivo), aparece e lhe conta que o seu tio (tio do príncipe) o havia matado, para se tornar rei e se casar com a sua viúva, mãe do príncipe. O príncipe, revoltado, quer se vingar do tio, e desmascarar o assassino de seu pai. Para isso, ele se faz de louco, até ter certeza de que de fato seu tio era o assassino de seu pai. Em seguida, prepara uma armadilha na qual fica claro para toda a corte, e para sua mãe, que seu tio foi de fato o assassino de seu pai."

Esse é o conteúdo de *Hamlet*, a história que Shakespeare escreveu e foi transformada numa das mais importantes peças teatrais da história da humanidade. Esta mesma história poderia ser escrita por outra pessoa e não ser tão bem aceita quanto o foi a que Shakespeare escreveu. Mas o que vem ao caso é que há em cada filme, necessariamente, uma história, um conteúdo a ser transmitido ao espectador.

Outro exemplo de conteúdo é o famoso teorema de Pitágoras, aquele que diz que, num triângulo retângulo, o quadrado da hipotenusa (ela vezes ela mesma) é igual à soma dos quadrados dos catetos. Explicar esse teorema também é um conteúdo típico de um programa, nesse caso, educativo.

Em qualquer dos casos, vale sempre a mesma regra: antes de fazer um filme, um documentário, ou um programa educativo, é necessário saber o que se quer dizer ao espectador.

No caso dos programas educativos, costuma-se começar com um texto de conteúdo. Por quê? Porque os professores fazem muitas relações entre os conhecimentos, de forma que todos os assuntos acabam levando a todos os outros. Mas, como falar de tudo ao mesmo tempo é impossível, elaboram um texto que recorta o conhecimento e ordena os assuntos dos quais o programa vai tratar. Ocorre que, quando se começa um filme sem esse texto, ele pode tornar-se tão genérico que, em última análise, fale sobre tudo. E sobre nada.

Além disso, as teorias sobre a linguagem indicam que a formalização de uma idéia é fundamental para que se possa realmente conhecê-la. Uma

idéia mal expressa (pela linguagem verbal) corre o risco de tomar-se uma má idéia. O texto é uma formalização, uma concretização da idéia do especialista, e pode ser abordado de diversas formas.

A *segunda etapa* é a da tradução deste texto para a linguagem audiovisual. É, provavelmente, o momento mais importante de todo o processo, porque é exatamente aqui que as idéias tomam forma audiovisual, é aqui que se faz a complicada passagem de texto escrito para filme, e é exatamente aqui que se define o formato do filme. Esta é a hora da criação (haverá outra mais adiante), é o momento que, se mal resolvido, nem sempre poderá ser melhorado depois. Por outro lado, mesmo bem feito, poderá sim ser estragado pela produção no momento seguinte.

O profissional que responde pela síntese e pela mudança de linguagens é o roteirista. Muito frequentemente, o diretor do filme (profissional sobre o qual falaremos mais adiante) trabalha com o roteirista, para melhor entender essa tradução. É natural que ao realizá-la acabe imprimindo suas características pessoais à história que ele vai contar depois. É o caso, entre muitos outros, de Walter Salles Junior, que dirigiu o filme *Central do Brasil*.

O roteiro é uma síntese das idéias transformadas em audiovisual. Abarca o conteúdo que estava no texto escrito, só que traduzido de uma forma que seja ao mesmo tempo esteticamente atraente e eficiente.

É o roteiro que define, por exemplo, se um programa tem apresentador, desenho animado, encenações, recriação de época. É neste momento que se definem as características de linguagem que serão mais adequadas ao objetivo do filme.

O roteiro é um texto escrito de forma pouco acessível às pessoas leigas. Ele vem cheio de códigos e de palavras pouco conhecidas, muitas vezes em inglês. Na verdade, um roteiro é uma estrutura artística com um formato técnico.

A seguir, você encontrará um exemplo de roteiro de um programa da TV Escola, do escritor Bráulio Mantovani. Procure estar atento(a) às etapas e à organização do tema/contéudo em termos da linguagem audiovisual. Procure perceber o tratamento que é dado ao ambiente, à movimentação da câmera, aos intervalos e aos cortes, às falas dos participantes e às suas reações.

Vídeo escolhido: *O barato do Pitágoras*
Série: Mão na Forma
Duração: 15'00"
Roteirista: Bráuiio Mantovani



Sinopse: a partir do teorema de Pitágoras tal como ele é ensinado normalmente nas escolas, Norma faz um passeio pela história e descobre a presença do triângulo nas construções humanas e na natureza. Especialistas completam as informações em entrevistas. Ao final, Norma entende visualmente a essência do teorema de Pitágoras.

Imagens	Áudio/som
<p>Fusão rápida para:</p> <p>1. Introdução estúdio sala de aula - dia/flash-back</p> <p>NORMA CRIANÇA, numa carteira escolar, prestando muita atenção. Ela tem o cabelo comprido e usa trancinhas.</p> <p>IMPORTANTE: a cena é um <i>flash-back</i> de Norma, contaminado por um toque de fantasia. O ambiente, portanto, deve ser quase irreal, como em certos momentos de desenhos animados em que o fundo não é um cenário, mas uma cor.</p> <p>A fala em off de Norma entra imediatamente após a fala da vinheta.</p>	<p>NORMA (OFF) <i>Essa aí sou eu... Uns anos atrás</i></p>
<p>CORTA PARA:</p> <p>A PROFESSORA em close: uma senhora de óculos, cabelo de peruca estilizado. Ela é quase uma personagem de desenho animado.</p>	<p>NORMA (OFF) <i>Essa era a minha professora de Matemática ...</i></p> <p>PROFESSORA <i>Vamos lá, crianças...</i></p>
<p>CORTA PARA:</p> <p>Uma lousa em computação gráfica, onde se lê:</p> $h^2 + a^2 = b^2$ <p>Volta professora em close.</p>	<p>NORMA (OFF) <i>E esse é o teorema de Pitágoras ...</i></p> <p>VOZES DE CRIANÇAS EM CORO (OFF) <i>O quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos.</i></p> <p>PROFESSORA <i>Entenderam?</i></p>
<p>EXTERNA: Pátio da escola - dia/pós-produção</p> <p>É hora do recreio. Ao fundo, vemos o pátio repleto de adolescentes de 12 a 14 anos.</p> <p>Em primeiro plano, Norma, jovem, fala para a câmera.</p> <p>Ao pé da tela. entra GC: $h^2 + a^2 = b^2$</p>	<p>NORMA <i>Eu não entendi nada. E eu duvido que alguém saiba me explicar o significado disto...</i></p> <p>NORMA <i>O quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos.</i></p>

<p>CORTA PARA:</p> <p>DEPOIMENTOS de vários estudantes tentando explicar, sem conseguir, o significado do teorema de Pitágoras.</p> <p>CORTA PARA:</p> <p>Norma, em plano mais aberto, fala para a câmera. Ao fundo, vemos os estudantes no recreio.</p> <p>Norma olha para os lados procurando algo.</p> <p>Norma olha para a câmera e caminha em direção a ela decididamente.</p>	<p><i>(depoimentos selecionados)</i></p> <p>NORMA <i>Eu sou o tipo de pessoa que só acredita vendo. Por isso, eu só acreditei nesse teorema quando eu vi, num triângulo, como é que ele funciona.</i></p> <p>NORMA <i>...Onde é que tem um triângulo por aqui?</i></p> <p>NORMA <i>Achei!</i></p>
<p>Câmera <i>making of</i> enquadra o tripé.</p> <p>EFEITO PÓS-PRODUÇÃO: As pernas do tripé são destacadas pela superposição de uma cor transparente. Em seguida, mais uma linha é traçada no chão formando um triângulo. A mesma cor preenche o interior do triângulo formado pelo tripé.</p>	

Atividade 28:

1. **Como você define as duas etapas de produção dos audiovisuais pertinentes ao primeiro momento - concepção e criação?**
2. **Há alguma distinção entre elas?**
3. **Em que consiste a etapa de elaboração do conteúdo?**
4. **E a de tradução deste conteúdo para a linguagem audiovisual?**

b) O segundo momento - realização e criação

O segundo momento está dividido *em três etapas*.

- *A primeira etapa é a pré-produção ou preparação. Preparar uma filmagem ou gravação é quase como montar uma operação de guerra, ou preparar uma festa. Tudo tem de estar milimetricamente definido, decidido e pronto para o momento de começar a gravar. As definições mais simples, como roupa da apresentadora, tipo de penteado, até questões mais técnicas, como horário de filmagem, inclinação do Sol, volume e especificação dos refletores necessários, tamanho da equipe, parada para almoço, são alguns dos itens que precisam ser pensados e cuidadosamente definidos.*

É nesta etapa também que se define quem são os técnicos envolvidos e quais os locais em que as gravações serão feitas.

A formalização dessa preparação é o plano de produção. Esse plano de produção é uma complexa e longa tabela que, em geral, constitui mapa tão grande que só pode ser visto quando grudado numa parede.

Assim como o roteiro não é de fácil compreensão para quem não é profissional da área, o plano de produção levará um leigo ao desespero. É uma tabela, uma escrita altamente codificada e de pouco acesso, às vezes até mesmo para outros profissionais que não estão envolvidos naquela produção específica.

- u A *segunda etapa* é a da gravação, ou produção propriamente dita. É a etapa mais cara de todo o processo, porque envolve dezenas de profissionais e muitos equipamentos sofisticados e caros. Por isso também precisa ser bem preparada.

Quem coordena esta etapa é evidentemente o diretor do programa. Ele é como o maestro que conduz uma orquestra. O diretor tem de conhecer bem o roteiro, o assunto que será tratado, os potenciais de sua equipe, para tirar dela o que de melhor tem a dar.

Além disso, o diretor tem liberdade para alterar e criar cenas ou situações, desde que elas não contradigam o sentido mais geral, conforme abordado no roteiro. Sua liberdade estética e artística é muito grande. Por isso, além do roteiro, a gravação é outro momento de muita criação neste processo. Muitas vezes a gente escuta dizer que tal diretor é temperamental, e que outro é mais calmo, ou que um terceiro é ausente. Na realidade, o que importa é que cada diretor desenvolve uma maneira própria de trabalhar com sua equipe, e, principalmente, de conseguir dos atores o melhor resultado. Filmagens e gravações, que são processos intensos de convivência e de criação, tendem a atrair pessoas com muito potencial artístico, e, como em qualquer profissão, entre essas pessoas também podem existir aquelas com problemas.

Numa filmagem ou gravação, alguns imprevistos podem acontecer. É bom lembrar que uma gravação não ocorre na mesma ordem em que vemos o programa quando pronto. Muitas vezes, os apresentadores têm de repetir dezenas de vezes a mesma frase, até que ela fique adequada ao programa. Outras vezes, o problema não é com os ato-

res ou com os apresentadores. Pode ser um problema com a câmera, com o movimento de câmera, com a qualidade do som, enfim, algum aspecto técnico pode não ter sido contemplado da melhor maneira, e, nesse caso, todos repetem tudo de novo, às vezes por causa de algo provocado por uma pessoa da equipe. Gravação é um processo, fundamentalmente, de equipe. Todos precisam ser compreensivos e se ajudar o tempo todo.

- *A terceira e última etapa* deste segundo momento é a finalização, ou pós-produção. Nesta parte do processo, as cenas são colocadas em ordem, o som é melhorado, a cor das cenas é retocada; tudo o que precisa de computação gráfica ou de letreiros é feito nesta etapa; a música também é colocada neste momento.

Esta é a etapa em que se articula o discurso, como quem monta uma frase com as palavras (que são as cenas gravadas). É um momento que requer sensibilidade, senso de ritmo, estética e no qual se pode estragar ou melhorar bastante todo o trabalho que se realizou anteriormente.

Todo o processo de fazer um filme pode levar meses, às vezes anos. Mas, depois de pronto, nós o assistimos em apenas alguns minutos. Com frequência, o espectador desconhece como o vídeo é produzido e pode ocorrer que o assista de maneira distraída, sem prestar muita atenção e sem ter consciência de todo esse processo de produção, que envolve o incansável trabalho de muitas pessoas durante um bom período de tempo, fatores determinantes da qualidade do vídeo e daquilo que você aprecia ou deixa de gostar.

Atividade 29:



- 1. Reúna-se com alguns colegas para planejar um trabalho interdisciplinar de produção de vídeo.**
- 2. Caso a sua escola não possua câmera de filmagem, tente consegui-la com um amigo ou conhecido, pois este poderá ser um bom momento para trabalhar parcerias da escola com a comunidade . Se for inviável a filmagem, não se preocupe, poderá fazer uma dramatização. Mas tente registrar o trabalho, pelo menos em fotografia.**
- 3. Esteja atento(a) aos principais passos deste trabalho, mesmo que não o grave em fita de vídeo:**

1º passo: apresentar a proposta aos seus alunos e abrir espaço para adesão ao trabalho;

2º passo: escolher ou criar livremente uma história;

3º passo: traduzir o texto para a linguagem audiovisual.

Lembre-se de que, neste momento, você precisará definir com os alunos as funções de cada um ou cada grupo: produção, direção, roteirização, atuação, etc.

Os envolvidos poderão pesquisar sobre a função que couber a cada um. Poderão apresentar o resultado da sua pesquisa em um seminário, por exemplo. Assim, todos poderão conhecer as diferentes funções exercidas pelos componentes do grupo.

4º passo: o roteirista ou o grupo responsável pelo roteiro trabalha a história escolhida ou criada, de forma a elaborar uma síntese e traduzir o texto original para a linguagem audiovisual.

5º passo: de posse do roteiro, a equipe de produção começa a trabalhar, escolhendo figurinos, luzes, maquiagem, local de gravação, etc.

Escolhidos os atores, os roteiros são entregues para estudo (memorização) e ensaios, tanto quanto possível, nos próprios locais em que será feita a gravação e/ou encenação.

6º passo (gravação): o diretor, que deve ter um bom conhecimento do roteiro, coordena as cenas e é o responsável pelo desempenho dos atores, das câmeras, da equipe. Todos os envolvidos precisam estar atentos: do maquiador ao câmera.

7º passo: pronta e editada a fita, vale reunir todos, convidando os pais e a comunidade para apresentar os resultados. Ou encenar a peça. Neste momento, procure organizar-se para registrar devidamente a reação dos que assistirem à apresentação, para aperfeiçoar o trabalho.

4. Registre no Memorial suas impressões relativas ao trabalho nas várias etapas e envie-o para seu (sua) tutor(a).



2.2. A concepção dos vídeos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje

Neste tópico, abordaremos nossa experiência de produção dos vídeos do curso, por meio da reflexão de alguns dos membros da equipe responsável por esse trabalho.

Iniciamos pelos comentários da coordenação pedagógica do curso, para situar decisões norteadoras da concepção e da realização dos materiais didáticos do curso e de suas inter-relações.

2.2.1. Decisões pedagógicas na elaboração dos materiais do curso

Leda Maria Rangearo Fiorentini²

Planejado como curso a distância desde o início, o projeto norteador deste curso foi elaborado por um Grupo de Trabalho³ da UniRede, a partir da demanda de cooperação da Secretaria de Educação a Distância - Seed/MEC, ficando acertado que incluiria impressos e vídeos e que a veiculação de seus vídeos seria realizada pela TV Escola. Essa medida visava assegurar a recepção dos mesmos, simultaneamente, nas escolas que dispusessem de antena parabólica, televisor e videocassete, em todo o país.

O esforço cooperativo desse grupo inicial, bem como dos que foram se incorporando ao longo do trabalho, durante o ano de 2000, pode ser considerado como uma marca importante que permeia todo o processo de tomada de decisão, bem como impregna seus materiais.

Focalizando a produção dos vídeos do curso, isso fica evidente na sistemática de trabalho adotada. No *momento inicial*, após o texto estar escrito e conhecido pela equipe de coordenação pedagógica e audiovisual, incluindo o roteirista, o diretor e o pessoal da realização dos vídeos, buscamos a definição conjunta do que queríamos, do modo de organizar as situações de aprendizagem nos vídeos e de explorar as idéias e sugestões de como consegui-lo. Num *segundo momento*, uma vez definida a tendência geral a adotar nos vídeos do módulo, vivemos o mesmo esforço cooperativo de analisar, aperfeiçoar e aprovar o roteiro final de cada um deles. Num *terceiro momento*, uma vez completada a edição, discutimos a qualidade dos vídeos editados, tomando decisões conjuntas sobre o que manter, retirar, mudar, substituindo cenas, fotogramas, textos, recursos sonoros, etc, apesar do exíguo tempo dis-

² Coordenadora pedagógica do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

³ Intitulado GT Formação EAD, este grupo de especialistas era proveniente de universidades das várias regiões geográficas do país, como UnB, UFMG, UFU, UFMT, UFPE, UFPA, UFPR, UFRJ, Univali, UFRGS, bem como um grupo de especialistas da Seed/MEC.

ponível para sua finalização e veiculação por meio da TV Escola. Definimos diretrizes para que nossas próximas produções evitassem ao máximo os problemas detectados na análise conjunta de cada etapa.

Desde o início, decidimos que os módulos seriam compostos por *documentos textuais integrados*, evitando a simples justaposição de impressos e vídeos. Tínhamos a preocupação de não apenas informar, mas também formar as pessoas. Uma das maneiras de viabilizar esse propósito pode ser observada na estratégia de promover o aprender pelo diálogo - reflexão - ação, que estimula o aprender crítico e criativo, presente de várias maneiras nos impressos e nos vídeos.

Levar adiante a proposta de *pedagogia da imagem*⁴ fez que o uso das imagens não fosse mero ornamento/adorno, mas, pelo contrário, favorecesse o desenvolvimento da leitura, da decodificação, da comunicação contextualizada, bem como a descoberta da polissemia, do significado, do aprender a olhar, do aprender a ver e do aprender a fazer com audiovisuais. Tal proposta também requer cursistas ativos e não meros receptores e reprodutores de imagens e idéias.

Como motivar os cursistas a esse papel ativo de protagonista e oferecer condições para a construção, a desconstrução e a reconstrução de sentido certamente vem sendo nosso grande desafio pedagógico e um rico processo de aprendizagem da própria equipe.

Como impregnar dessa concepção nossos materiais e atividades?

Como estratégia geral, procuramos explorar a força pedagógica da vivência cotidiana dentro desses padrões de aprendizagem. Sabemos que a atuação rotineira dos sujeitos dentro de determinadas estruturas de participação social leva a uma introjeção de padrões, comportamentos, normas, valores, atitudes, articuladas a estruturas cognitivas relacionadas à realização das tarefas. Essa tendência também está presente no ambiente escolar, e o ato educativo está tão impregnado pelas atitudes, por exemplo, que estas orientam e podem determinar a percepção, a aprendizagem de todos os tipos de conteúdos, sejam eles conceituais, procedimentais ou atitudinais.⁵ Por isso, os materiais propõem ativida-

⁴ GARCÍA-MATILLA, A. e MARINO, R. A. *Lectura de imágenes*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1989.

⁵ COLL, C. S., POZZO, J. I., SARABIA, B. e VALLS, B. E. *Los contenidos en la reforma: enseñanza y aprendizaje de conceptos, procedimientos y actitudes*. Madrid, Santillana, 1992. Esta obra já está traduzida para o português.

des de reflexão continuada sobre a tecnologia, as imagens, suas implicações e possibilidades de utilização escolar, bem como socializa a experiência de alguns educadores aproveitando seus depoimentos.

Buscamos estratégias que permitissem estabelecer pontes cognitivas entre o que os cursistas já sabiam e o novo material a aprender, levando em conta que as novas aprendizagens não se produzem pela simples eliminação das aprendizagens prévias, mas tomando-as como ponto de partida para seu aprofundamento e apropriação. Daí a exploração da prática pedagógica dos cursistas, sua vivência social com as tecnologias, para daí aprofundar os temas abordados.

Vale lembrar o que Paulo Freire (1986),⁶ nos diz sobre a melhor maneira de transformar a prática: a de pensá-la a partir do existente, procurando ao lado de descrever, informar, confrontar, reconstruir e realizar a transformação.

Se por um lado a aprendizagem assim desenvolvida possibilita maior autonomia ao aprendiz - evitando reduzi-lo a um mero consumidor de idéias prontas e acabadas, o que ele denomina educação bancária -, por outro lado, supõe uma atitude essencial do cursista de implicar-se ativa e participativamente nesse processo de construção conjunta de significados - estar disponível para aprender a aprender, aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conviver.

Esse modo de pensar exerceu grande influência sobre a concepção e a elaboração dos materiais do curso, inclusive a de evitar a "pedagogia do transporte" (Marino, 1993).⁷ Com esse termo ele designa a mera transposição da mensagem para outros meios sem o devido aproveitamento das valiosas características expressivas de cada um desses documentos textuais, o que pode torná-la enfadonha, conservadora e pobre.

Desse modo, como os suportes escolhidos para o curso (livros e vídeos) possuem características próprias que interferem na maneira como a equipe se comunica com o cursista, essa influência não poderia ser minimizada se pretendíamos uma produção integrada para uma aprendizagem significativa, crítica e criativa.

⁶ FREIRE, Paulo. *A natureza política da educação*. Petrópolis: Vozes, 1986.

⁷ MARINO, R. A. *La revolución de los medios audiovisuales*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1993.

Nos impressos exploramos detalhadamente os conceitos, as teorias, os princípios, os fatos e as práticas, postura favorecida pela extensão (número de páginas). As figuras utilizadas têm vínculo direto com os conceitos explorados para promover a aprendizagem por meio das linguagens escrita e visual.

Nos vídeos tentamos aproveitar ao máximo as características da linguagem audiovisual (cores, sons, palavras, formas, movimentos, emoção, sensibilidade). O projeto do curso previa a realização de um vídeo de dez a quinze minutos para cada unidade de conteúdo dos módulos, totalizando onze vídeos do curso propriamente dito e um vídeo informativo, tipo manual de orientação, além das peças publicitárias. Isso nos permitia dividir os temas para tratar cada um mais adequadamente.

Nossa postura foi a de explorar mais o essencial, a problematização da realidade, aproveitando a curiosidade e o lúdico no trato com os conhecimentos específicos abordados em cada unidade de conteúdo.

Nossa intenção, mais que a de expor conhecimentos por meio dos vídeos (o que fazemos exaustivamente nos impressos), vem sendo a de provocar a reflexão, aguçar a percepção, a partir do uso cotidiano da tecnologia em geral e da audiovisual em particular, bem como construir vínculos desses aspectos com o que se trabalha nos textos impressos de cada módulo, para facilitar a localização, o acompanhamento, o estudo e a aprendizagem.

Com essa medida, procuramos estimular o querer saber mais sobre os diferentes temas, já que, tal como estão produzidos, os vídeos possibilitam muitas leituras diferentes. Nossa expectativa tem sido a de provocar a necessidade de buscar mais informações, ler mais e realizar atividades relacionadas aos temas que discutimos em cada vídeo, como forma de aprender e de atuar.

Esses aspectos ficam visíveis nos títulos, nas afirmações, nas questões propostas, nos conceitos, nas palavras empregadas e nas situações vivenciadas pelos personagens, articulando cada vídeo à unidade de conteúdo do módulo do qual ele faz parte.

A Ficha de Avaliação do Impresso e a Ficha de Avaliação dos Vídeos que acompanham cada módulo nos permitirão conhecer mais de perto a maneira como cada cursista se relacionou com esses materiais, suas reações, dificuldades, facilidades e, por meio dessa participação, de-

tectar as tendências predominantes e aperfeiçoá-las para as turmas futuras do curso. Queremos promover aprendizagem significativa, relevante, crítica e criativa e contamos com suas apreciações por considerá-las fundamentais para realizar melhor todo esse trabalho.

No próximo tópico, você encontra os comentários de Vânia Lúcia Quintão Carneiro, coordenadora da produção audiovisual do curso, que atuou em colaboração com as equipes de coordenação e de produção dos impressos e dos vídeos. Vale conhecer o relato dos aspectos principais dessa experiência.

2.2.2. A concepção dos vídeos do curso

Vânia Lúcia Quintão Carneiro⁸

Que tipo de vídeo você esperava que este curso lhe oferecesse?

O curso tem como conteúdo linguagem audiovisual, produção audiovisual e tecnologia audiovisual. Integrar televisão e vídeo às práticas pedagógicas perpassa todo o conteúdo. Uma especificidade da linguagem audiovisual é adequar-se à ficção narrativa e à identificação emocional. E seria inadequado transferir para o vídeo a linguagem analítica específica do impresso.

Para produzir vídeos **que** contemplam exigências de formulação audiovisual e de objetivos educativos, a primeira demanda é que o vídeo educativo vá além de mero suporte à transmissão de conteúdos e se afirme como meio interessante e desafiador, provocador de aprendizagem, reflexão, indutor da experimentação.



Atividade 30:

**Que função(ões) os vídeos deste curso têm desempenhado?
Se necessário, reveja a conceituação de funções do vídeo na
Unidade 1 deste módulo.
Inclua seus comentários no Memorial e envie-o para seu(sua)
tutor(a).**

Coordenadora da produção educativa dos vídeos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje.

O vídeo deve aproximar-se do programa motivador fundamentado na *pedagogia do depois* para superar a transmissão do conhecimento em que se modela a *pedagogia do enquanto*.⁹ Busca criar expectativas, surpreender, conquistar o telespectador, oferecer pontos de fuga enriquecedores, promover a discussão, a pesquisa e a extensão do trabalho, além do momento da exibição, para que a aprendizagem se concretize.

A **autocrítica** mostra que se correu risco de não-aceitação, de quebrar a expectativa do cursista de encontrar no vídeo a repetição do material impresso, a tradução audiovisual dos conteúdos; de incomodar por não oferecer o conhecimento pronto, mas incitar a ampliar informações, estudar o texto impresso, consultar fontes. É importante relacioná-lo dinamicamente com o impresso, o desejo de aprender, de explorar livros, revistas e outras mídias para compreender e dominar o objeto do conhecimento.

Atividade 31:

Classificou-se **programação educativa em relação à articulação da finalidade educativa com a especificidade da linguagem audiovisual (Unidade 1 do Módulo 2).**

Reveja as considerações e as definições para os tipos de vídeo que articulam o audiovisual.

1. Que vídeo é mais adequado ao conteúdo deste curso?

- a) Aula gravada?
- b) Audiovisual didático?
- c) Lúdico-ficcional didático?

Inclua seus comentários no Memorial e envie-o para seu(sua) tutor(a).



Antes do curso, um vídeo apresentou o programa, a organização do curso e o seu funcionamento. Escolheu-se um programa informativo para transmitir informações que interessassem aos telespectadores, no estilo convencional, com uma apresentadora.

Esse *vídeo de informação* sobre o curso TV na Escola e os Desafios de Hoje teve duração de nove minutos e informou sobre o curso:

⁹ FERRÉS, J. *Vídeo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

- **O conteúdo:** quem o oferece; o objetivo geral de qualificar professores e outros profissionais para utilizarem melhor as tecnologias de TV e vídeo; por que um curso a distância; as características do curso; os compromissos com a atualização e o aperfeiçoamento dos professores e a melhoria da qualidade do ensino e da escola pública; o *kit* de materiais; suportes, assistência, tutoria.
- **Os recursos usados** foram: apresentadora, cenário fixo, computação gráfica.
- O pré-roteiro, elaborado por Mauro Burlamacchi a partir de texto com informações pertinentes, foi discutido com profissionais da UniRede e da Seed/MEC, reformulado e aprovado. Gerou-se um **roteiro final** estruturado em sequências que, com pequenas adaptações, se enquadra no que se denomina proposta para vídeo institucional, instrucional, promocional.
- **A estrutura** do vídeo sobre o curso:
 1. Apresentação
 2. Introdução
 3. Histórico
 4. Descrição e características do curso
 5. Estrutura organizacional
 6. Qualidades e benefícios
 7. Suportes
 8. Conclusão

Acreditava-se que "um dos veios promissores para o desenvolvimento da aprendizagem por meio da televisão, desde que elaborado com criatividade e competência, pode ser a interação do compromisso educativo com a narratividade, com o conflito e as emoções."¹⁰

Desafiador era criar um programa de ficção que atendesse aos objetivos de incentivar investigação, aprendizagem, experimentação em TV e vídeo. Daí a opção pelo novo tipo de roteiro.



Atividade 32:

Assista ao vídeo institucional e identifique a estrutura formal. Essa estrutura usada no vídeo de divulgação do curso seria a mais adequada para focar o conteúdo do curso? Inclua seus comentários no Memorial e envie-o para seu(sua) tutor(a).

- BRAGA, José Luiz. Prefácio em: CARNEIRO, V. L. Q. *Castelo Rá-Tim-Bum: o educativo como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 1997.

A seguir, Marcya Reis, que elaborou o roteiro dos vídeos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, descreve o processo de criação de um roteirista profissional e sua importância na produção de vídeos e filmes.

2.2.3. O roteirista

Marcya Reis¹¹

O bom roteirista é um tipo meio diferente dos outros. Você é capaz de reconhecê-lo de longe. Em primeiro lugar, ele observa tudo. E tudo é tudo mesmo! Quando vê um ônibus passando na rua, por exemplo, o bom roteirista não pensa só no ônibus. E nem deixa esse ônibus simplesmente passar por ele. O bom roteirista vê quem está lá dentro, com os olhos do desconhecido, do novo, do absolutamente original. Olha para os rostos dos passageiros, um por um. Observa como estão vestidos. O que carregam. A maneira como andam, como se movem, como se comportam. As marcas que trazem em seus rostos. Percebe as expressões de cada um. O que dizem uns para os outros e como dizem. E depois de tanto observar, fica imaginando quem seriam aquelas pessoas, para onde iriam, quais seriam suas histórias. Pronto, o bom roteirista chegou aonde queria. A história. Tudo o que você vê, ouve ou sente contribuirá para a formação das idéias que se transformarão, mais tarde, na sua história.

A sua vivência pessoal é muito importante nesse processo de criação. Mas é preciso, antes de tudo, adotar uma postura de estranhamento diante das situações mais corriqueiras e aparentemente banais do seu próprio cotidiano. Uma criança observando um inseto, uma fruta que cai da árvore, um simples passeio de carro, podem se transformar em grandes e belas cenas, cheias dos significados mais diversos, é claro, quando acompanhadas de música, efeitos sonoros e visuais, enquadramentos diferenciados e edição.

Você se lembra da cena inicial do filme *Forrest Gump*? A câmera simplesmente segue a trajetória de uma folha que acaba de cair de uma árvore. Milhares de folhas caem de milhares de árvores todos os dias,

¹¹ Jornalista e roteirista, atua na produção de roteiros para cinema e televisão. Escreve os roteiros dos vídeos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje. Este tópico foi adaptado do original de Marcya Reis, *O roteirista*. Brasília: UniRede e Seed/MEC, 2001 (mimeo.).

no mundo todo. Vemos essa mesma cena a toda hora e em todo lugar. Então por que aquela folha caindo de uma árvore em *Forrest Gump* parece tão especial? Por que emociona tanto? Esse é o segredo e a magia do audiovisual.

a) Simbologia

O bom roteirista também é um desconfiado. Desconfia de absolutamente tudo. No mundo dele, nada é gratuito. Quando escreve uma cena, pensa em todos os detalhes que serão mostrados e seus respectivos significados. Por isso, a linguagem dos **símbolos** é muito importante numa história. Sem precisar falar, você diz muito.

No filme *À espera de um milagre*, por exemplo, estrelado por Tom Hanks, um ratinho que aparece na prisão é um vínculo emocional entre os personagens da história. É por meio dele que o roteirista mostra quem são os personagens bons, os maus, os que estão arrependidos, etc. Mas não é só isso. A figura do rato tem muitos significados em si mesma. De acordo com o *Dicionário de símbolos*, de Chevalier e Gheerbrant, segundo uma tradição primitiva, vinda da Grécia antiga e que encontra paralelos na Índia, o rato teria o "duplo poder de trazer e curar as doenças". Para alguns povos europeus da Idade Média e no Japão, o rato também é associado à abundância e à riqueza e, veja só, é um dos símbolos da eternidade ou da imortalidade, dada a sua incrível capacidade de reprodução. Pois não é que o pequeno ratinho do filme, que se passa num corredor da morte, consegue fazer um contraponto perfeito com o perfil de todos os personagens da trama? Este é o poder dos símbolos na linguagem audiovisual.

Da mesma forma, muitas vezes, nos bons roteiros, estes detalhes - que podem ser um objeto, um animal, uma pessoa, uma cena - identificam pistas que permitem antecipar acontecimentos importantes da história.

O famoso filme *Cidadão Kane*, de Orson Welles, é um bom exemplo disso. A história gira em torno de um mistério: *Rosebud* (botão de rosa), a última palavra que um velho magnata da imprensa diz antes de morrer. Ninguém entende o significado daquele gesto. Mas o que poucos espectadores se dão conta é que, logo no começo da história, o esperto roteirista deu uma indicação clara que, desde os primeiros minutos do filme, permitia elucidar o caso. É aí que "a cobra morde o rabo", ou seja: o final do filme remete ao seu começo. *Rosebud* era o nome escrito em

um velho trenó, a lembrança mais significativa que Kane havia guardado de sua infância pobre e distante, e, certamente, do objeto que o fizera mais feliz, cuja perda o tornou também o símbolo da dor para toda a sua vida.

Como se vê, detalhes como esse dizem muito sobre o personagem e sobre a história. Por isso, desconfie! E alimente o seu roteiro com esses elementos que poderiam até passar despercebidos, se não fossem fundamentais para a história.

b) Conflito e trama

Toda história tem começo, meio e fim. As histórias contadas nos roteiros de ficção são, geralmente, baseadas em um *conflito*, que desencadeia a trajetória do personagem principal até o *desfecho*. A história precisa ter pelo menos um conflito. Mas pode ter dois, três... Para o roteirista espanhol Juan Madrid, em todo filme "alguém quer alguma coisa. Consegue ou não? Cabe a você decidir". O conflito é um problema, um obstáculo, uma barreira que impede que o personagem principal consiga o que quer.

De um modo simplificado, a *trama* é a rede de relações e conflitos que envolve e liga personagens e acontecimentos em uma única história. A trama é extremamente ativa; é ela que faz que a história caminhe até seu *clímax* e conseqüente *resolução*.

E o documentário? Ele também pode conter uma *evolução dramática*, por que não? Os acontecimentos registrados na vida sempre têm a sua ordem natural, a sua cronologia, o seu ponto alto, o seu conflito. Identificar e organizar esses registros criando uma história, mesmo que de forma sutil, vai contribuir para que o seu documentário se torne muito mais interessante.

No caso específico da série de vídeos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, foram criadas diversas situações - a partir do cotidiano de uma família de classe média - que evoluem como histórias, com começo, meio e fim. Em meio ao dia-a-dia da família Teles, estão inseridos conceitos, entrevistas, explicações e idéias que são fundamentais para a compreensão do curso em todos os seus aspectos. É uma trama que mistura realidade e ficção.

d) Personagens

Seja na literatura ou nos filmes do cinema, frequentemente encontramos uma tendência maniqueísta, quer dizer, uma divisão bem marcada entre o bem e o mal.

j **Protagonista** é o personagem principal da história, aquele que age, ou a partir de quem os acontecimentos se desenrolam. Pode ser uma única pessoa, uma dupla, um grupo de pessoas, ou até mesmo um animal. Ele é o bom, o herói, aquele por quem o público torce. Aquela que deve resolver o problema apresentado no conflito para vencer no final... ou não.

J **Antagonista** faz contraponto ao protagonista. Ele é o vilão, o gerador do conflito. Sem o antagonista, não há história. Mas nem sempre fica claro quem é o antagonista. Às vezes, ele só é descoberto no final da história. Às vezes, ele é apenas uma situação, um desejo irrealizável, uma impossibilidade física, intelectual, espiritual.

- **Protagonista e antagonista também se confundem.** É o que acontece no filme *Os suspeitos*. O personagem de Kevin Spacey quer se livrar da prisão e, por isso, depõe na delegacia como se fosse a vítima. Um gênio brilhante que se faz de bobo, inventa uma história e consegue ser liberado pelo delegado. O personagem engana todo mundo, a polícia e até o público, que só descobre que ele é o grande vilão da história nos cinco minutos finais do filme. Até aí, estava todo mundo torcendo para que ele fosse libertado.
- **Os personagens secundários** são ajudantes, ou seja, eles servem para auxiliar o protagonista a resolver o conflito, ou o antagonista a atrapalhá-lo. Algumas vezes eles têm funções mais importantes na trama e chegam a desenvolver suas próprias histórias paralelas, que também devem ter começo, meio e fim. Também podem ser colocados somente para ajudar no andamento da trama, como um carteiro que leva uma carta esperada pelo protagonista.

A família Teles, que você vê nos vídeos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, é, ao mesmo tempo, protagonista e ajudante. Protagonista porque é ela que define o fio condutor da história. É a vida da família que está sendo mostrada nos vídeos. É a partir dela que se desenvolve a trama. Mas, de outro lado, ela desempenha também um segundo papel,

que é o de auxiliar o aprendizado do cursista, levantando questionamentos, dando idéias, explicando a operação de equipamentos... enfim, demonstrando nos fatos do cotidiano (às vezes até de uma forma sutil) todos os conceitos ensinados nos módulos escritos. Cada personagem tem uma personalidade diferente, com qualidades e defeitos. Olavo é aquele paizão que todo mundo queria ter, participativo e carinhoso. Mas também é extremamente prático, seguro de si, e pensa que sabe tudo. Não gosta de admitir que está errado e resolve os problemas à sua maneira. Resultado: vira, mexe, ele "dá mancada" e acaba precisando da ajuda do filho ou da mulher.

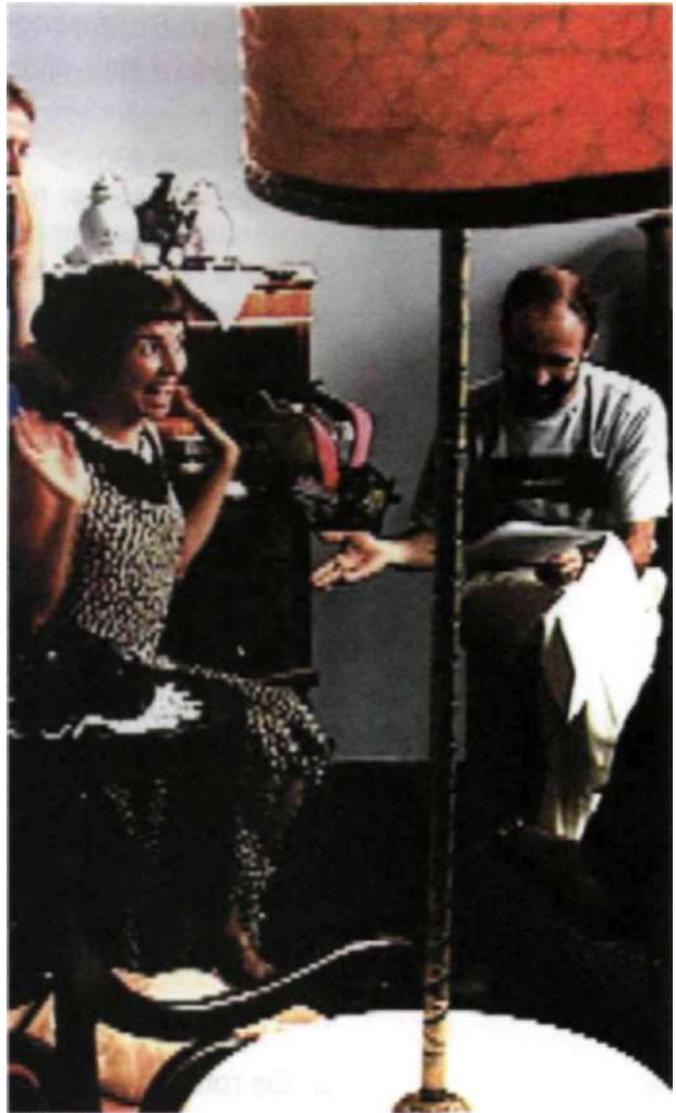
A mãe, Janete, é inteligente e observadora. Tem o maior orgulho do filho. Ativa, cuida de tudo e de todos com dedicação. Só que ainda sofre para se adaptar ao mundo da tecnologia, que evolui com grande rapidez. Mas, apesar das dificuldades, está sempre disposta a aprender e, perseverante, acaba conseguindo no final.

O filho, Juninho, representa o novo, o moderno, o atual. É um menino esperto, curioso, criativo e sensato, interessadíssimo em tecnologias da comunicação. A missão dele é, principalmente, desmitificar a utilização de equipamentos - câmera, vídeo, antena parabólica.

É esse comportamento diferenciado dos personagens que ajuda o roteirista a atingir os objetivos do vídeo ou do filme. E é claro, a contar a sua história.

d) *Story-line*, sinopse, argumento e roteiro

De acordo com Marcos Rey em *O roteirista profissional*¹² *story-line* é "a linha da história. O resumo. Mas o resumo resumido. (...) não passe de



¹² REY, Marcos. *O roteirista profissional*. São Paulo: Atiça. 1989.

seis linhas. Se não conseguir resumir, algo está errado. Você ainda não está vendo a idéia claramente".

Atividade 33:

Toda e qualquer boa história pode ser contada em apenas seis linhas (ou até menos). Não acredita? Faça um teste. Tente explicar a história de um livro que você leu ou de um filme visto no cinema dessa forma sucinta.

Conseguiu? Você está no caminho certo. Já pode passar para a próxima etapa: o argumento.

Ainda segundo Rey, "o *argumento* já descreve toda a ação da história, começo, meio, fim, personagens e tudo mais. É como um conto, porém objetivo, preso aos fatos e narrado sem literatices" (grifo nosso).

- O argumento não contém diálogos e deve ter entre dez e trinta páginas, no caso de um *longa-metragem*.
- Para o argumento de um *curta-metragem*, três ou quatro páginas são mais que suficientes.

O roteiro é a versão acabada da história, dividida em sequências, com diálogos desenvolvidos.

- Os roteiros de longa-metragem costumam ter, em média, 120 páginas.
- i Num roteiro formatado no padrão americano, conta-se um minuto por página escrita.
- No caso de documentários, que contêm cenas e depoimentos reais, fica mais difícil descrever o que constará no roteiro final. Na vida real, sempre há surpresas e imprevistos. Portanto, elabora-se inicialmente um *pré-roteiro*, que é uma espécie de previsão organizada do que deverá ser o filme. É ele que irá guiar a equipe de realização no momento de colher imagens e entrevistas. Mas é claro que a sensibilidade do diretor poderá modificá-lo, diante de situações interessantes encontradas nas gravações, que o roteirista jamais poderia prever. Depois de todo o material recolhido, o roteirista e o diretor discutem e decidem o que deve ser levado ao roteiro final. E aí sim ele pode ser finalizado.

- Os roteiros, tanto de documentário quanto de ficção, passam por vários *tratamentos* antes de chegar a sua versão final. Na maioria das vezes, os ajustes são feitos para aperfeiçoar a história de acordo com o público-alvo e o conteúdo que se pretende passar, ou para adequar o roteiro aos recursos da produção, como tempo de realização e custos.

e) Diálogos

Os diálogos são uma das partes mais difíceis na construção de um roteiro. Hoje em dia, já existem até roteiristas especializados exclusivamente nesse trabalho, conhecidos como dialoguistas.

Nos roteiros de ficção, o conselho é que os diálogos expressem a personalidade de cada personagem. Ao escrevê-los, é necessário compreender bem a linguagem do personagem, colocar-se no lugar dele e ter uma idéia exata de como ele falaria.

A *verossimilhança* é um fator decisivo para que seu diálogo pareça verdadeiro e natural.

Também é recomendável que você não desperdice palavras. Os personagens não precisam dizer o que já está sendo visto na tela. Se ele disser "vou para o meu quarto" deve ter um bom motivo para isso; se não, não precisa dizer. Basta a imagem do personagem indo para o quarto.

f) Formatação

É muito importante colocar as idéias no papel de maneira ordenada para que todos entendam e visualizem o andamento da sua história. Imagens e áudio caminham lado a lado nos roteiros. Por isso, existem algumas regras técnicas que facilitam a leitura e o entendimento.

- b *modelo americano* - o mais usado em roteiros de ficção e considerado padrão internacional - deve ser feito na fonte *Courier New*, em corpo 12, com espaçamento simples entre linhas. As *sequências* numeradas abrem o *cabeçalho*, que deve mencionar o cenário, se é dia ou noite, interior ou exterior. A descrição das ações antecede os diálogos. Os termos técnicos e as abreviaturas são em inglês. Como exemplo, um trecho do roteiro do longa-metragem *Angelus*, de Marcyia Reis:

SEQ. 09 - INT. SALA DE AULA - DIA

CLOSE UP DE FREI BELO

que respira fundo antes de falar uma frase em latim, prontamente repetida pelos alunos. Uma borboleta amarela debate-se no vidro da janela. Ângelo está muito distraído olhando para ela e não presta a menor atenção às explicações do professor, um homem muito alto e de rosto juvenil, cujo aspecto geral confirma o apelido que lhe colocaram: FREI BELO. O frei percebe o descaso do aluno e decide colocá-lo à prova:

FREI BELO

Ângelo! É a sua vez.

O menino assusta-se, olha para os lados e aponta para si mesmo.

ÂNGELO

Eu?

FREI BELO

Menino do céu! Claro que é você. Ou tem algum outro Ângelo por aqui?



j *roteiro em duas colunas:* outra maneira de formatar o texto - este mais comum em documentários e vídeos institucionais - é o que divide vídeo e áudio em duas colunas. Como exemplo, um trecho do roteiro do vídeo da Unidade 1, do Módulo 1 do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, de Marcyia Reis:

Vídeo	Áudio/som
Carteia animada com imagens de televisão, máquina fotográfica, câmera de vídeo, computador, CDs, telefone celular, etc. Texto: "TECNOLOGIAS NÃO SE LIMITAM A SUPORTES"	Música instrumental.
Fade	
Janete chora com o filme na tevê. Olavo vibra com o futebol. Juninho ri diante de um desenho.	Locução feminina off a televisão é uma tecnologia que já criou sua própria lógica, linguagem e maneiras particulares de comunicar-se com as pessoas. Locução masculina off ver televisão é interagir permanentemente com as imagens na tela, mesmo que, a princípio, não seja possível compreendê-las muito bem.

Fade'	
Janete prepara-se para sair. Segura bolsa e casaco. Ela é vista de frente. Olavo e Juninho são vistos de costas, em contraplano.	JANETE - Só volto à noite, viu? Vocês vão ter que se virar sozinhos aí com o almoço. JUNINHO - A gente se vira, né, pai? OLAVO - É, está tudo sob controle. JANETE - Então... tchau! OLAVO E JUNINHO - Tchaaaau!
Olavo e Juninho olham em volta.	Música instrumental.

* Fade: efeito que consiste no aparecimento ou desaparecimento gradual da imagem e do som.

- Há algum tempo, o roteiro foi *literário*. O texto assemelhava-se aos livros de literatura. Descrevia não só a história e os diálogos, mas também as impressões do roteirista, os sentimentos dos personagens, divagava sobre a filosofia da cena.
- O roteiro também já foi **decupado**. Extremamente técnico, descrevia planos de câmera, enquadramentos e efeitos cena a cena.



Ainda não existe um formato que seja considerado um consenso entre os roteiristas, mas o modelo mais usado se detém na descrição objetiva dos acontecimentos nas cenas e diálogos, com algumas indicações de intenção para os atores, mas somente quando estas se mostrarem imprescindíveis. Assim, o diretor fica livre para interpretar o roteiro a sua própria maneira, fazendo até eventuais modificações no momento da gravação ou filmagem, caso julgue necessário.

No texto que se segue, do diretor dos vídeos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, você encontrará uma caracterização de aspectos importantes da direção e da produção dos nossos vídeos.

2.2.4. Produção e edição do programa: a interpretação do roteiro

Getsemane Silva¹³

Você já pensou em imagens, cores e pessoas ao ler um livro ou um conto?

Jornalista e diretor de TV. Dirige a produção e a montagem dos vídeos deste curso. Este tópico foi adaptado do original *Produção e edição do programa. A interpretação do roteiro*. Brasília: UniRede e Seed/MEC, 2001 (mimeo.).

Lendo as descrições das cenas, os diálogos entre os personagens, já visualizou como seria aquilo no cinema ou na televisão?

Esse é, mais ou menos, o trabalho do diretor de audiovisual ao receber o roteiro e transformá-lo num programa editado. O roteiro, sozinho, não traz todos os detalhes do produto editado. Alguns, por exemplo, indicam onde deve entrar a trilha sonora, outros não. Mas nenhum roteiro vai explicar como aquela determinada cena deve ser produzida. Ele indica a sequência pronta, como deve ficar. *É aí que entra a interpretação do diretor.* Ele vai pensar na melhor maneira para produzir a cena, que tipo de música se encaixa e onde ela deve entrar para garantir o efeito sugerido pelo roteirista.

Um diretor não trabalha sozinho.

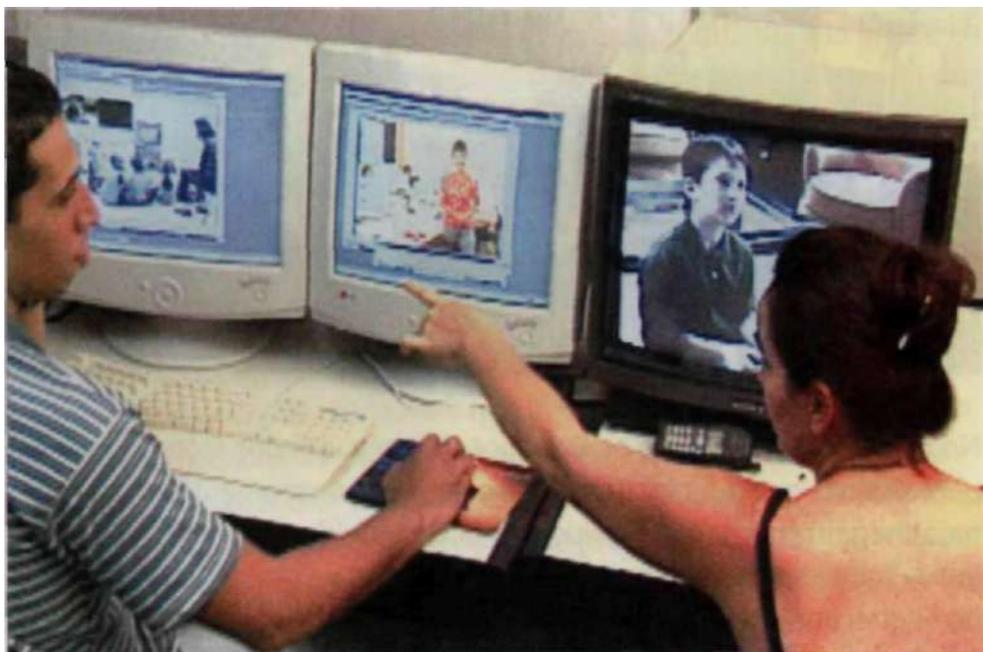
- Ele tem sempre um *produtor* para viabilizar a gravação. Juntos, eles fazem a decupagem do roteiro e, então, montam o roteiro de produção, uma agenda de atividades que inclui a gravação. *A decupagem do roteiro vai* dividir o texto do roteirista em blocos para gravação. Juntos, diretor e produtor decidem as partes que podem ser rodadas primeiro, pois não necessitam de muita produção prévia. Identificam as cenas que usam atores e ambientação necessária: objetos de cena, roupas, locação (lugar onde será gravada a cena).
 - Na decupagem do roteiro o diretor vai identificar *blocos de produção independente*, como as vinhetas, e vai discuti-los com a pessoa responsável, geralmente um *profissional de videografismo*. O roteiro indica o que a *vinheta* deve ter (texto e às vezes imagens). Mas a maneira de montar, as cores, como essas imagens aparecem na tela e como o texto encerra a vinheta, vai depender, novamente, da interpretação que o diretor e o videografista fizerem do roteiro.
- J Com o roteiro de produção na mão, a equipe pode começar a produzir. Marcar entrevistas, descobrir a pessoa ideal para dar os depoimentos sugeridos no roteiro e montar uma agenda de gravação que reúna todos os entrevistados da melhor maneira possível. É preciso levar em conta o *tempo de produção*. Por exemplo, marcar com os entrevistados num mesmo lugar, oferecendo transporte, facilita a gravação, já que não será necessário remontar os equipamentos num outro lugar. Enquanto a equipe de gravação já está rodando, a produção prepara a gravação das cenas com atores.



No curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, um dos roteiros indicou, por exemplo, que o Juninho vai estar estudando no momento em que seus pais chegam em casa. A produção precisa providenciar livros, cadernos, lápis. Tudo tem de estar preparado para a hora da gravação. Um pequeno esquecimento da equipe de produção pode atrasar bastante o trabalho dos atores e do pessoal de estúdio.

- J A *interpretação dos atores* também é guiada pelo diretor. O ator lê o diálogo no roteiro e monta seu personagem. Mas o diretor diz se aquele tom de voz, a expressão do olhar ou o movimento do corpo estão satisfatórios para a cena que ele imaginou.
- J Outro profissional que trabalha com o diretor para criar a cena ideal é o *diretor de fotografia*. Ele vai montar, em estúdio, a melhor luz para a seqüência. No curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, se é noite, por exemplo, uma luz suave, que produza sombra dos móveis e o tom intimista da família Teles antes de ir para a cama. Mais uma vez, a interpretação do roteiro é essencial para a realização do programa. No momento da gravação das cenas, o *enquadramento* também depende muito da interpretação do diretor. O roteiro traz os diálogos e como eles devem ser ambientados. Mas geralmente não indica posicionamento de câmera, ou se o personagem dirá sua frase em close, pertinho do telespectador, ou numa "geral", onde todos os personagens aparecem na tela. O diretor decide se faz uma coisa ou outra, dependendo da ênfase que ele quer dar a uma determinada frase ou expressão do ator em reação à frase.

- u Com todas as partes do programa gravadas, o diretor começa o *processo de montagem, a edição*. É bom lembrar que elas não foram gravadas na mesma sequência que estão no roteiro, mas na ordem que era mais prática para a produção. A edição, sim, vai seguir a ordem do roteiro, mas isso não quer dizer que acabou o trabalho de interpretação do diretor.



A *trilha sonora*, por exemplo, vai depender muito dessa interpretação. Num programa de TV ou num filme, o papel do som é muito importante. O som vai destacar cenas, marcar vinhetas, pontuar questões que o roteirista achou importantes. Muitos roteiros, entretanto, não trazem essa indicação. O diretor e o editor do programa vão decidir se aquela determinada música, ou mesmo efeito sonoro, encaixam-se num determinado ponto do programa. Uma frase na cena com atores pode ser destacada com um efeito sonoro. Aliado ao efeito visual, como um close, o som marca aquela frase ou expressão facial do ator. Aquela momento específico do programa chamará mais a atenção de quem assiste. Uma **vinheta** com informações importantes para o programa pode chamar mais a atenção se for montada com uma **trilha sonora** atraente.



O trabalho de interpretação do roteiro feito pelo diretor e sua equipe (produtor, diretor de fotografia, editor, atores) é a continuação do trabalho do roteirista. Se há sintonia entre as duas fases da realização de um audiovisual, o programa tende a ficar mais "redondo". O jargão de televi-

são indica um programa agradável para o telespectador e que atende às necessidades do conteúdo proposto pela equipe de criação.

George Kuroki, da equipe de realização dos vídeos do nosso curso, dá uma visão geral sucinta do processo de produção, segundo sua própria experiência em realizá-los.

2.2.5. Em síntese, como são feitos os vídeos do curso?

George Kuroki¹⁴

Tudo começa com o trabalho dos especialistas que definem o conteúdo do programa.

O segundo passo é passar a idéia para o papel. Nasce o roteiro, que define cada cena, cada fala dos personagens, o cenário e tudo que vai acontecer na tela.

Depois de analisado, modificado e aprovado o roteiro, entra em cena a produção para providenciar o que o roteirista previu. Montado o cenário, contratados os atores, é hora do "luz, câmeras, ação". Começam as filmagens no estúdio, nas escolas, nas ruas ou onde o roteiro mandar. Não precisa nem ser na ordem, às vezes uma cena que você vê no fim do programa foi a primeira a ser filmada.

O diretor, como um maestro, garante o ritmo do roteiro, a atuação dos personagens e dá todo o colorido necessário para o programa, de acordo com as técnicas de fazer televisão.

Tudo feito, o material filmado vai para a ilha de edição. É aí que tudo começa a ficar parecido com o que você vê na TV. O editor do programa coloca as cenas na ordem, cria os efeitos visuais, a computação gráfica e os créditos, que são aqueles nomes que você vê no fim do filme para identificar a equipe que fez o trabalho. A edição é que dá uma sequência lógica e coerente ao trabalho do diretor. Aí é só "mandar para o ar".

¹⁴ Coordenador de realização do Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE), da Universidade de Brasília, é coordenador da realização dos vídeos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje.



Atividade 34:

Selecione um vídeo educativo deste curso. Reveja-o. Se for preciso, use os recursos do videocassete para pausar, avançar, retroceder.

Elabore a ficha do vídeo. Responda às questões.

Encaminhe todas as suas respostas e a ficha do vídeo ao (à) seu (sua) tutor(a) juntamente com o Memorial.¹⁵



1. FICHA DO VÍDEO ESCOLHIDO

Título: _____ Duração: _____ Nº da fita: _____

Público-alvo: _____

Sinopse: _____

Realização: _____ Ano: _____

Gênero: _____

Tema: _____

Especialista(s) convidado(s): _____

Roteirista: _____

Diretor: _____

Avaliação geral (em relação ao conjunto, ao tema e à forma): _____

Áreas/disciplinas relacionadas ao tema: _____

Interfaces possíveis: _____

Conceitos que podem ser estudados: _____

As questões do nº 3 ao nº 10 baseiam-se nas pautas propostas por J. Ferres. 1996. obra citada, p. 120-128.

2. RESPONDA:

1. Quem são os atores?

- A atuação dos atores que interpretam os personagens Juninho, Olavo e Janete é convincente?
- Os **personagens** são envolventes?
- O **diálogo** é adequado aos perfis dos personagens?
- O **figurino** é adequado?

2. O tema abordado:

u é adequado à linguagem audiovisual?

- é adequado ao nível de compreensão do público-alvo?

3. Que função(ões) o programa pode desempenhar?

4. Sua formulação educativa do vídeo é a de uma aula gravada? Predomina a originalidade ou a redundância? Suscita trabalho posterior à exibição?

5. Qual é a estrutura do programa? O início desperta o interesse, cria expectativas? O desenvolvimento responde a esse interesse inicial? Os conteúdos veiculados são bem dosados? O final é adequado ao desenvolvimento?

6. Em sua formulação audiovisual utiliza a linguagem audiovisual? Comunica idéias por meio das emoções? Qual o **gênero**: entrevista, narração, ficção, documentário, reportagem, institucional? Mistura gêneros? Prepondera a imagem ou o som?

7. Na equipe técnica, quem é o cinegrafista ou o câmera responsável pela gravação?

- Quais as origens das **imagens**: gravação direta, arquivo, filme, desenhos, computação gráfica?
- Quais os tipos de **planos** que são mais usados: planos médios, gerais, closes? Abusa do **zoom** ou dos movimentos de câmera?
- O cenário é adequado?

8. Na equipe técnica do vídeo, houve a participação de profissional responsável especificamente pelo som?

- Os **recursos sonoros**: músicas, canções, vozes gravadas, efeitos sonoros enriquecem o tema?
- São utilizadas vozes em off ou vozes em direto?



- As vozes são agradáveis?

9. Foram aproveitadas as **possibilidades expressivas** do meio audiovisual?

10. O que você **gostaria que fosse diferente?** Por quê?

11. Outros aspectos que você queira comentar.

12. O que você **sugere** para aperfeiçoar o vídeo analisado?

Unidade 3

Planejando a utilização pedagógica de TV e vídeo na escola

Introdução

Nesta unidade, buscamos discutir a elaboração de propostas de utilização da televisão e do vídeo nas práticas pedagógicas, inserindo-as na discussão mais ampla do Projeto Político-Pedagógico da escola. Trata-se de contextualização necessária, ponto de partida para a transformação das práticas pedagógicas, alicerçando-as no diagnóstico da realidade local, das possibilidades, das dificuldades, das carências e dos projetos.

Conhecendo melhor as circunstâncias e as condições em que atuam, os educadores, os alunos e a comunidade podem, numa ação conjunta, buscar soluções inovadoras na formação dos cidadãos. Tais soluções possibilitam construir conhecimentos sobre a linguagem audiovisual e sua integração como meio de ensino, de aprendizagem, de expressão, inserindo-a na prática pessoal, institucional e comunitária, em sintonia com as novas demandas sociais. Algumas experiências são mencionadas como ponto de partida para que você possa elaborar sua própria proposta de utilização dos audiovisuais na sua prática pedagógica, à luz do Projeto Político-Pedagógico da escola em que atua.

Objetivos

1. Discutir as possibilidades de inserção da televisão e do vídeo no contexto educativo.
2. Explorar algumas experiências de utilização da televisão e do vídeo na escola.
3. Buscar soluções a partir de diagnósticos das necessidades de integração, dos objetivos a perseguir, das funções que podem desempenhar e das competências a desenvolver.
4. Propor ações que ajustem meios e produtos ao contexto.

Conteúdo:

- 3.1. Planejando a utilização pedagógica de TV e vídeos no Projeto Político-Pedagógico da escola**
- 3.2. Experiências bem-sucedidas: alguns relatos**
- 3.3. Produção audiovisual com crianças, adolescentes e jovens: algumas experiências**

3.1. Planejando a utilização pedagógica de TV e vídeos no Projeto Político-Pedagógico da escola¹

Introdução

Esta unidade apresenta algumas reflexões e orientações sobre a utilização da TV/vídeo na construção do Projeto Político-Pedagógico da escola. Estamos diante de um mundo que se transforma rápida e profundamente. Para realizar bem seu trabalho nesta nova configuração da sociedade, o educador precisa entender essas mudanças em suas dimensões política, econômica, social e cultural. Poderá, assim, realizar um trabalho que contemple a formação de verdadeiros cidadãos sintonzados com seu tempo.

Os alunos vivem hoje uma realidade inteiramente nova para uma parcela considerável de professores. A imagem ocupa todos os espaços no interesse de crianças e jovens. Como transmissora de cultura e geradora de conhecimentos, a escola precisa interpretar os fatos do dia-a-dia, pois não pode mais ficar distanciada dos meios de comunicação. Eles exercem hoje uma influência decisiva na educação de crianças e jovens.

Para isso, o professor precisa incorporar em sua prática docente a utilização das modernas tecnologias da comunicação e, assim, capacitar seus alunos no domínio de outras linguagens que estão presentes no cotidiano.

Aprender linguagens
redunda em aprender a
aprender.

Este tópico foi adaptado do original de Maria Helena Antunes, intitulado *A TV Escola no Projeto Político-Pedagógico*. Brasília, Seed/MEC, 2000 (mimeo.). Para atender aos objetivos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, foi acrescido de trechos de alguns textos da Série de Estudos de Educação a Distância publicados pela Seed/MEC.

Uma nova sociedade exige uma nova prática educativa, mediante o uso de novas linguagens de comunicação, como a da televisão e do vídeo. É dentro desse panorama que a TV Escola pode, efetivamente, contribuir para a construção da qualidade no espaço escolar, desde que a apropriação desse importante recurso não se limite a iniciativas isoladas de um ou outro professor.

O Projeto Político-Pedagógico pode incluir não apenas a utilização da TV Escola como a de todos os recursos audiovisuais que julgue apropriados para o salto na direção da qualidade, por meio da formação dos professores e da utilização de novas linguagens nas atividades escolares.

A proposta de utilização da produção audiovisual de vídeo, da televisão aberta e da TV Escola no Projeto Político-Pedagógico da escola que aqui fazemos não pode ser vista como um "receituário" para ser seguido à risca. Ela representa um recurso a mais, dentre os textos que tratam do tema e os relatos de experiências bem-sucedidas que, somados à criatividade da comunidade escolar, poderão resultar num projeto representativo de cada escola e, portanto, singular em relação aos demais.

3.1.1. A escola e a cidadania

Iniciaremos o exame dessas possibilidades retomando o conceito de cidadania, que nos remete a uma dupla matriz histórica. Primeiramente, à **Antiguidade grega**, em que o surgimento da **pólis** é concomitante a outras transformações também marcantes e culmina com a figura do cidadão, num mundo antes marcado pelo desígnio divino. Segundo Aristóteles, "o que constitui propriamente o cidadão, sua qualidade verdadeiramente característica, é o direito de voto nas assembléias e de participação no exercício do poder público em sua pátria" (Aristóteles, 1991: 36). Naquele momento, o que tornava o indivíduo cidadão era a capacidade de decidir os destinos da pólis, ficando excluídos os escravos, os estrangeiros e as mulheres.

Na **Modernidade**, a cidadania tem como referencial a Revolução Francesa e a Declaração dos Direitos do Homem, que traduz, ao mesmo tempo, um direito e o exercício desse direito. Assim, quando falamos de cidadania, estamos nos referindo a uma qualificação da condição de existência dos homens em sua vivência social, a passagem de súdito a cidadão, mediante evolução e revoluções.



Como se apresenta a questão da cidadania na perspectiva da Pós-Modernidade? Para Otávio Ianni, estamos diante de uma sociedade civil mundial:

Aqui começa a história novamente. Em lugar das sociedades nacionais, a sociedade global. Em lugar do mundo dividido em capitalismo e socialismo, um mundo capitalista, multipolarizado, impregnado de experimentos socialistas. (...) O mundo mudou muito ao longo do século XX. (...) Aos poucos, todas as esferas da vida social, coletiva e individual são alcançadas pelos problemas e dilemas da globalização.²

Ou seja, somos cada vez mais cidadãos-mundiais sem sair do lugar, e uma evidência da tribo em que se transformou o mundo é o consumo de produtos e serviços em escala mundial.



Ninguém quer perder a própria identidade.

Por outro lado, há outra tendência, que Teixeira Coelho identifica como *localismo*, no sentido de uma aspiração presente na **Pós-Modernidade**, de retorno ao particular, ao pequeno e ao diferente, em oposição ao universal, ao grande e ao igual (Teixeira Coelho, 1999: 242). Enquanto cresce a globalização da economia, assistimos à emergência do poder local, como forma de resistência à uniformização, de desejo de afirmação da singularidade de cada região. Como forma, enfim, de garantir a autonomia.

Diante das mudanças na atuação dos indivíduos ante as políticas públicas, o lugar da educação para a formação desse novo cidadão-mundo precisa ser repensado a partir de novos referenciais.

Na realidade, é preciso assegurar aos cidadãos tanto o acesso às informações sobre o mundo como os modos de articulá-las e organizá-las, mediante um diálogo entre as várias disciplinas científicas, de maneira que "todos busquem, no universo da linguagem, a possibilidade de comunicação, de lidar com o outro e com ele partilhar as suas reflexões" (Caboclo e Trindade, 1998: 18).³

² IANNI, O. *A sociedade global*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1993, p. 36.

³ CABOCLO, E. T. A. F. e TRINDADE, M. L. A. Multiplicidade: cada identidade uma constelação, *Reflexões sobre a educação no próximo milênio*. Brasília: Seed/Mec, Série Estudos de Educação a Distância, 1998. p. 17-22.

Qual seria, nesse contexto, o papel da escola?

Contribuir para socializar a tecnologia, de modo que todos possam ter acesso aos meios de produção de discurso, estabelecendo diálogo e proporcionando oportunidades para que a tomada de decisão leve a mudanças futuras na sociedade, como consequência de "novas formas de ver, sentir, entender, organizar e representar o mundo, respeitando as diferentes visões dos indivíduos" (Caboclo e Trindade, 1998:19).⁴

A tecnologia faz parte da identidade da vida contemporânea.

E como essas questões seriam introduzidas no cotidiano escolar?

Pela oferta de contato sistemático com as diferentes linguagens e tecnologias, na medida em que "a escola não detém a hegemonia como fonte de "transmissão de saber", e os meios de comunicação são mediadores da construção da identidade pelo sujeito e da construção de sua autonomia" (Caboclo e Trindade, 1998).⁵

Atividade 35:

Discuta esses argumentos com base na realidade da escola em que atua.

3.1.2. A autonomia da escola

Sobre a relação autonomia e cidadania, Carmen Neves afirma:

no complexo cenário internacional e nacional deste fim de século, no âmbito das organizações privadas e públicas, a autonomia é uma tendência que vem se impondo, não como um fim em si mesma, mas como um caminho para a elevação do nível de qualidade dos serviços oferecidos ou prestados aos cidadãos."⁶

Sem a autonomia política do cidadão, a tecnologia serve à opressão.

Dentro dos sistemas educacionais, Moacir Gadotti analisa o processo de "transformar a **escola burocrática** existente numa outra escola, uma escola com autonomia, uma escola cidadã" (Gadotti, 1993).⁷



CABOCLO e TRINDADE, obra citada, 1998. p. 19.

CABOCLO e TRINDADE, obra citada. 1998, p. 20.

NEVES, C. M. C. Autonomia da escola pública: um enfoque operacional. In I. R. A. Veiga (org.), *O Projeto Político-Pedagógico e a Organização do Trabalho da Escola*. Campinas: Papirus.1995, p. 120.

GADOTTI, M. *Escola cidadã*. São Paulo: Cortez, 1993, p. 6.

Também é preciso cuidar da formação da autonomia do cidadão, para a qual

"é necessário que os alunos se posicionem e se façam representar, considerando sua capacidade de produção simbólica nas múltiplas linguagens, o que é essencial para se apropriarem das diversas formas de diálogo do atual contexto" (Caboclo e Trindade, 1998).⁸

Há uma estreita ligação entre a questão da autonomia na escola e o Projeto Político-Pedagógico. Como analisaremos mais adiante, a autonomia revela-se como pressuposto para a construção do verdadeiro Projeto Político-Pedagógico e este configura a "materialização" da autonomia existente na escola.

Para exercitar sua autonomia, a escola precisa romper com a gestão educacional tradicional para, a partir de um outro olhar sobre a realidade, construir um novo padrão de política, planejamento e gerenciamento das questões que envolvem a comunidade escolar. Mais do que "manter a casa em ordem", trata-se de uma nova maneira de pensar a escola, com a participação dos diferentes segmentos e estabelecendo novas relações sociais, em contraposição às relações autoritárias existentes.

Atividade 36:

Consulte o Projeto Político-Pedagógico da escola em que atua e verifique como está definida a participação de alunos, professores e comunidade, bem como o uso das tecnologias (NTIC).

Democracia política e cidadania são como as duas faces de uma mesma moeda.

A palavra autonomia vem do grego e significa capacidade de autodeterminar-se, de auto-realizar-se. Como explica Carmen Neves, "para a filosofia, do ponto de vista ontológico, o vocabulário autonomia significa que certas esferas da realidade regem-se por leis próprias".⁹ Ou seja, a escola autônoma seria aquela que se autogoverna. Algumas pessoas confundem autonomia com ausência do Estado. O fato de a escola ser autônoma não a isenta de obedecer a diretrizes gerais, inseridas num sistema nacional de educação. Assim, uma escola autônoma, uma escola cidadã, é aquela onde se exerce o direito de ter leis

⁸ CABOCLO e TRINDADE, 1998. obra citada, p. 19.

⁹ NEVES, 1995. obra citada, p. 98.

próprias, de acordo com a realidade específica, mas, ao mesmo tempo, a escola autônoma é rígida por leis comuns a todas as escolas inseridas nesse sistema educacional.

Como bem define Carmen Neves,

"a autonomia da escola é, pois, um exercício de democratização de um espaço público: é delegar ao diretor e aos demais agentes pedagógicos a possibilidade de dar respostas ao cidadão (aluno e responsável) a quem servem, em vez de encaminhá-lo a órgãos centrais distantes onde ele não é conhecido e, muitas vezes, sequer atendido. A autonomia coloca na escola a responsabilidade de prestar contas do que faz ou deixa de fazer, sem repassar para outro setor essa tarefa e, ao aproximar escola e famílias, é capaz de permitir uma participação realmente efetiva da comunidade, o que a caracteriza como uma categoria eminentemente democrática."¹⁰

Nessa perspectiva, a autonomia da escola traduz-se como sinónimo de liberdade de ação, sem perder de vista a responsabilidade de cada um nos processos de decisão. É preciso ressaltar que não se trata de discutir se as escolas terão maior ou menor autonomia, mas de reconhecer a autonomia como uma maneira de construir no espaço escolar condições de atuação que beneficiem os alunos com um ensino de qualidade.

- **A dimensão subjetiva da autonomia**

É preciso reconhecer na construção dos significados a subjetividade humana, que se constitui numa rede de significações, em que o imaginário se articula com o real e o simbólico. Por isso mesmo, professores e alunos são autores que se comunicam por meio de diversas linguagens, num processo de construção da subjetividade e da **alteridade**, enfatizando a importância de

'falar de nós mesmos para o mundo, utilizando-nos de cada uma delas, enviando mensagens sob a forma de poesia, com fotografias, via vídeo, fax ou Internet, mostrando ao mundo quem somos, o que fazemos todos os dias em nossa vida e em nossas salas de aula, bem como o que ainda não sabemos e queremos aprender. É preciso continuar sabendo como tornar visíveis nossas possibilidades e limites...' (Ivas e Feldman, 1998).¹¹

Subjetividade e alteridade:
não há uma sem a outra.



¹⁰ NEVES, 1995, obra citada, p. 99.

¹¹ IVAS, C. e FELDMAN, M. Visibilidade: chove na fantasia, *Reflexões sobre a educação no próximo milênio*. Brasília: Seed/MEC, Série Estudos de Educação a Distância, 1998, p. 31.

Como estamos tratando na escola a questão das linguagens e das tecnologias e de suas implicações no desenvolvimento dos sujeitos?



Construção coletiva: ensaio articulado de subjetividades autônomas.

Um dos modos de pensar essa questão é refletir, por exemplo, sobre o que vemos na tela do cinema e o modo como pensamos: num primeiro momento, a imagem também se constituiu como um texto escrito, um roteiro; em seguida, o diretor "a viu mentalmente", e nas etapas de produção foi sendo corporificada até ser fixada em fotogramas de um filme. Estamos diante, portanto, do resultado de um processo crescente e cumulativo no qual as imagens vão tomando forma, evidenciando que a imaginação desempenha um papel tão importante quanto o registro das sequências pela câmera, a montagem e a edição.

Utilizando um **raciocínio analógico**, não é o que nós mesmos fazemos continuamente em nosso cérebro - uma espécie de "cinema mental" - que projeta inúmeras imagens em nossa tela interior? E essas imagens interiores não são fundamentais na hora de realizar atividades como desenhar, elaborar um mapa, calcular percursos, interpretar textos, simular situações, por exemplo? (Ivas e Feldman, 1998).¹²

• A dimensão coletiva da autonomia e a escola cidadã

Por outro lado, há também o caráter de "construção coletiva", sobre o qual Barroso assim se expressa:

"o desenvolvimento de uma política de reforço da autonomia das escolas, mais do que "regulamentar" o seu exercício, deve criar condições para que ela seja "construída" em cada escola, de acordo com as suas especificidades locais e no respeito pelos princípios e objetivos que informam o sistema público nacional de ensino."¹³

Ter autonomia pressupõe fazer escolhas. Para atingir a melhoria da qualidade dos serviços prestados, a escola autônoma precisa realizar escolhas conscientes no que tange à organização da gestão escolar e à organização do trabalho pedagógico. Esse é um longo percurso que precisa ser orientado por um instrumento: o Projeto Político-Pedagógico.

IVAS e FELDMAN, 1998, obra citada, p. 31, referindo-se à provocação de Ítalo Calvino sobre o pensar por imagens, desenvolvida na obra *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BARROSO, J. O reforço da autonomia das escolas e a flexibilização da gestão escolar. In N. Ferreira (org.). *Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios*. São Paulo: Cortez, 1998, p. 17.

Em seu livro *Escola cidadã*,¹⁴ Moacir Gadotti apresenta uma retrospectiva histórica da busca da autonomia na escola, identificando como precursor da moderna escola antiautoritária o educador italiano Vittorino da Feltre (1378-1446). Em contraste com os métodos autoritários da **escolástica**, Feltre propunha métodos ativos com a participação direta dos alunos. Muitos pensadores são citados pelo autor como defensores de uma educação renovada para os padrões vigentes em seu tempo: Rabelais, Montaigne, Locke, Rousseau, Comenius, Dewey, Montessori, Piaget e Freinet, dentre outros.



No Brasil, não é de hoje que os educadores reivindicam uma política democrática de educação que contemple, dentre outras condições, a autonomia. Nesse sentido, Moacir Gadotti apresenta a construção da escola cidadã como resultado de um processo de renovação na educação, em que a luta pela autonomia na escola se insere numa luta pela autonomia no seio da própria sociedade.

O tema da autonomia escolar tem suscitado muitas discussões. Os críticos da autonomia escolar revelam o temor de que esta leve à privatização e desobrigue o Estado de sua função de oferecer uma escola pública gratuita e de qualidade para todos.

Sobre isso, Barroso afirma:

"o reforço da autonomia das escolas não deve ser encarado como uma forma de o Estado aligeirar as suas responsabilidades, mas sim o reconhecimento de que, em determinadas situações e mediante certas condições, os órgãos representativos das escolas (reunindo professores, outros funcionários, alunos, pais e outros elementos da comunidade) podem gerir certos recursos melhor que a administração central ou regional."¹⁵

Outros críticos argumentam que a autonomia leva à pulverização e à dispersão, dificultando ações mais profundas e globais.

A questão central a ser discutida deve ser a formação que se deseja oferecer aos educandos. Para Gadotti (1998):¹⁶

¹⁴ GADOTTI, 1993, obra citada.

¹⁵ BARROSO, 1998, obra citada, p. 20.

• GADOTTI, Projeto Político-Pedagógico da escola cidadã. *Construindo a escola cidadã - Projeto político-Pedagógico*. Brasília: Seed/MEC. Série de Estudos de Educação a Distância, 1998, p. 21.

"cidadania e autonomia são hoje duas categorias estratégicas de construção de uma sociedade melhor em torno das quais há frequentemente consenso".

É a noção de escola cidadã, fundamentada em uma concepção aberta de sistema educacional, em que estão presentes a autonomia, a participação dos vários segmentos da sociedade e a transparência administrativa.

Por outro lado, a autonomia não pode ser considerada uma obrigação, uma tarefa a ser cumprida em razão de ordens superiores. A partir da discussão sobre a formação que deseja oferecer aos alunos, a comunidade escolar pode chegar à construção da autonomia, cujo exercício se dá por meio de um instrumento de trabalho, um plano de percurso: o Projeto Político-Pedagógico. É por meio dele que a comunidade escolar define a escola que deseja e como conquistá-la.

3.1.3.0 Projeto Político-Pedagógico

A palavra projeto vem do latim *projectu*, é particípio passado do verbo *projectam*, que significa lançar para a frente. Ao elaborar seu Projeto Pedagógico, a escola traça os rumos que deseja seguir "para a frente", tomando como base as condições atuais e a realidade local.

A elaboração do Projeto Político-Pedagógico pelas escolas tornou-se possível com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394/96), que em seu artigo 12 prevê que "os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica".

Mas a construção do Projeto Pedagógico não pode ser vista como o cumprimento de uma legislação. Ele é muito mais que isso. A legislação apenas reconhece o direito da comunidade escolar de desfrutar a autonomia que permite ao coletivo da escola definir as ações necessárias para formar o cidadão que deseja. Nessa perspectiva, o Projeto Político-Pedagógico representa o resultado de um período de reflexão e esforço de toda a comunidade escolar para buscar um futuro melhor para a escola e a melhoria da qualidade do ensino. No dizer de Gadotti:

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores."¹⁷

O Projeto Político-Pedagógico é mais que um documento. É a síntese de um processo permanente de discussão para definir, coletivamente, as diretrizes, as prioridades e as metas da escola e, ao mesmo tempo, traçar os caminhos para alcançá-los. Cabe à comunidade escolar decidir se deseja ou não usufruir desse direito de buscar alternativas viáveis para garantir um trabalho que possibilite educação pública com qualidade.

Nesse sentido, o Projeto Político-Pedagógico apresenta-se como um ato de coragem, coragem de enfrentar todas as dificuldades para construir a educação que se deseja. Ato de coragem porque parte do que está instituído, para rever o que precisa ser mudado e avançar na direção do que se deseja. Como diz Gadotti (1998),¹⁸ um projeto é um processo de:

"Tomar-se *instituinte*. Um projeto político-pedagógico não nega o instituído da escola, que é a sua história, o conjunto dos seus currículos e dos seus métodos, o conjunto de seus atores internos e externos e seu modo de vida. Um projeto sempre confronta esse instituído com o instituinte. Não se constrói um projeto sem uma direção política, um norte, um rumo. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é também político. O projeto pedagógico da escola é, assim, sempre um processo inconcluso, uma etapa em direção a uma finalidade que permanece como horizonte da escola."

Nesse processo, a escola reconhece-se como um espaço de construção coletiva, muito além de simples instância de cumprimento das determinações dos órgãos que compõem o Estado, de sorte que a escola assume a autonomia para traçar seus próprios caminhos e definir as ações necessárias à formação que deseja ofertar aos cidadãos. Isso nos remete aos eixos que devem compor o Projeto Político-Pedagógico, cuja finalidade é a de permitir que as relações de poder e de auto-

GADOTTI, Pressupostos do Projeto Pedagógico. *Anais da Conferência Nacional de Educação para Todos*. Brasília: MEC, 1994, p. 579.

* GADOTTI, 1998, obra citada, p. 16.

ridade no espaço escolar sejam compartilhadas. No caso da inserção e da utilização das tecnologias e linguagens de comunicação, precisam ser contempladas iniciativas que as viabilizem, por meio de sua previsão e gestão nos vários eixos.¹⁹

a) O **eixo administrativo** diz respeito à organização da escola como um todo e nele tem destaque a figura do diretor como agente promotor de um modelo de gestão que envolve não apenas aqueles que convivem com ele na escola, como também a comunidade e o próprio sistema educacional no qual a escola está inserida. Segundo Neves, várias dimensões compõem o eixo administrativo:

- *Forma de gestão:* refere-se ao estilo do administrador; aos mecanismos que adota para possibilitar a efetiva participação de todas as áreas da escola no planejamento e na administração; a definição de valores socioculturais que fundamentem e direcionem o trabalho escolar; o conhecimento da realidade e a democratização da informação no âmbito da própria escola.
 - *Controles normativo-burocráticos:* podem ser internos (estabelecidos pela própria escola) ou externos e apontam que sistemas são estabelecidos para compatibilizar políticas e conteúdos curriculares à realidade da escola, alocar professores e técnicos, estabelecer indicadores de desempenho dos alunos e de qualidade do trabalho escolar.
- a) *Racionalidade interna:* é a forma como a escola organiza seus recursos para alcançar os resultados a que se propôs. São indicadores dessa racionalidade: a escola saber definir seus objetivos; a existência de um Projeto Político-Pedagógico que norteie a ação; e uma avaliação interna sistemática estendida a todo o trabalho escolar para aferir resultados e propor mudanças de percurso.
- a) *Administração de pessoal:* refere-se à possibilidade de escolher as pessoas que se integrem à filosofia de trabalho da escola e com elas organizar **relações dialógicas**.
- *Administração de material:* refere-se ao gerenciamento de recursos para consertos, compra de material, reformas, merenda, dentre outros.
 - *Racionalidade externa:* define o nível de participação de pais e comunidade no planejamento, na administração e na avaliação da escola.



• NEVES, 1995, obra citada, p. 102-106.

b) O **eixo pedagógico** diz respeito às ações voltadas para a melhoria da qualidade do ensino e está estreitamente ligado à identidade da escola, à sua missão social, à clientela e aos resultados obtidos. Abrange os seguintes aspectos:

- *Poder decisório*: visando à melhoria do ensino-aprendizagem: refere-se a medidas pedagógicas para reduzir a evasão e a repetência. Isso envolve definir conteúdos curriculares, produzir ou usar material didático diferenciado, desenvolver tecnologia educacional, oferecer atividades extracurriculares voltadas para o ensino e a cultura.
- *Adoção de critérios próprios de organização da vida escolar*. diz respeito ao estabelecimento de calendário anual, horário, oferta de merenda, transporte escolar e de material escolar e uniforme aos alunos carentes.
- *Pessoal docente*: refere-se às ações desenvolvidas para a melhoria da qualificação do pessoal docente, que tem relação direta com os resultados pedagógicos da escola. Dentre as principais ações estão: atualização dos professores, aquisição de materiais para consulta e enriquecimento das atividades e de infra-estrutura de apoio à sala de aula.
- *Acordos e parcerias de cooperação técnica*: não envolvem recursos financeiros e podem ser firmados com outras escolas da rede ou particulares, faculdades, universidades, empresas, organizações não-governamentais, dentre outras. São ações que visam ao enriquecimento da ação educativa e exigem criatividade, iniciativa e capacidade de negociação.

c) O **eixo financeiro** trata da gestão dos recursos patrimoniais e da aplicação dos recursos financeiros repassados pelo sistema educacional. Engloba três vertentes:

- *Dependência financeira*: examina em que medida a escola depende do órgão central e define os critérios de contribuição e arrecadação de recursos por intermédio da Associação de Pais e Mestres - APM.
- *Controle e prestação de contas*: refere-se à definição da forma como é feito o controle de recursos arrecadados pela APM; os critérios e as prioridades para a aplicação dos recursos; e a forma e os instrumentos para prestação de contas.
- *Captação de recursos*: significa atrair recursos financeiros por meio de acordos e convênios com comércio, empresas, instituições governamentais e não-governamentais.

A autonomia da escola consolida-se por meio dos eixos administrativo, pedagógico e financeiro presentes no Projeto Político-Pedagógico. A interação nas ações dos diferentes eixos revela o nível de democratização da escola, pois traduz-se na participação de todos os segmentos de um coletivo que pensa a escola que tem hoje e projeta a escola que deseja construir. A questão das tecnologias da informação e da comunicação precisa ser contemplada para que sua utilização pedagógica possa efetivar-se na ação de professores, administradores, coordenadores, supervisores, alunos e comunidade.

Atividade 37:

Procure saber como foi construído o Projeto Político-Pedagógico de sua escola: quando foi elaborado, quem participou, como as pessoas trabalharam e por que decidiram fazê-lo.

3.1.4. A utilização de TV/vídeo no Projeto Político-Pedagógico

Ao fazer opção pelo Programa TV Escola, o MEC reconhecia na educação a distância a potencialidade de uma efetiva contribuição para consolidar um padrão de qualidade no ensino público, perceptível pela redução das taxas de repetência e evasão, pela melhoria do rendimento dos alunos e pelo aumento das taxas de conclusão das séries/gradus. Além disso, a TV Escola representa um incentivo a atitudes autônomas que constituem a base para a aprendizagem e o desenvolvimento humano permanentes.

Mas é preciso estar alerta para que uma escola equipada com tecnologia de última geração não seja apenas um espaço físico sofisticado. Isso pode acontecer se seus professores não se capacitarem para utilizar os recursos disponíveis à formação do aluno, para que ambos possam transformar informação em conhecimento.

Na maioria das escolas, a apropriação do Programa TV Escola, visto aqui como uma possibilidade de crescimento do professor como profissional e de trazer imagens da vida cotidiana para dentro da sala de aula, tem sido, com frequência, realizada de forma isolada e, portanto, limitada.

O professor que gosta de TV e de cinema, ou que teve a oportunidade de participar de uma capacitação sobre leitura de imagem, utiliza regu-

larmente os programas da TV Escola e vai cada vez mais se identificando com essa nova forma de expressão.

Atividade 38:

Converse com seus colegas e procure saber mais:

- 1. De que maneira tem sido feita essa apropriação?**
- 2. Em que medida ela é significativa, considerando o quadro docente da escola?**
- 3. Há uma apropriação visando a um trabalho multidisciplinar?**

Mas o professor que não teve seu interesse despertado para a linguagem audiovisual não apenas não se tem apropriado desse importante acervo de novas possibilidades como tem manifestado resistência para desenvolver uma nova prática pedagógica.

Resistências a essa utilização: por que ocorrem?

Algumas pistas podem nos apontar as razões disso. Em primeiro lugar, porque a ênfase na formação dos professores vinha sendo posta na expressão escrita e oral. A falta de domínio da linguagem audiovisual traz insegurança para trabalhar com imagens. Por não dominar esse modo de expressão, muitos professores confessam-se decepcionados com o uso de TV e vídeo em sala de aula, acreditando que "não funciona".

Um segundo fator de resistência resulta de que muitos acreditam que a tecnologia da imagem poderá, num futuro próximo, substituir os professores. Para esses, a resposta está na certeza de que nenhuma imagem ou programa de computador será suficientemente competente para substituir o professor.

A tecnologia pode ajudar no processo, mas quem faz verdadeiramente a qualidade acontecer são as pessoas.

Em terceiro lugar, temos aqueles professores que, diante das dificuldades do dia-a-dia, acabam acomodando-se, temerosos de obstáculos que, segundo eles, a utilização da tecnologia da imagem acarretaria ao seu cotidiano profissional. "Dá muito trabalho", dizem alguns.

Como enfrentar isso?

Como evitar que o Programa TV Escola seja apropriado apenas por iniciativa de alguns professores e diretores que já entendem seu alcance estratégico para a melhoria da qualidade do ensino?

Como impedir que a apropriação do Programa TV Escola cesse se esses professores e diretores se afastarem da escola para assumir outros encargos?

A resposta está na implantação de um modelo gerencial de Programas de Educação a Distância que contemple essa apropriação por meio do Projeto Político-Pedagógico.

O que a comunidade escolar em que você atua poderia fazer nesse sentido?

E você, o que pode fazer?

Se os professores e os gestores da rede pública de ensino reconhecem que a programação da TV Escola e das televisões educativas e abertas oferece oportunidade para que professores e alunos tenham acesso a programas de qualidade que favorecem a aprendizagem, é preciso que essa apropriação esteja contemplada no Projeto Político-Pedagógico. Deixa de ser, assim, uma iniciativa isolada para tornar-se uma estratégia da escola como um todo, na direção da construção da qualidade de ensino. Isso facilitaria, até mesmo, a realização de um trabalho interdisciplinar porque todos estariam, em maior ou menor grau, envolvidos e motivados nesse projeto coletivo.

Essa apropriação da TV Escola, das televisões educativas e das comerciais, dos programas de ensino via computador, etc. pela comunidade escolar pode ser o passo inicial no sentido da utilização das novas tecnologias na educação.

A partir do diagnóstico da situação da escola no momento, para uma análise dos aspectos que precisam de mudança e sua interpretação, o coletivo escolar pode definir como deseja que seja estruturado o trabalho, considerando os objetivos que pretende atingir e os eixos administrativo, pedagógico e financeiro componentes da proposta.

É importante lembrar que a decisão da comunidade escolar de assumir e lutar por sua autonomia é o resultado de um movimento semelhante na própria sociedade. Os educadores estão sendo desafiados a buscar novas práticas, pois a sociedade atual exige a formação de cidadãos com capacidade de decidir, criticar, discernir. Para Gadotti (1998):²⁰

"O aluno só aprende quando se torna sujeito de sua aprendizagem. E para isso precisa participar das decisões que dizem respeito ao projeto da escola, que faz parte também do projeto de sua vida".

Para construir uma educação em sintonia com o momento atual, a escola precisa, sem dúvida, repensar suas práticas.

É importante reafirmar que se professores e gestores reconhecem a importância dessa utilização, é necessário que ela esteja prevista no Projeto Político Pedagógico e nele inserir os mecanismos necessários para viabilizá-la. Essa tarefa é perfeitamente possível, desde que haja esforço e vontade política de todos os interessados em transformar a escola.

3.2. Experiências bem-sucedidas: alguns relatos

Aprecie algumas das possibilidades já exploradas pelos educadores na síntese que se segue de algumas das experiências bem-sucedidas de utilização da TV Escola e de outras tecnologias que vêm sendo desenvolvidas em escolas em todo o país. Experiências para a formação continuada dos professores e para ampliar o acesso a material didático-pedagógico que auxilie o professor a preparar aulas mais criativas e atraentes, estimulantes do aprender a aprender. Considere esses relatos como exemplos possíveis - não os tome como receitas - do que se pode fazer. Utilize-os como referência quando for elaborar sua própria proposta de utilização dos audiovisuais na prática pedagógica. Procure conhecer outras experiências em sua própria escola.

Organizamos uma grade de veiculação dos vídeos mencionados no relato dessas experiências. Procure vê-los e ou gravá-los para estudá-los melhor e enriquecer sua própria experiência. Se tiver acesso às revistas indicadas nas notas de rodapé, não deixe de consultá-las.

- **Minas Gerais**

É o caso, por exemplo, da Escola Estadual Dr. Alípio Fernandes, de Inhapim-MG, onde, segundo relato da diretora Vera Lúcia Rangel, problemas como evasão e repetência foram enfrentados por um trabalho desenvolvido coletivamente, a partir de um Projeto Político-Pedagógico que incluiu ciclos de estudos e reuniões do colegiado para discutir as dificuldades e buscar, coletivamente, soluções para melhorar o ensino.

Vídeos escolhidos:

Por que parâmetros?
Apresentação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental, esclarecendo suas premissas e suas funções no contexto educativo atual.

A diretora
O cotidiano das escolas públicas - evasão e repetência, falta de recursos humanos e materiais, conflitos entre diretores, professores, alunos e famílias - apresentado pelo viés do currículo e do papel da escola. A discussão e a reflexão são encaminhadas por meio de situações concretas enfrentadas por diretoras, as quais sugerem alguns caminhos e soluções.

Inhapim, Minas Gerais
Série TV Cheia de Histórias
A utilização dos recursos
da TV Escola em diversas
cidades do país.

Pouco a pouco, os programas da TV Escola não apenas foram sendo incorporados ao dia-a-dia da escola como também impulsionaram mudanças significativas. De receptora dos programas, a escola passou a produtora, ao criar o Sistema Interno de Vídeo, em que as professoras passaram a filmar seus projetos de atividades. São quinze fitas com atividades que vão de brincadeiras com fantoches a visitas a empresas da cidade e pesquisas sobre temas como o novo código de trânsito ou a história da cidade, cujo nome é o de um pássaro. O resultado de todo esse projeto coletivo é uma escola que zerou os índices de evasão e repetência, por meio de um trabalho que valoriza o aluno e sua realidade e busca "ensinar de um jeito contemporâneo".²¹ A experiência de utilização dos recursos da TV Escola em Inhapim e em duas outras cidades está relatada na série Uma TV Cheia de Histórias, com três programas de oito minutos de duração cada.

- **Paraíba**

No interior da Paraíba, em São Mamede, outra experiência de sucesso pode ser citada. Na Escola Estadual Francisco Pergentino de Araújo Filho, a TV Escola foi ganhando um espaço cada vez maior no dia-a-dia de professoras, alunos e comunidade. Várias atividades passaram a ser desenvolvidas a partir dos programas da TV Escola, enriquecendo as aulas e contribuindo para a formação continuada das professoras. Elas se reúnem uma vez por semana durante cinco horas para estudar e planejar atividades com os programas da TV Escola. Para a diretora Irene Araújo, isso fortaleceu e uniu a equipe formada por dezesseis professoras. Várias delas conheceram o trabalho de educadores e teóricos como Piaget, Paulo Freire e Emília Ferreiro pela TV Escola, e avaliam que o melhor da educação a distância é que a capacitação é contínua e feita na própria escola. A coordenadora da escola, Luiza de Medeiros, ressalta que as professoras se sentem valorizadas porque com a TV Escola aprendem o mesmo que os professores de outros lugares do país.

Vídeo escolhido:

São Mamede, Paraíba
Série TV Cheia de Histórias
A utilização dos recursos da
TV Escola em diversas
cidades do país.

A professora Eni Cabral, com 24 anos de magistério, é outra defensora da educação a distância não apenas porque a TV Escola dá a todos os professores a mesma oportunidade de ter uma formação continuada, mas também porque a capacitação passa a ser descentralizada, o que permite à escola autonomia para planejar a capacitação de seus professores dentro de sua própria realidade.

²¹ Experiência relatada na *Revista TV Escola*. Brasília: Seed/MEC (11): 12-21, mai.-jun./1998.

Outro resultado positivo que se destaca na experiência de São Mamede é o acesso da comunidade à programação da TV Escola. Quando foram detectados barbeiros e mosquitos *Aedes aegypti* em São Mamede, a TV Escola foi usada para que a população conhecesse os vídeos fornecidos pela Fundação Nacional de Saúde sobre dengue e doença de Chagas. Os alunos participaram ativamente da campanha, por meio de atividades ligadas ao tema e foram para as ruas para distribuir panfletos sobre o combate às doenças e fazer entrevistas com pessoas da comunidade. Para a coordenadora Luiza de Medeiros, "isso desenvolve nos alunos a capacidade de interrogar, investigar, refletir, comparar fatos e estabelecer relações, para que possam tirar conclusões".

A escola também foi o local onde pessoas da comunidade assistiram a vídeos sobre importantes temas como aleitamento materno e migração para a região Sudeste na época da seca. Os vídeos da série Escola Hoje foram exibidos à comunidade quando professores, pais e alunos se preparavam para a formação do Conselho Escolar.²²

u Amazonas

A distância dos grandes centros e o isolamento dos 61 municípios do Amazonas, numa extensa região de rios e florestas não têm sido empecilhos para a capacitação dos professores por meio da TV Escola. O projeto Luz do Saber, implantado há dois anos, conta com quatro barcos-escola dotados de antena parabólica que percorrem a região levando cursos de capacitação a professores de municípios como Amatura, localizado a trinta horas de viagem de Manaus, em embarcação do tipo "recreio".

Para a diretora da Escola Estadual São Cristóvão, de Amaturá, Dilce Braga, o isolamento da região valoriza ainda mais a TV Escola.

Estamos longe de tudo, isolados. O jornal diário demora quinze dias para chegar aqui. Muitos alunos viajam duas horas de barco para assistir às aulas. O trabalho é difícil. Por isso precisamos tanto de cursos de capacitação. E a TV Escola é a nossa grande biblioteca.

O professor Cristóvão de Araújo destaca que a TV Escola traz informações sobre o mundo, mas também é importante para estudar a realidade em que se vive. É o caso de *Minha Escola na Amazônia*, programa de

Vídeos escolhidos:

Os meninos
Série Alegria da Vida
Animações curtas em que uma avó conta aos netos histórias sobre a sexualidade humana. Uma ambientação familiar propicia o clima ideal para respostas às frequentes perguntas das crianças.

Água, o ciclo interminável
A água, base de toda a vida da Terra, passa por um infundável processo de transformação. Dos esgotos humanos purificados por bactérias aos poços de águas cristalinas, sua renovação é contínua.

Minha Escola na Amazônia
O cotidiano de muitas crianças - ambiente escolar, vida em família e lugar em que vivem. Escolas e culturas em diversas partes do mundo, promovendo o entendimento entre realidades díspares.

²² Experiência relatada na *Revista TV Escola*. Brasília: Seed/MEC (12): 12-21. ago.-set./1998.

Laços de menina

O universo do adolescente e alguns de seus problemas, como a gravidez prematura e a desinformação sexual. São focalizadas três histórias reais de menores grávidas em São Paulo, com idades entre 14 e 17 anos e de classes sociais diferentes, que dividem a mesma condição: a gravidez precoce.

treze minutos de duração, da série *Minha Escola*, com 24 programas que mostram o cotidiano de crianças em seu ambiente escolar e familiar em diferentes partes do mundo.

Também na Escola São Cristóvão, de Amaturá, a comunidade local tem acesso aos programas da TV Escola. A videotecária Laura Simão dos Santos faz o resumo das fitas e vai além. Pesquisa em livros, dicionários e enciclopédias para que os resumos fiquem ricos em informações e promove a divulgação das fitas para exibição à comunidade. É o caso da série *Alegria da Vida*, com vinte programas que tratam de sexualidade, e também do programa *Laços de menina*, de 53 minutos, que focaliza três histórias reais de menores grávidas, com idades entre catorze e dezessete anos, de diferentes classes sociais.²³

Q Ceará

Em Crato, no sertão do Ceará, os professores da Escola Estadual Alexandre Arraes estão utilizando os programas da TV Escola para motivar uma importante discussão sobre o meio ambiente. Com isso, professores e alunos ultrapassaram os limites da sala de aula para visitas a locais de reservas florestais e, mais que isso, a produção de um documento às autoridades locais, pedindo providências com objetivos de preservação.

Depois de assistir às séries *A Natureza Sabe Tudo* e *Crônicas da Terra*, os professores planejaram um estudo sobre o meio ambiente local, com aula de campo para avaliar a situação do rio Batateiras. Os alunos visitaram o local, entrevistaram a população, produziram fotos e desenhos sobre a situação dos esgotos e da coleta de lixo.

Em outra oportunidade, depois de assistir a um dos vídeos da série dos PCN que mostrava alunos e professores de São Paulo visitando uma favela durante uma pesquisa sobre o rio Tietê, surgiu a idéia de uma atividade. Professores e alunos foram ver de perto a situação do rio Granjeiro, local de importância histórica para a região, pois foi o cenário do surgimento do povoado do Crato, no século XVIII.

Nas duas atividades, professores e alunos produziram documento pedindo providências à prefeitura, no sentido de fazer a limpeza do canal dos rios.

²³ Experiência relatada na *Revista TV Escola*. Brasília: Seed/MEC (13): 12-19, out.-nov./1998.

comunidade local do Crato também tem acesso aos programas da TV Escola. Segundo a coordenadora da TV Escola na Secretaria Municipal de Educação, Lúcia Batista, já foram emprestadas fitas sobre meio ambiente até mesmo para o Ibama e o Corpo de Bombeiros. E os moradores que têm antena parabólica instalada são estimulados a acompanhar a programação da TV Escola. Para divulgar a programação, a secretaria montou um estande num dos eventos mais importantes do Crato: a Exposição Centro-Nordestina de Animais e Produtos.²⁴

-i **São Paulo**

Em Cananéia, cidade do litoral sul de São Paulo, o meio ambiente também foi o tema de atividades desenvolvidas pelos professores, animados por programas da TV Escola. Na Escola Estadual Professora Yolanda Araújo Silva Paiva, professores de Ciências, Geografia e Língua Portuguesa uniram-se para desenvolver com os alunos atividades multidisciplinares fora da sala de aula.

Para isso, organizaram uma excursão ao Parque Estadual da Ilha do Cardoso, que faz parte do complexo estuário-lagunar de Iguape, Cananéia e Paranaguá. É uma região belíssima, com mangues ricos em matéria orgânica, considerada um dos maiores criadouros naturais de vida marinha do planeta e candidata a ser tombada pela Unesco como Patrimônio Natural da Humanidade.

A excursão foi resultado de uma parceria entre os professores da escola, a Polícia Florestal, o Parque Estadual da Ilha do Cardoso e donos de barcos que trabalham na região. Durante o percurso de barco, os alunos puderam avistar peixes e aves da região e receber informações sobre essa fauna, de uma bióloga do Parque Estadual da Ilha do Cardoso que acompanhou a excursão. Ao desembarcar, o grupo iniciou uma interessante caminhada pela mata, recebendo importantes lições sobre o tipo de solo, as plantas nativas e como explorar aquela região da Mata Atlântica.

No alojamento da ilha, os alunos puderam assistir aos vídeos *Mata Atlântica*, da série *Crônicas da Terra*, e *Manguezais: uma floresta entre a terra e a água*, utilizando a TV Escola em plena mata.

Para o professor Reinaldo Cossovany, da Escola Estadual Professora Yolanda Araújo Silva Paiva, um dos participantes do projeto, faz parte do

Vídeos escolhidos:

Cananéia, São Paulo
Série TV Cheia de Histórias
A utilização dos recursos da TV Escola em diversas cidades do país.

Mata Atlântica

Manguezais, uma floresta entre a terra e a água
Os manguezais como fonte inesgotável de vida. Sua aterragem significa a eliminação de inúmeras espécies vegetais e animais. O exemplo do litoral do Rio de Janeiro mostra a destruição desses terrenos pantanosos formados pela natureza entre o litoral e o mar.

²⁴ Veja a experiência na *Revista TV Escola*. Brasília: Seed/MEC (16): 18-23, ago.-set./1999.

trabalho do professor aguçar os sentidos dos alunos, pois "a vida urbana deixa as pessoas poucos observadoras em relação à natureza".

Outros professores da escola também defendem propostas de trabalho avançadas, em sintonia com o momento em que vivemos. A orientadora pedagógica Oneide Almeida Paiva Alves é categórica ao afirmar: "Não queremos mais o ensino tradicional e não podemos mais ser apenas professores desta ou daquela disciplina. Somos educadores". Ela explica que os programas da TV Escola têm sido utilizados pelos professores em seu horário pedagógico de três horas por semana. Para o professor José Fábio Alves, a capacitação em serviço feita com a TV Escola contribuiu para o bom desempenho dos professores no concurso de magistério realizado pelo estado em 1998.

O desempenho escolar também melhorou. O diretor da escola, professor Boanerges Prado Vianna, garante que diminuíram os índices de evasão e repetência, e no Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo, a escola conseguiu resultado superior à média do estado em diversas disciplinas.²⁵ A atividade de Cananéia está também relatada na série Uma TV Cheia de Histórias, que mostra experiências da TV Escola em diversas cidades do país.

- **Paraná**

Na Escola Municipal Parigot de Souza, de Rolândia-PR, a TV Escola é muito usada para capacitação e aperfeiçoamento dos professores. Segundo a coordenadora pedagógica, Aparecida Bove de Oliveira, foi criado um horário semanal de estudo, quando são exibidos programas da TV Escola e depois analisados os textos dos Cadernos da TV Escola.

Uma forma interessante de trocar experiências foi a criação de um caderno de vídeo para cada professor, no qual cada um planeja e anota as atividades desenvolvidas com os programas utilizados. O resultado disso é uma constante troca de idéias, em que cada professora vai acrescentando formas de trabalho com os alunos, para benefício de todos.

A professora Margarete Leles da Silva é uma das que utilizam a TV Escola para expandir os limites da sala de aula com seus alunos. Depois de exibir o programa *E de Ecologia*, que conduz as crianças numa via-

Vídeo escolhido:

E de Ecologia

A letra E de ecologia é o personagem central desse desenho animado. Ele conduz as crianças numa viagem pelo mundo da ecologia, enquanto explica os ciclos da água, do ar, da alimentação e da vida, bem como as relações que eles mantêm entre si.

Veja o relato na *Revista TV Escola*. Brasília: Seed/MEC (16): 23-26, ago.-set./1999.

gem pelo mundo da ecologia, decidiu levar seus alunos a uma viagem de pesquisa pela região. Embarcados num ônibus, os alunos puderam conhecer a mata nativa, e o próprio cenário no percurso foi pretexto para importantes informações sobre poluição industrial e conservação do meio ambiente.

O resultado foi muito positivo. De volta à escola, os alunos fizeram um mapa do trajeto percorrido até a mata e utilizaram folhas, pedras e gravetos trazidos da excursão para atividades sobre conjuntos, adição e subtração.²⁶

• Distrito Federal

No Planalto Central do Brasil, na cidade de Santa Maria, a 28 quilômetros de Brasília, os professores adotaram a TV Escola para construir um ensino melhor. Num cenário de terra vermelha, árvores retorcidas e um sol de rachar, está implantado o Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (Caic), que tem um projeto especial de atendimento integral, em que professores e alunos ficam mais tempo na escola.

A professora Marli Pereira é uma entusiasta do uso de vídeo em sala de aula. Antes mesmo do lançamento da TV Escola, ela já utilizava imagens na aprendizagem, trazendo TV e vídeo de casa. Para ela, é uma forma de aproximar a realidade da sala de aula. "Às vezes, a gente passa tempos falando sobre um assunto, que continua abstrato para os alunos. Os vídeos dão uma visão mais clara das coisas", afirma.

Numa sala do prédio do Caic funciona a Divisão Regional de Ensino (DRE), onde o setor de Mídias faz a mediação entre as dezenove escolas de Santa Maria e as novas tecnologias. É lá que os professores se reúnem para trocar experiências e construir coletivamente um projeto de uso da TV Escola para o município. Desde 1996, são promovidos seminários e oficinas em que os professores discutem a utilização da TV, na perspectiva de uma visão crítica. Ao final de cada oficina, os participantes devem apresentar um projeto de uso pedagógico da TV em sua escola, como forma de multiplicar o que aprenderam.

Pelas características do Caic, a atuação na comunidade é uma importante etapa para o sucesso no trabalho com os alunos. Uma das atribuições da

Vídeos escolhidos:

Família dá samba

A criação de um samba-enredo. A partir de uma história de ficção é questionado o conceito-padrão de família e são discutidas outras possibilidades de agrupamento familiar.

Profissão criança

Crianças brasileiras são obrigadas a trabalhar para sobreviver e, muitas vezes, garantir o sustento da família. Uma grande parcela tem menos de quatro anos de escolaridade e a metade trabalha sem remuneração. Quatro trabalhadores infantis falam de seu dia-a-dia, sonhos e tristezas.

Entrevistas com pais e patrões tornam ainda mais evidente o prejuízo causado por essa condição para o desenvolvimento físico e psicológico das crianças.

²⁶ Relatada na *Revista TV Escola*. Brasília: Seed/MEC (8): 20 a 21 e 25, ago.-set./1997.

*Acorda, Raimundo...
acorda*
História de uma família
operária, na qual
Raimundo e Marta vivem
seus conflitos, numa
relação em que predomina
o machismo. Se a mulher
saísse para o trabalho,
como o homem cuidaria da
rotina doméstica?
O enredo apresenta o
casal em cenas bem-
humoradas, num mundo
onde tudo acontece ao
contrário. O programa
recebeu dois prêmios em
festivais, um em Cuba
(1990) e outro no
Maranhão (1991).

coordenadora da DRE, professora Edilma Santos, é justamente fazer a integração entre escola e comunidade. Ela relata que foram realizadas várias discussões nas escolas de Santa Maria para levantar os temas ligados à comunidade que seriam trabalhados pela equipe. Dentre os temas escolhidos estavam: depredação, assentamento, trânsito, meio ambiente, sexualidade, drogas e violência contra a mulher. Para abordar cada tema e dar início à discussão, foi escolhido um programa da TV Escola, como, por exemplo, *Família dá samba*, programa de 17 minutos que questiona o conceito padrão de família e apresenta outras possibilidades de agrupamentos familiares; *Profissão criança*, programa de 34 minutos que fala do trabalho infantil; e *Gravidez na adolescência*, programa de 18 minutos que mostra o problema da desinformação quanto aos meios de prevenção. Outro programa utilizado no trabalho com a comunidade é *Acorda, Raimundo... acorda*, que apresenta o cotidiano de uma família operária. "Quantas 'Raimundas' não passam pelas mesmas situações no cotidiano das famílias?", indaga a coordenadora da DRE, Edilma Santos.

Para a diretora do Caic de Santa Maria, Mardete Sampaio, não há mais dúvida de que o professor deve incorporar a tecnologia em sua prática pedagógica. "Mas os professores reconhecem que poderiam explorar muito mais os recursos da TV e, por isso, pedem mais cursos de capacitação. E a escola deveria também trabalhar com uma câmera para gravar os trabalhos de alunos e professores", afirma a diretora.²⁷

Como pudemos perceber, a utilização da TV Escola cresce a cada dia, evidenciando que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, os professores estão buscando respostas que possam traduzir-se em possíveis caminhos para a construção da escola pública de qualidade.

Vários relatos mostram que isso vem acontecendo nos mais diferentes pontos do país, com reuniões de estudo entre professores da mesma escola, permitindo que os problemas sejam analisados e sugestões e projetos de atividades surjam no coletivo do espaço escolar.

²⁷ Veja o relato na *Revista TV Escola*. Brasília: Seed/MEC (14): 12-17, mar.-abr./1999.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BABIN, Pierre, KOULOUMDJIAN, Marie France. *Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BARROSO, João. O reforço da autonomia das escolas e a flexibilização da gestão escolar em Portugal. In: FERREIRA, Naura (org.). *Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios*. São Paulo: Cortez, 1998.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- DE MASI, Domênico. *A emoção e a regra: os grupos criativos na Europa de 1850 a 1959*, 3ª ed. Tradução Elia Ferreira Edel. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*, 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- FERRES, Joan. *Televisão e educação*, 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- . *Vídeo e educação*, 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, Moacir. *Escola cidadã*. São Paulo: Cortez, 1993.
- . Pressupostos do Projeto Pedagógico. MEC, *Anais da Conferência Nacional de Educação para Todos*. Brasília, 28/8 a 2/9/94.
- . Projeto Político-Pedagógico da Escola Cidadã. *Construindo a escola cidadã*. Brasília: MEC, 1998.
- GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.
- IANNI, Octávio. *A sociedade global*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1993.
- JAMESON, F. Postmodernism or the Cultural Logic of Late Capitalism. *New Left Review*, 146, 1984.
- KHUN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, Lei nº 9.394/96. Brasília: Câmara dos Deputados, 1997.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MARCONDES FILHO, Ciro. Comunicação ano zero. *Comunicação & Política*, nº 11. São Paulo: CBELA, 1990.
- MATTELART, Armand. Uma comunicação desigual. *Correio da Unesco: A Expressão da Multimídia: quo vadis!* Brasil: Unesco, ano 23, nº 4, 1996.
- . *Comunicação mundo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

- MOTTA, Custódio Gouvea L. da *et alii*. Carta escolar: instrumento de planejamento coletivo. In: VEIGA, lima Passos A. (org.). *O Projeto Político-Pedagógico e a Organização do Trabalho da Escola*. Campinas: Papyrus, 1995.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- NEVES, Carmem Moreira de Castro. *Autonomia da escola pública: um enfoque operacional*. In: VEIGA, lima Passos A. (org.). *O Projeto Político-Pedagógico e a Organização do Trabalho da Escola*. Campinas: Papyrus, 1995.
- REVISTA TV ESCOLA. Brasília (8): 20-21 e 25, ago.-set./1997.
- REVISTA TV ESCOLA. Brasília (11): 12-21, mai.-jun./1998.
- REVISTA TV ESCOLA. Brasília (12): 12-21, ago.-set./1998.
- REVISTA TV ESCOLA. Brasília (13): 12-19, out.-nov./1998.
- REVISTA TV ESCOLA. Brasília (14): 12-17, mar.-abr./1999.
- REVISTA TV ESCOLA. Brasília (16): 18-23, ago.-set./1999.
- SANTIAGO, Anna Rosa F. Projeto Político-Pedagógico da escola: desafio à organização dos educadores. In: VEIGA, lima Passos A. (org.). *O Projeto Político-Pedagógico e a Organização do Trabalho da Escola*. Campinas: Papyrus, 1995.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*, 11^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- TEIXEIRA COELHO. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 1999.
- TV ESCOLA: *Guia de Programas/Secretaria de Educação a Distância*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Seed, 1998.
- VEIGA, lima Passos A. (org.). *O Projeto Político-Pedagógico e a organização do trabalho da escola. Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível*. Campinas: Papyrus, 1995.
- <http://www.mec.gov.br/seed/tvescola>

3.3. Produção audiovisual com crianças, adolescentes e jovens: algumas experiências

Vânia Lúcia Quintão Carneiro

Em contextos e épocas diferentes desenvolvemos projetos de iniciação à produção audiovisual. Constatamos que crianças e adolescentes podem ser mais que telespectadores, podem ser produtores audiovisuais.

A satisfação em se expressar com imagens e sons motiva-os a escrever e desenhar roteiros, a buscar informações, a confrontar o que vêem na televisão com suas produções, a ler criticamente a televisão.

Os pais querem saber o que está acontecendo com filhos que passaram a ocupar prazerosamente o tempo de lazer escrevendo, lendo, desenhando.

3.3.1. Uma aventura pedagógica²⁸

De uma prática cotidiana, entre mãe e filho, de inventar histórias iniciou-se um trabalho de produção audiovisual.

Como contar para outras crianças nossas histórias, preservando a emoção da criação?

O grande desafio foi transformar em imagens e sons as pequenas histórias. Isso não significava uma justaposição de desenhos à narrativa, mas a construção de uma nova narração, na qual palavras, efeitos sonoros e desenhos se integrassem.

A síntese entre esses dois signos, palavra e desenho, de acordo com Lotman, constitui a base de diferentes formas narrativas com imagens: das pinturas rupestres ao cinema. O cinema, como arte e fenômeno cultural, está ligado a uma série de invenções técnicas do final do século XIX e do século XX. Mas "a base artística do cinema radica numa tendência muito mais antiga, determinada pela oposição dialética entre os dois tipos fundamentais de signos que caracterizam a comunicação na sociedade humana".²⁹

A fascinação exercida pelas histórias em quadrinhos está nessa forma antiga de expressão, que apresenta uma *linguagem ícono-escritural integrada*, em que as partes são inseparáveis.³⁰ *Como proceder para que crianças leitoras de quadrinhos e telespectadores passassem a ser produtores de mensagens audiovisuais?*

A elaboração do roteiro

Para estabelecermos como contar a história com imagens e som, desenvolvemos o seguinte processo:

²⁸ Retirado de V. L. Q. Carneiro, *Uma aventura pedagógica: do desejo de fazer cineminha à produção de suas próprias mensagens*. Dissertação de Mestrado em Tecnologia Educacional. Natal: Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1987.

²⁹ LOTMAN, em V. L. Q. Carneiro, obra citada, 1987, p. 23.

³⁰ ESCARPIT, Robert. Prefácio: O retorno da imagem. In: THIBAUT LAULAN, Anne Marie *et alii*. *Imagem e comunicação*. Trad. Maria Yolanda Rodrigues Cintra. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976, p. 13.

1º) A história original escrita

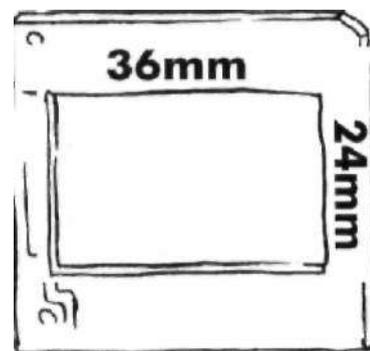
Escolhemos uma história e a escrevemos. Veja como ficou:

Um amor não sai do coração (Autor: Alexandre, oito anos)

Era uma vez um sol que era muito feliz porque estava namorando uma estrela. / Os outros planetas não gostavam disto e queriam acabar com o sol. / Chamaram uns homens para ajudar. / Os homens mandaram um foguete para atacar o sol. / O sol derreteu o foguete. / Depois, todos os homens donos dos foguetes e todos os planetas do espaço atacaram o sol. / Então o sol derreteu todo mundo. / Só ficaram o sol e a estrela e mais as estrelinhas.

2º) A história desenhada

Tratava-se de recontar a história em termos de ação visual. A cada frase correspondia a quantidade de desenhos que se achasse necessária. Os desenhos eram feitos em sequência, pelas crianças, dentro de pequenos retângulos traçados na margem direita de papel ofício sem pauta.



3º) A leitura dos desenhos

Consistia no comentário sobre cada desenho, anotando-se ao lado do mesmo o que o desenho *falava*. Era o início da criação dos diálogos.



A lua está falando assim:

— *Eu não namoro mais com este sol!*



Estes planetas estão falando:

— *Mas isto não pode!*

— *Isto é uma vergonha!*

E de comentários como: — *Aqui é o ataque: papapapíumpftW*, tinha-se algumas indicações para efeitos sonoros.

A presença de um narrador, como elemento de ligação, começava a se fazer necessária.

4º) A escrita do roteiro

Ao escrever o roteiro, reservou-se, à esquerda do papel, espaço para os desenhos, no qual se anotava apenas os seus números. Ao lado direito de cada número, era reescrita a parte que seria falada, a indicação de trecho musical e/ou efeito sonoro correspondentes àquele desenho. Os diálogos eram então refeitos. Informações eram pesquisadas. Selecionaram-se trechos musicais.

5º) A montagem da sequência da imagem

Tratava-se, agora, de selecionar, complementar e colocar em sequência os desenhos que comporiam a mensagem. Isso exigia análise de cada imagem e visão do conjunto. Para as crianças, esta etapa era a mais difícil. Implicava a exclusão dolorosa de trabalhos que sensibilizaram o autor, mas que não tinham muito a ver com o que se queria comunicar; de detalhes interessantes, mas que perturbavam o sentido; de trabalhos que apenas repetiam o que outros já expressavam. Os desenhos assim selecionados foram então numerados na sequência em que apareciam na mensagem.

6º) O roteiro final (Parte 1)



NARRADOR

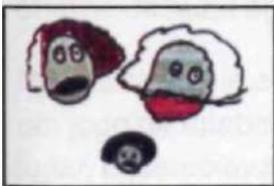
Um amor não sai do coração!



MUSICA DO SOL (só o começo)

NARRADOR

Era uma vez um Sol apaixonadíssimo por uma estrela.



NARRADOR

Os outros planetas é que não gostavam disto.



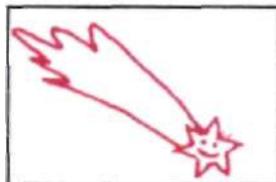
PLANETA

— Estrela, não namore com ele não!



LUA

— *Eu não namoro mais com ele nem por um milhão de dólares.*



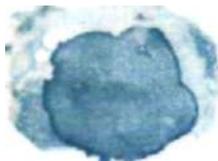
ESTRELA

— *O que vocês têm com isto?
Eu namoro quem eu gosto.*



PLANETAS

— *Mas isto é uma vergonha!*
— *Nãopode!*
— *Onde já viu um sol namorando uma estrela?*



NARRADOR

Os planetas ficaram verdinhos de raiva.

NARRADOR

E entraram em órbita.



PLANETAS

— *Bla, bla, bla, bla, bla - Bli, bli, bli, bli, bli-*
— *Bio, bio, bio, bio, bio.*



NARRADOR

(Efeito de uma explosão)

E aí tiveram uma idéia.



PLANETAS

— *Alô, Terra! Terra, alô! Alô! Alô, Terra!*

EFEITO: BIP.BIP.BIP.



VOZES HUMANAS

— *Terra respondendo, OK! OK! OK!*

(...)

Para gravar a parte sonora optou-se por um gravador portátil, fácil de ser operado por crianças. A gravação, com pequenas modificações, seguiu o roteiro planejado.

O material utilizado para as imagens é o empregado usualmente em transparências para retroprojektor. A elaboração final das imagens consistia em recortar pequenos retângulos de acetato, colocá-los por cima dos desenhos e, com as canetas de retroprojektor, copiar desenho por desenho. Em seguida, esses retângulos eram introduzidos em molduras de *slides* e numerados.

Esse processo de elaboração de imagens atendia à urgência de as crianças verem, através do projetor de *slides*, as imagens que fabricavam. Finalmente, estava materializada a mensagem audiovisual: uma sequência de imagens emolduradas e uma fita cassete com a gravação do som. Bastava então colocar a sequência de imagens na bandeja do projetor, a fita cassete no gravador, ligar e ir apertando o botão de mudança de imagem do projetor de acordo com o roteiro, para que a história fosse contada com imagens e sons.

A fotografia como instrumento de investigação

No processo para produção de reportagens audiovisuais com crianças, adolescentes e jovens, partimos da concepção que o grupo tinha de uma reportagem e do conhecimento das ações que queria noticiar. As imagens eram fotografias para *slides*. Depois de reveladas, eram colocadas em molduras.

Um momento importante do processo de elaboração da reportagem era o da leitura que as crianças faziam das fotografias. Cada fotografia projetada era analisada detalhadamente. Deixava de ser um simples registro de um momento ou de um lance e passava a ser instrumento para a análise de suas ações.

Na leitura das imagens da reportagem "*A alegria da meninada*", sobre um jogo de futebol do grupo, a fotografia parecia não existir e, em seu lugar, desenrolava-se o próprio jogo. Veja como ficou:

- *Eu gostei desse lance aí. Tá legal. O Eugênio parou a bola, olhou para quem dava... pro Neguinho lá na ponta direita, esperando o rebote.*
- *Mas ele devia ter dado esse passe pro Neguinho...*



- *Ele não deu esse passe pro Neguinho.*
- *Aí ele foi amarrar a bola... Aí ele perdeu a bola.*
- *Não quis dar.*
- *Sabe por que o Eugênio fica assim segurando a bola? Ele quer enfeitar.*
- *Neguinho tava ali na frente do lançamento...*
- *Ele tinha de dar á bola para o Neguinho...*
- *Ou então pro Zé Alexandre. Amarrou a bola e quem sofreu foi o goleiro.*
- *Assim não dá. Jogador tem de jogar com todos os jogadores.*

A preocupação em aperfeiçoar o saber jogar era uma constante. Aos jogadores que desempenhavam bem suas ações, não poupavam elogios. Constate você mesmo(a):

- *Olha o Neguinho. Neguinho é caixão!*
- *Neguinho pegou esta bola e deu gol!*



- *O que joga bem é Neguinho!*
- *Neguinho vai dar um gol...*
- *Ele deu dois gols!*
- *Neguinho sabe se colocar bem, sabe formar na linha de campo, sabe correr, tem movimento!*
- *E Erivan é um jogador muito esforçado também!*
- *O Erivan jogou a bola. Mas aí chegou o Zé Alexandre e o neguinho.*
- *Essa aí eu gostei.*
- *Que pra lá (próxima vez) o Neguinho seja o artilheiro!*

Assim, iam além do captado pelas fotografias, além do jogo vivenciado. Revelavam criticamente o que tinham feito, o que deveriam ou poderiam vir a fazer. Construía uma nova narração para o audiovisual.

Para a montagem audiovisual da reportagem *Caso de policial*, não havia fotografias do ocorrido. O grupo de crianças e adolescentes, ao constatar que poderia colocar fotografias de um outro evento, levantou suspeitas sobre a manipulação das informações pelos meios de comunicação, sobre a "edição" da realidade. Desses confrontos inevitáveis entre suas mensagens e as da mídia os grupos de crianças e jovens aprendem sobre a "edição" da realidade, elaboram leituras críticas sobre a televisão.

3.3.2. O audiovisual como meio de expressão na escola: experiências em salas de aula no DF³¹

É importante experimentar o audiovisual como meio de expressão na sala de aula. Não simplesmente por se dispor de equipamentos, mas pela familiarização das crianças e dos adolescentes com a linguagem audiovisual e pelo desejo de comunicar-se por meio dela.

Na condição de produtores, os estudantes sentem a importância de desenvolver atividades variadas como: escrever e desenhar para elaborar o roteiro; pesquisar para saber, por exemplo, por que está proibido nadar no rio da cidade ou a que distância do Sol um foguete pode se aproximar

Baseado no relatório do Projeto de Extensão: Criança Produtora Audiovisual: Expressando seu Mundo e o da TV, coordenado pela professora Vânia Lúcia Quintão Carneiro. Bolsistas (alunos da Pedagogia): Carla S. J. Solla, Wesley Martins, Vanessa Rangel, Rosângela Montalvão. Decanato de Extensão/DEX. Brasília: Universidade de Brasília. 2000.

sem se derreter; consultar um dicionário para evitar que uma palavra escrita incorretamente nos créditos minimize a mensagem que querem exibir.

A incorporação do audiovisual como meio de expressão na escola não é tarefa simples. Se, por um lado, a elaboração do roteiro de pequenas mensagens não apresenta maior dificuldade e oferece várias situações de aprendizagem, por outro lado, a dificuldade maior está na realização da mensagem: gravação do som e das imagens, quer se utilize câmera de vídeo ou não. Nesta etapa, faz-se necessário dispor de uma pequena infra-estrutura material e da ajuda de outros educadores.

- **O vídeo como incentivo à leitura e à produção de texto**³²

O trabalho que relatamos foi realizado com 24 crianças de 10 a 12 anos que, na ocasião, enfrentavam dificuldades em aprender os conteúdos escolares e eram rotuladas de fracassadas e incompetentes. Os *objetivos* eram: incrementar a leitura de livros de literatura infantil; desenvolver habilidades de síntese, de interpretação de texto, de escrita e de desenho; elevar a auto-estima da criança.

A professora escolheu o livro infanto-juvenil *Téo, o peixinho que queria voar*, do autor José Ferreira Simões, que trata o tema ambiental de forma simples e educativa. Téo é um peixinho de aquário que nasceu nas águas poluídas do Lago Paranoá. Por ser de uma espécie diferente, sentia-se sozinho. Sonhava em voar. É transformado em peixe voador.

Durante uma semana, foram desenvolvidas as *atividades*:

- a leitura do livro;
- localização do Lago Paranoá no mapa do DF;
- discussão sobre poluição e conservação do meio ambiente;
- síntese escrita da história; exposição oral;
- elaboração de um roteiro (*storyboard*) recontando a história com desenhos.

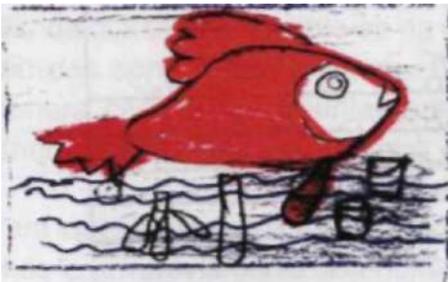
Observam-se nos roteiros elaborados pelas crianças as diferentes leituras de uma mesma história expressas com traços, cores, formas e palavras também diferentes.

³² Experiência realizada pela professora Adriana Claudia Carvalho de Castro - Escola Classe 407 - Samambaia-DF - como parte do Projeto de Extensão: Criança Produtora Audiovisual.

Téo o peixinho que queria voar.



Teo nasceu no lago Pa-
ranacu. Ele não se
lembrava de nada e acordou
alto em vulto dele e
viu tantas coisas:



viu latões, Pau, gar-
rapuça e ele não sabia
que era possível piscar
e pensando o que
era isto.



depois ele foi nadando
e parou e viu 3 Borbole-
tas e achou lindas
e queria ser umas
delas.

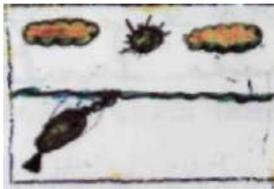


ele estava sem pelego
e alto para cima e
viu tantas peixinhas
iguais a ele.

Aluno: Nayara... 11/11/2003
Tio e avôzinhos que queria ver.



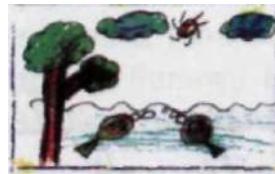
Éra, uma vez, um peixinho
chamado Tio.
Ele era filhote de um
mãe peixe grande e ele
fêz a escola passando no
mãe.



Um dia eu resolvi
olhar um pouco para
fora mas ao ver
céu, sol e nuvens
mas até que é lindo.



Então eu resolvi
Bate a cabeça
valepa para fora
mais não vi quase
nada como antes lentes
de novo.



Então eu e minha amiga
al ficamos ali
mesmo e conversamos
mde sobre a vida
nada munda da
sesta

O tamanho original do papel era o ofício. Os retângulos eram maiores do que os de *slide*. A professora utilizou uma câmera de vídeo para gravar as imagens dos roteiros.



Com a câmera bem próxima, cada desenho foi enquadrado e gravado.

Apenas os roteiros selecionados foram gravados. Essa seleção de que roteiros gravar foi uma decisão difícil, dolorosa.

A narração foi gravada separadamente em um gravador portátil. Na exibição, enquanto o gravador de áudio reproduzia a narração, ao lado, no televisor, apareciam as imagens da fita de vídeo reproduzida no videocassete. Essa separação deveu-se ao fato de que a maioria das câmeras e dos videocassetes comuns não permite acrescentar os sons às imagens gravadas, sem apagá-las. Com um câmera de vídeo comum, temos duas possibilidades: gravamos as imagens e a narração ao mesmo tempo, ou gravamos as imagens numa fita e o som em outra.

Na exibição das histórias, a presença de outros professores, da coordenadora e da diretora e a nova condição de produtores devolviam aos alunos a auto-estima.

a **Crianças fazendo vídeo**³³

Envolveu um grupo de seis crianças. Em experiências anteriores, a grande dificuldade situava-se na realização das mensagens, na gravação dos sons e das imagens. O desafio aqui era gravar, com uma câmera, cada desenho juntamente com as vozes das crianças interpretando o(s) personagem(ns) que apareciam no desenho.

Para facilitar essa gravação conjunta, as falas correspondentes aos desenhos foram previamente distribuídas para que as crianças as lessem e tentassem memorizá-las. Uma espécie de ensaio. Ao terminara gravação com a câmera, o vídeo já estava pronto. Era só colocar no videocassete e usufruir da condição de produtor e espectador de sua própria mensagem.

Nessa experiência, também se experimentou com sucesso produzir mensagens com *slides* a partir de uma transparência contendo uma cópia colorida dos desenhos. A seguir, os retângulos foram recortados e emoldurados. Para projetá-los, utilizaram um projetor de *slides*. A trilha sonora foi gravada em gravador portátil de áudio. Todo o processo de produção foi *registrado em vídeo*.

u **Uma nova TV**³⁴

Para a criação do roteiro, os pontos de partida foram diversificados. Esta experiência partiu de um debate sobre a televisão. Organizados em círculo,

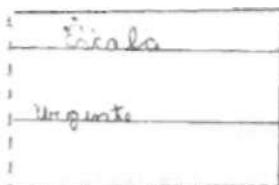
³⁵ Experiência realizada por Ivonete Brito e Jurema Mendes com crianças de uma escola pública da Asa Norte - Brasília-DF.

* Experiência desenvolvida pelas professoras Adriana Castro e Janaína Medeiros, com alunos das 3ª e 4ª séries da Escola Classe 407 - Ceilândia Norte - Brasília-DF.

os alunos discutiram sobre: programas favoritos, o que não gostavam, o que gostavam, o que mudariam, o que fariam se tivessem uma câmera. O roteiro foi escrito em torno desta última questão: *se tivessem uma câmera*.

Cada criança fez o seu roteiro desenhado (*storyboard*). O tamanho era o de folha de papel tamanho ofício. Chamou atenção o fato de que os telejornais predominavam. A idéia era gravar, com uma câmera, as imagens externas a que os desenhos se referiam, com a narração da criança. Veja como os temas dos telejornais variavam:

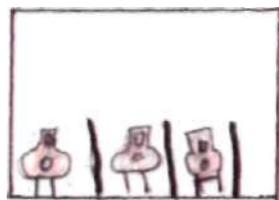
- **Problemas da escola** (autora: Mislayne, 3^a série)



Apresentação



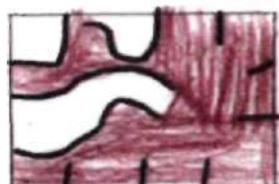
Precisamos de um quadro novo na sala de aula e de algumas carteiras novas porque as atuais estão quebradas e pisadas.



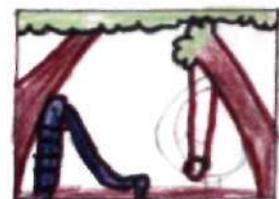
Precisamos arrumar os banheiros colocando as portas.



Queremos que as quadras de futebol, de basquete e de vôlei estejam arrumadas.

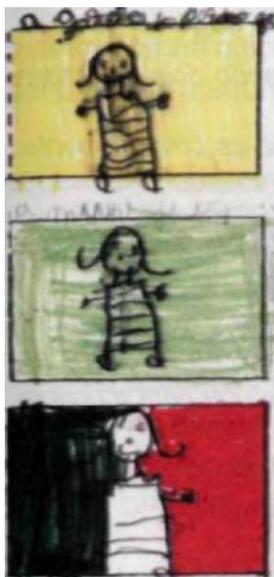


Queremos um estacionamento na escola para o carro ficar seguro e não sofrer nenhum acidente.



O parquinho deveria estar arrumado porque alguma criança pode se machucar nos ferros, pode até morrer, porque o ferro é perigoso.

j A garota de perna quebrada (autora: Patrícia, 3ª série)



Um dia uma garota chamada Aline quebrou a perna no parque de diversão.

Ela quebrou a perna na quinta-feira à tarde, em Taguatinga, no dia 24/6/00.

A menina ficou feliz porque tirou o gesso.

• **Dos desempregados** (autora: Danúbia, 3ª série)



- Boa tarde! Estamos aqui direto da Samambaia, com seu Telejornal. Vamos falar do desemprego em Brasília.



- O desemprego em Brasília: muitas pessoas, desesperadas, não têm condições de trabalhar e vivem debaixo das pontes.



- Moram nas ruas e comem coisas estragadas que pegam no lixo, porque não têm como trabalhar. Têm alguns que um dia têm o que comer, outro dia não têm.

Trabalhos semelhantes a este último foram desenvolvidos em outras escolas. Na Escola Santa Luzia, os alunos com idade entre 11 e 15 anos se organizaram em grupos para produzir e criar o roteiro: Grupo Mais Você; Grupo TV Visão; Grupo Documentário de Capoeira; Grupo do Assalto ao Ônibus; Grupo do Filme de Suspense; Grupo do Programa Anagora; Grupo de Curiosidades sobre o Judô.

Destaca-se o tema da violência. O Grupo Filme de Suspense criou um roteiro com diálogos e descrição de cenas a partir da seguinte história:

Duas estudantes passam por uma rua deserta quando dois malandros começam a segui-las.

Os dois rapazes partem para cima delas, agarrando-as covardemente. Então, elas começam a gritar e a se debater, até que uma delas consegue dar um chute certo em um deles, derrubando-o.

O outro, desesperado, tenta ajudar o amigo, e as meninas conseguem fugir para dentro de um depósito, onde um guarda faz a vigilância.

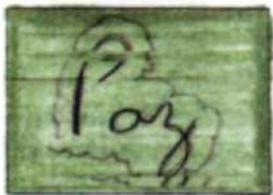
Percebendo um barulho estranho, o vigia sai para ver o que está acontecendo e encontra as duas meninas, bastante nervosas.

As meninas lhe contam tudo e, rapidamente, ele telefona para a polícia.

Na Escola Classe 106 Norte, uma criança propõe filmar a paz:



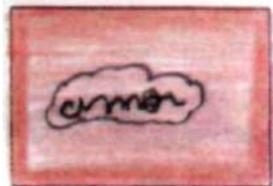
Oi, pessoal, eu sou a Kalessa, tenho oito anos e hoje vou falar de filmagem.



Se eu tivesse uma câmera em minhas mãos, eu filmaria a paz.



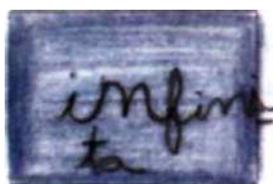
Porque a paz ajuda e dá alegria.



Também dá amor e ajuda a unir as pessoas. A paz é um coração alegre que fica juntinho ao seu.



Por isso, a paz é importante para mim e para todos do mundo. A paz é amor, é amiga de mim e de vocês. A paz é tudo para você.



A paz é infinita para sempre.

Apesar das inúmeras dificuldades, a satisfação das crianças, dos adolescentes e dos jovens, a disposição dos professores envolvidos e os avanços tecnológicos fazem acreditar na possibilidade de o audiovisual ser um novo instrumento de expressão na escola.

Atividade 39:

1. Qual a sua opinião sobre essas experiências? Poderiam servir-lhe de inspiração e/ou de referência?
2. Já participou de alguma experiência de leitura crítica de TV e/ou produção audiovisual na escola? Como você a avalia?
 - a) Atividades mais significativas realizadas:
 - b) Objetivos alcançados:
 - c) Dificuldades encontradas:



Referências bibliográficas

- CARNEIRO, V. L. Q. *Criança Produtora Audiovisual: expressando seu mundo e o da TV*. Relatório do Projeto de Extensão. Brasília, Decanato de Extensão. UnB, 2000.
- _____. *Uma Aventura Pedagógica: do desejo de fazer cineminha à produção de suas próprias mensagens*. Dissertação de Mestrado em Tecnologia Educacional. Natal: Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1987.
- LOTMAN, Y. *Estética e Semiótica do cinema*. Lisboa, Editorial Estampa, 1978.
- ESCARPIT, R. O retorno da imagem. In: THIBAUT LAULAH, Anne Marie et alii. *Imagem e Comunicação*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1997.
- THIBAU LAULAH, Anne Marie et alii. *Imagem e Comunicação*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1997.

Trabalho Final do Curso

EU oração de propostas de utilização pedagógica da TV/vídeo na escola

É importante integrar o audiovisual às práticas pedagógicas. Não simplesmente porque existem equipamentos, tampouco por não se dispor de equipamentos. Cada cursista precisa elaborar uma proposta de intervenção pedagógica que possibilite: contextualizar o estudado; refletir sobre o contexto pedagógico; construir conhecimentos sobre o audiovisual e sua integração como meio de ensino, de aprendizagem e de expressão na prática pedagógica.

A linguagem audiovisual, como se observou, é uma forma de expressão específica, diferente da verbal. A familiaridade com essa linguagem no cotidiano, sua aparente transparência e abertura para o mundo produzem a impressão de dispensar formação específica, estudo para compreendê-la e utilizá-la.

O vídeo é uma tecnologia a cada dia mais acessível. Embora fundamental, o conhecimento técnico (saber operar) não garante a integração. Para introduzir essa tecnologia no processo de ensino-aprendizagem, o professor deve conhecer as características do vídeo, a linguagem, suas possibilidades e limitações.

Um maior conhecimento das dimensões técnicas e expressivas permite que o professor utilize o vídeo em situações didáticas em que o vídeo é a tecnologia apropriada, em função de necessidades didáticas e peculiaridades do meio, e que recorra a outros meios, quando lhe parecerem mais adequados.

Assim como especificidades expressivas e técnicas são básicas para incorporá-lo, importa conhecê-lo quanto à dimensão pedagógica em situações do cotidiano escolar. O que se pretende é construir uma prática pedagógica com TV e vídeo como objeto de aprendizagem.

Esse processo de construção e desenvolvimento do projeto é também um processo de experimentação, investigação, formação. Nessa perspectiva, utilizar TV e vídeo deixa de ser fim e passa a ser meio para formar professores, estabelecer relação entre tecnologias audiovisuais, temáticas e conteúdos curriculares, além de aproximar a escola da cultura das crianças, dos adolescentes e dos jovens.

As *propostas escritas são individuais* e constituem o instrumento de avaliação final do cursista, devendo ser remetidas para seu(sua) tutor(a). É afirmação do compromisso acadêmico do cursista. É aplicação de conteúdos estudados neste curso. Tendo concluído com aproveitamento os três módulos e obtendo aprovação no trabalho final, você fará jus ao Certificado do Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje.

Deve partir de idéias, questões, situações que o(a) mobilizem, que o(a) motivem a experimentar, a aprender mais, que lhe sejam significativas. Apesar da trajetória ser individual, sempre poderá discuti-la com colegas. O conjunto de propostas de uma mesma escola poderá constituir-se num projeto pedagógico da escola a ser documentado em vídeo. O conteúdo do curso terá alcançado, dessa maneira, significados diversos para os vários cursistas que nela atuam.

Para a elaboração da proposta de utilização da TV/vídeo na sala de aula/escola, recomenda-se uma releitura dos conteúdos apresentados ao longo do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje. Nesse momento, cada um(a) refletirá sobre o contexto no qual a proposta será realizada, definindo objetivos, atividades, delineando as estratégias para o seu desenvolvimento, elaborando o cronograma de procedimentos.

Ao longo deste módulo, foram contempladas as dimensões técnica, gestora e funcional (pedagógica) da utilização de TV e vídeo na escola. A dimensão expressiva atravessa as outras dimensões; registra, documenta. Pode ser incorporada como função de vídeo em sala de aula e na gestão.

As propostas individuais podem enfatizar:

- 1. A utilização de TV e vídeo em aula e na escola.**
- 2. Exploração de linguagem audiovisual com/sem filmadora.**
- 3. Leitura crítica, análise e recriação de vídeo e programas.**

Os desafios aos cursistas são:

- 1. Discutir as possibilidades de inserção da televisão e do vídeo em seu contexto educativo.**
- 2. Realizar diagnósticos que apontem as necessidades dessa integração, que objetivos perseguir, que funções desempenhar e as competências a desenvolver.**
- 3. Propor mudanças que ajustem meios e produtos ao contexto.**
- 4. Realizar estudos que apontem dificuldades infra-estruturais, organizacionais, técnico-operacionais.**
- 5. Definir mecanismos que assegurem o acesso, o apoio a professores e subsidiem ações que implementem e dêem unidade aos diversos projetos da escola.**

Lembre-se:

Para facilitar a avaliação dos trabalhos, vamos classificá-los em dois tipos. Denominaremos:

- **Projeto A**, os que enfatizam a aprendizagem dos alunos e
- j **Projeto B**, os que objetivam organizar e/ou apoiar a integração dos audiovisuais no ensino e na escola.

Orientações básicas para o Trabalho Final

1. Defina em *que tipo* o seu projeto melhor se enquadra.
2. Dê um título ao seu projeto.
3. Identifique-se: escreva seu nome, função que exerce na escola, endereço completo para correspondência.
4. Parcerias: identifique com quem você estará compartilhando a realização desse projeto: professores, supervisores, diretor, classe(s) de alunos, comunidade.
5. Justifique a importância/necessidade de realização de sua proposta. Aponte motivos de natureza:
 - *teórica*, a partir do que você estudou ao longo deste curso; se preciso, releia os módulos. Ao citar um argumento retirado de um dos módulos, faça referência ao módulo, à página; a *prática*: baseada em sua experiência e observações.
6. Estabeleça objetivos

No Projeto A, os objetivos propostos e as atividades correspondentes podem contribuir para aprendizagem relacionada, por exemplo: à temática ou ao conteúdo específico, às habilidades e aos valores da unidade de conteúdo do currículo, à motivação para o estudo, à televisão e à linguagem audiovisual.

No Projeto B, os objetivos voltam-se para a organização, a coordenação e o apoio ao uso da TV/ vídeo na escola e/ou com a comunidade. A intenção central é obter mais e melhor aprendizagem, motivando os usuários ao estudo de determinados conteúdos curriculares e ao exercício das competências e dos valores expressos nos objetivos didáticos.

7. Descreva a(s) atividade(s) a serem desenvolvidas, sua frequência, os procedimentos, os recursos necessários, os equipamentos.

No Projeto A, as atividades variam em função da aprendizagem e do interesse dos alunos. Não se trata do uso do vídeo em si, mas do uso desse meio para obter os resultados de aprendizagem

desejados. O processo de aprender envolve habilidades e atitudes. Espera-se que o aluno percorra o caminho proposto, explore-o, ajuste-o às suas necessidades, construa aprendizagens.

O professor poderá planejar o uso da TV/vídeo em sala de aula, focalizando tópicos como:

J *O meio audiovisual é adequado aos objetivos propostos?*

J *Quem são os alunos? Quais seus interesses e dificuldades? Quais suas preferências em relação à diversão, à leitura, aos programas de TV?*

- *De que recursos a escola dispõe?*
- *Que funções didáticas o vídeo pode desempenhar?*

Cabe ao professor combinar elementos diversos:

J Selecionar temas que atendam aos interesses dos alunos e sirvam para estabelecer ligações com os objetivos, respectivos conteúdos curriculares e as exigências do curso.

- Selecionar vídeos e programas de TV a partir de consultas a catálogos de vídeo e a grades de programação da TV Escola e de outras emissoras, para que se possa programar a gravação.

3 Selecionar materiais complementares em livros, revistas, jornais, Internet, coleção de fascículos.

No Projeto B, as atividades devem ser planejadas tendo em vista objetivos, tais como:

J dinamizar, incentivar e orientar a utilização de programas de televisão e vídeos na escola;

J organizar a intra-estrutura necessária à inserção da televisão e do vídeo no contexto educativo;

- apoiar os professores na realização de suas propostas;

J articular os vários projetos da escola dando-lhes unidade;

J estabelecer critérios para disponibilizar equipamentos e espaço físico, material de exibição, material impresso;

_j propor mudanças que ajustem meios e produtos ao contexto;

J realizar estudos que apontem dificuldades infra-estruturais, organizacionais, técnico-operacionais e alternativas para superá-las;

J estabelecer critérios para disponibilizar equipamentos e espaço físico para demais áreas, cursos e projetos, atividades com a comunidade.

É importante ter sempre em mente que, para melhor dinamizar a aprendizagem, não é conveniente restringir-se ao uso de um único meio, pois experimentar a complementaridade dos diferentes recursos nos processos de formação permite adequações mais precisas entre objetivos e meios disponíveis.

8. Cronograma

Indique as etapas previstas para o desenvolvimento da proposta, sua duração em horas/aula e sua situação no calendário escolar (dias, semanas, etc).

9. Avaliação

Informe como será avaliada a aprendizagem, quando e com que instrumentos.

Você encontra, anexo, um Roteiro para o *Trabalho Final do Curso*, que enviará ao(à) seu(sua) tutor(a) na época prevista no Calendário Acadêmico da universidade na qual se encontra matriculado(a). Delimitamos o espaço para descrever cada tópico. Use-o como uma referência de aproximação. Não é preciso preenchê-lo todo, se não houver necessidade, mas evite excedê-lo.

Anexo

Neste anexo você encontrará o texto completo do roteiro final do vídeo produzido para a Unidade 1 do Módulo 3 do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, como parte das experiências relacionadas a esta etapa de sua formação.

Já havíamos apresentado alguns trechos de roteiros de vídeos do nosso curso visando estimular a percepção de detalhes e aprofundar conceitos importantes para sua aprendizagem. Mas ainda era uma visão fragmentada. Agora, você dispõe do texto integral do roteiro final aprovado, realizado e veiculado pela TV Escola. Poderá, se o desejar, utilizá-lo como subsídio para a elaboração de seus próprios roteiros, já que se trata de uma versão profissional. Optamos pela apresentação do roteiro no modelo de duas colunas, para facilitar a visualização das imagens e sons correspondentes, na sequência proposta.

Recomendamos que você veja primeiro o vídeo e o estude como parte da Unidade 1, como vinha fazendo com os demais vídeos do curso. Neste momento, entretanto, é conveniente que se organize para um estudo mais aprofundado e completo. Uma vez que já conhece o vídeo, recomendamos que siga os próximos passos:

- a) Leia o roteiro completo.
- b) Vá revendo o vídeo e comparando o resultado final com o que fora proposto pela roteirista.
Lembre-se que estará lidando com o produto gerado em cada um dos estágios deste trabalho:
 - b.1) o que havia sido idealizado pela roteirista;
 - b.2) o resultado da etapa de produção e pós-produção, conforme a orientação dada pelo diretor e como foi realizada pelos demais componentes da equipe.

É interessante que reveja o vídeo e o confronte com o roteiro tantas vezes quantas forem necessárias para que apreenda os aspectos mais importantes que eles contêm e, desse modo, quando for a sua vez de realizar um trabalho dessa natureza, possa aproveitar dessa experiência com mais profundidade e competência técnica.

Roteiro final escolhido:
Analisando e produzindo o audiovisual:
oficina de vídeo na escola
Série: Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje
- Módulo 3 - Unidade 1
Duração: 1500"
Roteirista: Marcya Reis



Imagens	Áudio/som
<p>FADE IN SEQ. 1 - COMPOSIÇÃO - COMPUTAÇÃO GRÁFICA</p> <p>Música instrumental. Carteira animada com imagens de adultos e crianças operando câmeras de vídeo. Texto: <i>ANALISANDO E EXPERIMENTANDO O AUDIOVISUAL</i></p> <p style="text-align: right;">CORTA PARA:</p>	
<p>SEQ. 2 - CENÁRIO NEUTRO (CASA DA FAMÍLIA) - INT/DIA</p> <p>Música instrumental. A família Teles está reunida na sala, tomando café da manhã. Estão todos de pijama e chinelo. Janete, de pé, põe leite na mesa. Ela está com creme de beleza verde no rosto e os cabelos presos num rabo-de-cavalo. Olavo lê um jornal à mesa. Está de mau-humor e tem olheiras enormes. Juninho, com o cotovelo apoiado na mesa, está todo descabelado e morrendo de sono.</p>	<p>OLAVO Juninho, meu filho, liga a televisão pra gente dar uma olhadinha no jornal.</p> <p>OLAVO Juninho... Juninho! Você dormiu em cima da mesa?</p>
<p>Juninho não responde. Ele está dormindo e roncando em cima da mesa.</p>	<p>JUNINHO (Acordando) Ahn?</p> <p>JANETE É isso que dá ficar brincando na Internet até tarde. Deixa que eu ligo a tevê.</p> <p>OLAVO Esse menino vai acabar chegando atrasado na escola...</p> <p>JUNINHO Hoje é sábado, pai...</p>
<p>Janete liga a tevê. Música alegre. Está passando um comercial de margarina. Muitos closes e cortes rápidos. É a própria família que está no vídeo, só que com outra aparência. Todos estão excessivamente sorridentes. Janete está bem vestida, maquiada e penteada. Olavo aparece de terno. Juninho chega correndo, de mochila, prontinho para ir à escola, e beija a mãe e o pai. Uma bela mesa está arrumada, com vários pães, bolos e sucos. Se possível, até um cachorro de estimação deve aparecer na cena. Todos provam a margarina e fazem "hummmm!" A família de verdade pára e fica olhando para a tela, estupefata. Cada personagem</p>	<p>OLAVO Hummm! Essa margarina deve ser boa... Vocês viram a felicidade estampada na cara deles?</p> <p>JUNINHO E vocês viram que cachorro legal?</p> <p>JANETE Mas, Olavo! Você nem gosta de margarina!</p> <p>OLAVO É, mas a gente tem de estar aberto para as novidades!</p>

<p>olha para si mesmo e para o seu correspondente no vídeo. Este responde com um tchauzinho, uma piscadinha ou um sinal de positivo, sem parar de sorrir, e segurando a embalagem do produto. No final, a família do comercial aparece abraçada, todos com um pote de margarina na mão. Olavo, Janete e Juninho se olham.</p>	<p>JUNINHO Isso quer dizer que a gente pode ter um cachorro?</p> <p>JANETE Francamente, Olavo... Você acha mesmo que aquela margarina vai fazer você mais feliz?</p> <p>OLAVO Quem disse isso? (Atrapalhado) Eu só estou... te explicando... é... que o comercial não vende só... a margarina. Vende... Um estilo de vida!</p> <p>JUNINHO A gente bem que podia ter um cachorro...</p> <p>JANETE Tá bem, meu filho. Agora que nós vamos mudar nosso "estilo de vida", o papai vai comprar um cachorro de comercial de margarina pra você. Não é isso, Olavo?</p> <p>JUNINHO Oba!!!</p> <p>OLAVO (Desconversando) Ei, ei, ei! Silêncio que está começando o jornal!</p> <p>JANETE Hoje é sábado, Olavo. A essa hora não tem jornal.</p> <p>JUNINHO Então vamos passear?</p> <p>OLAVO Oba! Isso mesmo! Vamos... ao Zoológico!</p>
<p>FADE RÁPIDO</p>	
<p>SEQ. 3 - COMPOSIÇÃO - CARTELA</p> <p>Música instrumental. Carteia. Texto: <i>Como a publicidade estimula o nosso desejo de consumir produtos e adotar estilos de vida? Que mecanismos usa? A que valores e necessidades apela?</i></p> <p style="text-align: right;">FADE</p>	
<p>SEQ. 4 - COMPOSIÇÃO - COMPUTAÇÃO GRÁFICA</p>	
<p>Música instrumental. Carteia animada com imagens de uma pessoa digitando no computador e de um set de gravações. Texto: <i>PLANEJAMENTO, ROTEIRIZAÇÃO, GRAVAÇÃO.</i></p> <p style="text-align: right;">CORTA PARA:</p>	

SEQ. 5 - CENÁRIO NEUTRO (CASA DA FAMÍLIA)
- INT/DIA

Juninho e Janete estão na mesa da sala que está cheia de papéis, canetas, lápis, canetinhas.

Olavo entra todo preparado para ir ao Zoológico: de chapéu, bermuda e camiseta, máquina fotográfica no pescoço e jornal debaixo do braço. Janete e Juninho olham para ele da cabeça aos pés.

JUNINHO

Antes de tudo nós temos de fazer um roteiro.

OLAVO

Roteiro? Quem vai viajar?

JANETE

Pela roupa é você, Olavo (dá uma risadinha). Brinca-deira! É que nós estamos fazendo um roteiro para uma produção audiovisual...

OLAVO

O quê?

JUNINHO

Nós vamos fazer um vídeo, pai!

OLAVO

Ahhh! Mas... A gente não ia no Zoológico?

JANETE

Claro! Mas enquanto você se arrumava, nós aproveitamos para brincar um pouquinho de cineastas... Vamos fazer um roteiro e depois o planejamento para as gravações...

OLAVO

Vai ter entrevista? Vocês sabem que eu sei tudo de entrevista. Já assisti tanto telejornal que aprendi direitinho como eles fazem...

JUNINHO

Não, pai, dessa vez vamos fazer uma ficção.

JANETE

Ai, eu estou com uma idéia ótima!

JUNINHO

Conta, mãe, conta!

OLAVO

É, Janete, conta logo que eu já estou curioso.

JANETE

Prestem atenção! Eu pensei em escrever a história de uma simpática família de classe média que, por meio de situações do cotidiano, dá idéias para os professores trabalharem com as novas tecnologias do audiovisual dentro da escola!

Janete olha para os dois sorrindo.	<p>JANETE E então? Que tal? Não é o máximo?</p>
Juninho e Olavo se olham, olham para os lados, balançam a cabeça e se viram para a câmera ao mesmo tempo, falando com um sorrisinho maroto.	<p>OLAVO E JUNINHO Bom, é que... Não sei, não...</p> <p>JUNINHO Realmente é uma idéia sensacional...</p> <p>OLAVO (Aponta discretamente para a câmera) Mas você não tem a impressão de já ter visto isso em algum lugar? Ahn?</p>
Janete também olha para si mesma, para o cenário e depois para a câmera.	<p>JANETE Ih... É mesmo, né? Desculpa aí...</p> <p>OLAVO E JUNINHO Pois é...</p> <p>JANETE Já sei! Então vamos escrever um roteiro poético, sobre um homem que vai passear no Zoológico.</p> <p>OLAVO Isso! Mas... Zoológico é poético?</p> <p>JUNINHO Claro! Cada bicho que ele vê no Zoológico representa uma emoção.</p> <p>JANETE Nossa, que bonito!</p> <p>OLAVO Muito simbólico isso... Gostei! Mas, me diz uma coisa: quem vai fazer o personagem principal?</p> <p>JUNINHO E JANETE (Rindo) Adivinha...</p>
Olavo faz uma cara de desconfiado. Os três começam a conversar sobre a história, desenhar e escrever. FADE RÁPIDO	<p>JUNINHO Produção! Vamos! Bem ali estão os elefantes!</p>
<p>SEQ. 6 - COMPOSIÇÃO - CARTELA</p> <p>Música instrumental. Carteia. Texto: <i>Para fazer um vídeo, basta uma câmera na mão? É preciso escrever um roteiro? E a produção de vídeo não se realiza melhor em parceria?</i></p>	

<p style="text-align: right;">FADE</p> <p>SEQ. 7 - COMPOSIÇÃO - COMPUTAÇÃO GRÁFICA</p>	
<p>Música instrumental. Carteia animada com imagens da família em diversos planos e enquadramentos diferentes. Texto: <i>ELEMENTOS DE LINGUAGEM AUDIOVISUAL</i></p> <p style="text-align: right;">CORTA PARA:</p>	
<p>SEQ. 8 - ZOOLOGICO - EXT/DIA</p>	
<p>Juninho, Olavo e Janete estão no Zoológico. Janete e Juninho passam pelo enquadramento primeiro. Juninho está de óculos escuros, colete cheio de bolsos, chapéu e com a câmera na mão. Janete leva a claquete.</p>	<p>JUNINHO Produção! Vamos! Bem ali estão os elefantes!</p> <p>JANETE Vem, Olavo, que moleza!</p>
<p>Olavo passa em seguida, sozinho, levando algodão-doce, catavento, pipoca, máquina fotográfica, boné, garrafa de água, jornal, bola e o que mais ele conseguir carregar.</p>	<p>OLAVO Moleza?! E eu que pensei que ia ter tratamento de estrela... Eu não sou o personagem principal? Ei, esperem por mim!</p>
<p>Plano geral do abrigo dos elefantes e das girafas. A câmera balança um pouco; é o Juninho que está gravando. Aparece GC com o título <i>PLANO GERAL</i> em um dos cantos da tela. Olavo está lá no fundo, no canto, meio virado. Não é possível ver muito bem o que ele está fazendo.</p>	<p>JANETE (V.O.) E agora, meu filho? O que é que você está fazendo?</p> <p>JUNINHO (V.O.) Um plano geral, mãe. Pra iniciar o filme, eu quero localizar o ambiente, sabe como é?</p> <p>JANETE (V.O.) Mas espera aí, Juninho, o seu pai está aparecendo no enquadramento!</p>
<p>O enquadramento se move lentamente da esquerda para a direita. Aparece o GC PANORÂMICA no canto da tela.</p>	<p>JUNINHO (V.O.) O papai? Cadê ele?</p> <p>JANETE Espera aí.</p>
<p>Janete aparece no enquadramento e faz um sinal para que Juninho a siga. O menino faz um <i>ZOOM IN</i>. Ao mesmo tempo, o nome do recurso aparece no canto da tela.</p>	<p>JUNINHO (V.O.) Que será que o papai está arrumando?</p>
<p>O <i>zoom in</i> pára em <i>PLANO AMERICANO</i> (aparece o nome escrito no canto da tela). O enquadramento mostra Olavo e Janete com os pés cortados. Olavo tenta esconder que estava comendo todo o algodão-doce sozinho. Mas a bagunça que ele fez é notória.</p>	

<p>Tem doce na barba toda. O enquadramento se fecha mais ainda. Olavo e Janete aparecem da cintura para cima. Aparece o GC: PLANO MÉDIO. Os dois falam mas não é possível ouvir as vozes. Janete tira o algodão-doce da barba de Olavo e morre de rir. Juninho comenta a cena.</p>	<p>JUNINHO (V.O.) Olha só! Que danado... O papai comeu o algodão-doce todinho sozinho! E que bagunça! Eca!</p>
<p>Música instrumental. Sequência de imagens em <i>still</i>, como se fossem fotografias, acompanhadas de barulho de <i>flash</i> de máquina fotográfica. A família aparece fazendo poses no Zoológico. As imagens registram momentos da filmagem, com Juninho de diretor, Janete batendo a claquete, Olavo atuando ao lado dos animais, etc. Por último, aparece uma foto da família reunida.</p> <p style="text-align: right;">CORTA PARA:</p>	
<p>SEQ. 9 - COMPOSIÇÃO - CARTELA</p>	
<p>Música instrumental. Carteia. Texto: <i>Imagens provêm de escolhas: Que mostrar de cenário e personagens, durante quanto tempo, com câmera fixa ou móvel, de que ângulo? Fazer vídeo é organizar elementos para expressar visões estética, objetiva, subjetiva do mundo.</i></p> <p style="text-align: right;">FADE</p>	
<p>SEQ. 10 - COMPOSIÇÃO - COMPUTAÇÃO GRÁFICA</p>	
<p>Música instrumental. Carteia animada com imagens da família em diversos planos e enquadramentos diferentes. Texto: <i>EDIÇÃO/MONTAGEM</i>.</p> <p style="text-align: right;">CORTA PARA:</p>	
<p>SEQ. 11 - CENÁRIO NEUTRO (CASA DA FAMÍLIA) - INT/DIA</p>	
<p>Juninho, Olavo e Janete estão na sala da casa, diante de dois videocassetes e da televisão. A família vê as fotografias tiradas no Zoológico, no dia da gravação, que estão em cima da mesa.</p>	<p>JUNINHO Bom... Agora nós vamos fazer a edição!</p> <p>JANETE E precisa, meu filho?</p>
<p>Juninho examina o roteiro.</p>	<p>JUNINHO Claro, mãe! Vamos organizar tudo o que a gente gravou de acordo com o roteiro.</p>

	<p>OLAVO Temos de escolher as melhores cenas para o nosso vídeo, não é? Por exemplo, a cena do algodão-doce tem de ser cortada...</p> <p>JUNINHO É, pai... Só vão ficar as imagens importantes para a nossa história.</p> <p>JANETE Ahhh... Mas a cena do algodão-doce estava tão engraçada...</p> <p>JUNINHO Estava, mãe, mas não tem nada a ver com a história que a gente quer contar.</p> <p>OLAVO E como vai ser a edição?</p> <p>JUNINHO Eu já vi a professora fazer lá na escola. É bem fácil. A gente só precisa de dois videocassetes e da nossa tevê.</p>
<p>Juninho vai manipulando os equipamentos enquanto explica o procedimento.</p>	<p>JUNINHO Aqui vai a fita com o material que a gente gravou no Zoológico.</p> <p>JANETE Já sei! Neste outro videocassete vão ficar as cenas selecionadas... A fita com o material editado.</p> <p>OLAVO Isso mesmo. Agora a gente procura a imagem que vai abrir a nossa história... Pronto! É essa aqui. PAUSE.</p> <p>JUNINHO Isso mesmo. Vamos deixar um tempinho de fita no começo... Uns dois minutos está bom. Agora aperto o PLAY, depois o PAUSE e por último o REC.</p> <p>JANETE Tudo pronto para a edição?</p> <p>OLAVO Pronto! Agora eu desaperto o PAUSE aqui e você desaperta aí.</p> <p>JUNINHO Preparado? Já!</p>

<p>Os dois apertam os botões e o trecho é editado. Juninho faz sinal para Olavo e grita.</p>	<p>JUNINHO Corta!</p>
<p>Juninho aperta o PAUSE novamente. A família ri e aplaude.</p>	<p>JANETE Muito bem!</p> <p>OLAVO E assim vai até o final da história!</p> <p>JUNINHO A gente coloca também ruídos, música... Vai ficar demais!</p> <p>JANETE (Olhando as fotografias) Hummm... Sabia que dava pra contar a nossa história até fazendo uma montagem com as fotografias que a gente tirou no Zoológico?</p> <p>OLAVO Que bela idéia, Janete! Você está inspirada hoje, hein?</p> <p>JANETE Obrigada...</p> <p>JUNINHO (Olhando para a câmera) O que a gente fez no vídeo, pode ser feito de várias maneiras: com desenho, em papel transparente, projetor de <i>slides</i>, gravador de som... Basta inventar!</p>
<p>CORTA PARA:</p>	
<p>SEQ. 12 - COMPOSIÇÃO - CARTELA</p>	
<p>Música instrumental. Carteia. Texto: <i>Como selecionar e organizar o material gravado? De onde partir? Ao juntar uma imagem com outra, que significado pode ser produzido?</i></p> <p style="text-align: right;">FADE</p>	
<p>SEQ. 13 - COMPOSIÇÃO - MATERIAIS DO CURSO</p> <p>Música instrumental. Imagens do vídeo, da cartilha do Módulo 3 e dos títulos desta unidade: <i>MÓDULO 3 - UNIDADE 1: ANALISANDO E PRODUZINDO O</i></p>	<p>JANETE (V.O.) Os conceitos tratados neste vídeo você encontra na Unidade 1: <i>ANALISANDO E PRODUZINDO O</i></p>

<p><i>AUDIOVISUAL: OFICINA DE VÍDEO NA ESCOLA.</i></p>	<p><i>AUDIOVISUAL: OFICINA DE VÍDEO NA ESCOLA, do Módulo 3 do curso TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE.</i></p> <p>OLAVO (V.O.) Leia atentamente todos os textos da unidade e reflita sobre os conteúdos e sua relação com o vídeo que você acabou de ver. Troque idéias com outros professores de sua escola ou de sua cidade. Tente aplicar suas descobertas no seu dia-a-dia na escola. Bom trabalho!</p>
<p>FADE OUT. CRÉDITOS FINAIS.</p> <p>FIM</p>	

Glossário

Alteridade: condição necessária de ser outro em relação a outrem; forma distinta e complementar de subjetividade.

Antiguidade grega: referência pouco precisa ao período histórico de maior desenvolvimento político e cultural da Grécia antiga.

Apresentador (off). voz cujo emissor não aparece. Às vezes indica uma voz impessoal, um narrador ausente.

Câmera digital: dispositivo que grava imagens em disquetes de forma que tal imagem possa ser transportada para um computador ou qualquer outro aparelho que trabalhe com a tecnologia digital. A tecnologia digital utiliza-se do conceito de ligado e desligado. Esses dois estados caracterizam a situação de um circuito elétrico.

Cena: palco; cada uma das unidades de ação de uma peça, cuja divisão se faz seguindo as entradas e saídas dos atores.

Contraplano: recurso de enquadramento para cenas dialogadas. Se o plano mostra o ator de frente para a câmera, o contraplano o mostrará de costas e vice-versa. (Cf. campo e contracampo no Glossário do Módulo 1.)

Decupagem: processo de elaboração e análise técnica do roteiro de um filme ou programa de TV. Consiste na indicação de todos os detalhes necessários à filmagem ou à gravação das cenas (planos, ângulos, ordem e duração das tomadas, cenários, efeitos, diálogos, movimentos de câmera, lentes, música e ruídos). O roteiro decupado serve de guia para a equipe técnica durante toda a realização.

Escola burocrática: instituição educativa caracterizada pelo distanciamento de professores e alunos, ênfase no disciplinamento das condutas e na repetição do que é sabido.

Escolástica: doutrinas teológico-filosóficas dominantes na Idade Média, dos séculos IX ao XVII, caracterizadas sobretudo pelo problema da relação entre a fé e a razão, problema que (nelas) se resolve pela dependência do pensamento filosófico, representado pela filosofia greco-romana, da teologia cristã.

Fade: efeito que consiste no aparecimento ou desaparecimento gradual da imagem e do som.

ficção: coisa imaginária, fantasia, invenção, criação sem compromisso com fatos.

Flash-back. do inglês, recurso narrativo, literário ou cinematográfico por meio do qual fatos passados são trazidos à cena.

Ilha de edição: unidade de edição eletrônica de videotape.

Imprescindível: qualidade de algo que não pode deixar de ser feito; alguém com quem é preciso poder contar.

Incógnita: que é desconhecida, secreta, enigmática.

Insert/Audwdub/Edit: funções específicas de edição que aparecem em videocassetes e câmeras para permitir a introdução de modificações.

Intertextualidade: superposição de um texto a outro.

Makingof: do inglês, significa o conjunto dos afazeres, respectivas ferramentas e efeitos técnicos que constituem o processo de produção das artes cênicas. Normalmente inacessível aos espectadores, eventualmente é revelado em programas especiais.

Modernidade: período histórico cujo marco inicial no Ocidente é a Revolução Francesa e cujo término é demarcado pela Segunda Grande Guerra Mundial.

Monolitismo: modalidade de opinião que se caracteriza por ser rígida e excludente de outras opiniões.

Morfologia: o estudo de formas da língua, do aspecto formal das palavras, conferido pelos morfemas.

PC: do inglês, abreviatura de *personal computer*, computador de uso pessoal.

Pólis: do grego *pólis*, quer dizer cidade.

Pós-Modernidade: condição atual da cultura ocidental, caracterizada pela aceleração das transformações culturais, sobretudo tecnológicas, decorrente instabilidade das instituições e incerteza quanto a valores.

Power Point programa de computador desenvolvido pela empresa Microsoft com o objetivo de servir de suporte para apresentações. No *Power Point* podemos apresentar aulas, palestras, resumos, gráficos, tabelas, etc, substituindo o retroprojetor e as transparências por recursos bem mais dinâmicos e eficazes.

Projétil: qualquer sólido pesado que se move no espaço, abandonado a si mesmo depois de haver recebido impulso.

Projektor de slides: aparelho que se destina à projeção de imagens por meio de fotografia positiva e transparente, em cores (filme de 35 mm), montada em moldura plástica.

Raciocínio analógico: atribuição de uma qualidade a um objeto pela presença desta qualidade em outro objeto que, como o primeiro, já apresenta qualidades comuns.

Relações dialógicas: trocas interpessoais caracterizadas pela minimização da hierarquia, nas quais prevalecem a simpatia e a inteligência mais do que o poder e a autoridade.

Scanner. equipamento eletrônico (*hardware*) que, acoplado a um computador, permite a cópia digitalizada de imagens ou textos.

Sequência: o conjunto de cenas ou de planos de um filme que se passam em um só ambiente ou que se caracterizam por uma certa unidade de ação.

Sinopse: narração breve; resumo; sumário; síntese.

Software: do inglês, programa de computador, parte do sistema de processamento de dados que contrasta com *hardware* (parte física), tangível. O computador só funciona se além da parte física contiver *softwares*. Os *softwares* podem ser bem distintos: *softwares* operacionais, aplicativos, jogos, educacionais, comerciais, etc.

Trilha sonora: conjunto das músicas que compõem a parte sonora de filme, telenovela, peça de teatro, etc. Pode ser divulgado e comercializado independentemente da obra de que faz parte, sob a forma de discos, fitas, etc.

Tripé: suporte portátil com três escoras, sobre o qual se põe a máquina fotográfica, o telescópio ou outros aparelhos.

Univocidade: modalidade de expressão caracterizada pela intenção de excluir expressões diferentes.

Velocidade SP: do inglês, standard play (funcionamento padrão). Velocidade de gravação que oferece a melhor qualidade de imagem e o maior consumo de fita. É a mais adequada para gravar trechos curtos.

Vídeo digital: dispositivo para exposição de imagens e filmes que está baseado em imagens digitalizadas. A imagem digitalizada é aquela que permite sua gravação como conjuntos de zeros e uns. Os zeros representam os circuitos desligados e os uns os circuitos ligados.

Vinheta: elemento ornamental, com desenho abstrato ou figurativo, utilizado (isoladamente ou em combinações diversas) como enfeite, fecho de capítulos, cercadura, ornato intratextual, etc.

Windows 98: versão do sistema operacional desenvolvido pela empresa americana Microsoft. O sistema operacional é um programa de computador que permite controlar as funções básicas da máquina, a ação de seus circuitos internos e a integração entre programas aplicativos (*software*) e a arquitetura do computador (*hardware*).

Comentários referentes às atividades

Atividade 1

Atividades de análise de programas de televisão começam de nossas impressões, de nossa leitura espontânea. No primeiro momento da análise é importante observar as partes que constituem o programa para, a seguir, procurar compreender como essas partes estão associadas, ligadas, produzindo um sentido, um todo significativo.

Sabemos que a mensagem básica de qualquer comercial é vender. Para fazer que o público-alvo compre o produto, apela para valores, desejos atuais e apóia-se em elementos visuais, sonoros e narrativos. As narrativas geralmente são fragmentos de histórias. Baseiam-se em necessidade ou desejo que direciona o sujeito a um objeto. O produto pode ser o objeto do desejo ou o auxiliar para satisfação da necessidade.

A relação entre os elementos do comercial e o produto em si varia. Existe um tipo de comercial que se centra na descrição e na explicação do produto. Apresenta relação direta explícita, que se verifica, por exemplo, nos comerciais de sabão, pasta dental, carro, que usam personagens, donas de casa, cientistas, artistas de TV, jornalistas para demonstrar ou "provar a superioridade" de um determinado produto. O modo de vestir do personagem, sua postura, entonações, expressões verbais, o olhar direto para a câmera e o cenário apóiam a argumentação dando-lhe o sentido de séria, de verdadeira, de objetiva. Em outro extremo, há tipos de publicidade que impõem a marca de um produto ou de um estilo de vida sem que haja qualquer relação aparente entre conteúdo, imagens e sons do comercial e o produto.

Atividade 2

Nesta atividade é preciso refletir sobre as relações possíveis entre imagem, palavra, música e ações de personagens para estimular nossos desejos de consumo. À posição de receptor acrescenta-se a de emissor. Dessa nova perspectiva observam-se os elementos que compõem a mensagem, como são costurados, articulados. Faz-se a análise, a reflexão sobre a mensagem publicitária levando-se em conta as dimensões reciprocamente complementares de emissor e de receptor.

Atividade 3

Na Unidade do Módulo 2 apresentamos critérios como o de importância e o de interesse para selecionar o que noticiar num telejornal. Aqui continuamos a refletir sobre essa seleção. Procure pensar sobre as interferências na produção da notícia, sobre os elementos que constituem a mensagem e como são costurados, editados.

Há uma abertura para comparar o jornal impresso com o de TV e suas linguagens. Ao escrevermos um texto para o telejornal, na realidade escrevemos um texto para ser falado, que se aproxima da linguagem oral. Mas observe que não é texto oral. É um texto que se apóia em imagens que podem dispensar o próprio texto verbal. É um texto audiovisual.

Atividade 4

O telejornal apresenta os fatos considerados os mais significativos pelo emissor. Para muitos brasileiros, os telejornais das emissoras abertas têm sido a única fonte de informação. Nesta atividade, ao colocarmos a perspectiva dupla de emissor e receptor, objetivamos provocar sua reflexão sobre as possibilidades de manipulação intencional na produção dos telejornais e as possibilidades de aprendizagem na recepção dos mesmos pelo grande público.

Atividades 5, 6 e 7

Ao analisar as estruturas de contos populares, Propp verificou que elas eram constituídas por um número limitado a 31 funções exercidas por personagens. Elas são partes fundamentais do conto, pois estruturam-no. É preciso levar em consideração que nem todas as 31 funções se fazem necessariamente presentes em cada conto. Esta proposta de Propp tem sido utilizada tanto para analisar programas de televisão, filmes (como é o caso das atividades 5 e 6 deste Módulo), como também para a criação das histórias de filmes e programas (como na atividade 7).

Nas atividades 5 e 6 procure experimentar esta proposta como um ponto de partida para observar a estrutura de um conto, de um filme ou de um programa de televisão. Não é preciso que todas as funções estejam presentes para que este esquema narrativo seja considerado aplicável. Dependendo do filme, se for por exemplo de violência, as funções de combate vão se repetir inúmeras vezes em detrimento de outras.

Já na atividade 7, você precisa experimentar um trabalho de codificação. Trata-se de criar histórias a partir de dezoito funções. Tenha em mente que você poderá acrescentar ou incluir outras funções às propostas.

Atividade 8

Os planos constituem elementos fundamentais da mensagem audiovisual. Nesta atividade trata-se de reconhecer três planos básicos: geral, médio e close, cuja caracterização você encontra no texto da Unidade 1.

Atividade 9

Nesta atividade de identificação de planos acrescentamos a importância da relação entre o plano e a(s) função(ões) que ele desempenha na mensagem. Ao observar os enquadramentos de um programa de televisão, procure pensar a mensagem audiovisual de acordo com a maneira como foi constituída. Procure pensar o plano utilizado como uma escolha que não é gratuita, mas, ao contrário, foi realizada com vistas a um propósito consciente e deliberado.

Atividade 10

Procure exercitar o olhar para além do visível, do enquadrado. Neste exercício procure situar o lugar onde estava a câmara que filmou este plano, qual era o seu ângulo, utilizando como referência o que está no texto e suas próprias percepções e reações diante do resultado.

Atividade 11

Escolher o ângulo de filmagem justifica-se para valorizar um determinado aspecto, enfatizar uma determinada postura, suscitar um determinado sentimento, uma determinada idéia. A angulação utilizada na filmagem de uma cena gera efeitos intencionalmente escolhidos para expressar características do comportamento do personagem numa dada situação que ele vivência. Assim, para expressar a condição de superioridade, poder, em geral utiliza-se a visão inferior proporcionada pela câmara posicionada abaixo do personagem (câmera baixa) e, para expressar derrota, humilhação, inferioridade, pode-se utilizar a visão superior proporcionada pela câmara posicionada acima do personagem (câmera alta).

Atividade 12

Nesta atividade, não se limite a identificar o tipo de movimento. Tente descobrir a função que o movimento está cumprindo. Observe se o ritmo está adequado, se está vertiginoso ou lento demais, e quais suas próprias reações diante dos efeitos.

Atividade 13

Esta atividade chama sua atenção para a importância do material sonoro no audiovisual. O som facilita o entendimento da narrativa, aumenta a capacidade expressiva do audiovisual, completa, reforça o significado da imagem, cria climas. Explore as diversas combinações entre som e imagem.

Atividade 14

É fundamental que conheça os recursos da câmara que for utilizar (se tiver acesso a uma). A leitura do manual é importante para conhecer e explorar seus recursos. Tenha sempre em mãos o manual da câmara quando for manipulá-la, procurando experimentar seus recursos. A ajuda de uma pessoa que sabe operar com a câmara é sempre bem-vinda. Reveja e analise o que gravar. Aprenda-se a operar com câmara também por tentativa, acertando e errando; analisando os resultados você poderá aperfeiçoar o processo, superando as dificuldades.

Atividade 15

Esse procedimento pode ser simplificado se puder fazer uma fotocópia em transparência dos desenhos. Os desenhos devem estar nas dimensões de um *slide*. A seguir, são recortados da transparência e colocados na moldura. Você pode desenvolver outros procedimentos.

Atividade 16

Esses sons são encontrados em fitas de áudio e CD. O que pretendemos aqui é que você exercite a criação de sons e a gravação sonora.

Atividade 17

Para que possa experimentar a produção de um audiovisual utilizando o *Power Point* ou outro programa, como, por exemplo o *RealSlideShow*, disponível gratuitamente na Internet, o computador deve ter recursos multimídia. Esses programas possibilitam a gravação de som e imagem diretamente no computador. Escolha um tema e procure explorar os recursos desses programas.

Atividade 18

Você encontrará o roteiro final do vídeo da Unidade 1, do Módulo 3, como anexo deste módulo, logo após a orientação para o trabalho final. Entretanto, recomendamos que, antes de consultá-lo, experimente primeiro fazer a transcrição do material visual e sonoro de uma das cenas do vídeo, ou seja, escrever o roteiro da cena que você escolher. Este exercício objetiva contribuir tanto para a elaboração de roteiros como para a análise de vídeos.

Atividade 19

Na pauta coloque apenas os elementos essenciais que devem ser abordados na entrevista, conforme os seus objetivos e o conteúdo da mesma.

Atividade 20

Procure observar a estruturação de um vídeo a partir do reconhecimento dos elementos que constituem um vídeo institucional. Não é preciso que o vídeo apresente todos esses blocos. A ordem de apresentação deles também pode mudar.

Atividade 21

Refleta sobre uma proposta de estrutura para um vídeo de divulgação. Realize esta atividade como um ponto de partida, já que poderá abrir-se a novas idéias.

Atividade 22

Este é um exercício de elaboração de uma pequena mensagem. Na verdade, o processo de elaboração de um roteiro é complexo. Mas nesta atividade o importante é que você experimente expressar-se com imagem e som. Mais tarde, poderá aperfeiçoar o seu saber-fazer.

Atividade 23

A partir da articulação entre imagens, procure refletir sobre a montagem de um audiovisual como produção de sentido. Nesta atividade, você constata que duas narrativas diferentes são constituídas por imagens idênticas e que uma simples mudança na ordem de combinar essas imagens produz significados diferentes.

Atividade 24

Nesta atividade você continua a refletir sobre a montagem como produção de sentido, acrescentando agora o som. Dependendo da imagem que é combinada com a fala, pode-se valorizar ou minimizar a importância de um discurso, de uma proposta, do sujeito que fala.

Atividade 25

Continue a refletir sobre as articulações entre imagem e som. Dependendo da combinação escolhida, obterá um resultado diferente do outro. As combinações podem ser redundantes, complementares ou contrastantes (reveja esses conceitos no texto da Unidade 1). Ao rever o vídeo *Ilha das Flores*, observe a correspondência entre imagem e som, procurando descobrir que relação predomina no vídeo como um todo. Som e imagem repetem-se para apresentar uma mesma informação? Som e imagem complementam-se para apresentar uma mesma informação? Som e imagem opõem-se para criar uma outra informação que se esconde em um segundo nível de leitura?

Atividade 26

Esta atividade continua a explorar as relações entre imagem e som, propondo algumas técnicas simples de criação de narrativas com imagens e palavras. O ponto de partida varia, podendo ser ora a imagem ora a palavra. O importante é que você experimente criar com imagem e palavra. Reflita sobre as relações estabelecidas somente depois de concluir essa criação, ocasião em que poderá compreender melhor as opções que fez e seus resultados.

Atividade 27

Temos enfatizado a concepção de edição/montagem para além do apertar botões, como produção de sentido. Assim, é fundamental que compreenda o funcionamento técnico da edição e perca o medo de apertar botões e de fazer ligações de cabos e equipamentos. Se não tiver o acesso a equipamentos para experimentar, visite uma produtora de vídeo e tente acompanhar uma edição.

Atividade 28

A primeira etapa - concepção - consiste no conhecimento mais preciso e ordenado do conteúdo constitutivo do audiovisual a programar. Nessa fase é importante ter clareza sobre o que se quer dizer ao telespectador, sobre a história que se pretende contar. A segunda etapa - criação - é a tradução do texto, da história, para a linguagem audiovisual; é a passagem do texto escrito para a representação escrita de imagem e som.

A etapa de concepção refere-se ao momento de pesquisa, estudo, de conhecimento da história, enquanto a de criação é a passagem do texto original para a linguagem audiovisual.

A etapa de elaboração do conteúdo consiste na preparação pelos especialistas da informação a ser trabalhada no vídeo educativo. É a fase em que o texto é escrito com caráter científico ou técnico, sendo, em sequência, recortado e inserido no enredo, na história.

A tradução deste conteúdo para a linguagem audiovisual é o trabalho desenvolvido pelo roteirista, às vezes, num trabalho conjunto com o diretor, para que este entenda melhor esta tradução. O roteiro, como vimos, é uma antecipação escrita do audiovisual, compreende o conteúdo do texto

escrito, traduzido em uma forma esteticamente atraente e eficiente. É o roteiro que define as características de linguagem mais adequadas ao objetivo do filme.

Atividade 29 - será comentada pelo(a) tutor(a).

Atividade 30 - será comentada pelo(a) tutor(a).

Atividade 31 - será comentada pelo(a) tutor(a).

Atividade 32 - será comentada pelo(a) tutor(a).

Atividade 33

Resumir histórias, além de habilidade fundamental, é etapa importante tanto do processo de análise de filmes e de programas de ficção na TV como do processo de criação/construção deles. Vale a pena desenvolvê-la.

Atividade 34 - será comentada pelo(a) tutor(a).

Atividade 35

Com esta atividade pretendemos que conheça melhor a realidade da escola em que você atua. Assim, é importante verificar que tecnologias estão disponíveis e quais estão sendo utilizadas por professores, técnicos, alunos e comunidade. Procure conhecer melhor a influência delas sobre a prática pedagógica, a aprendizagem, os modos de ver, sentir, entender, organizar o conhecimento e representar o mundo, bem como sobre a construção da autonomia individual e coletiva. Aponte caminhos para melhorar essas condições e como você poderá contribuir para que isso ocorra.

Atividade 36

Existe um projeto político-pedagógico na escola em que atua? Você já o leu? Atua na sua implementação? O que, de acordo com o texto do projeto, está sendo esperado de você, como professor ou gestor? O que está sendo entendido por participação, que tipo de atividades estão valorizadas no texto e que relações foram pensadas entre os membros da comunidade escolar? Considera o projeto viável? Mudaria algo? Procure justificar sua resposta focalizando o aproveitamento das tecnologias que esse projeto possibilita ou poderia possibilitar para a escola em que atua. E caso ainda não exista o projeto, procure descobrir as justificativas desse fato e os possíveis caminhos para que possa vir a ser elaborado.

Atividade 37

É importante que você conheça o Projeto Político-Pedagógico da escola em que atua e procure recuperar a maneira como ele foi elaborado, a participação específica de cada um nesse processo e os objetivos que se pretende realizar por meio dele. Você tem idéia desde quando ele existe e de quem teve oportunidade de opinar, propor atividades, redigir? Ou de quando e como foram tomadas as decisões que levaram ao texto final da proposta? E do que se espera de cada um dos

participantes no momento atual e no futuro para melhorar a aprendizagem e a prática pedagógica? Procure detalhar esse processo, identificando sua própria participação e o que você espera que aconteça.

Atividade 38

Ao longo deste curso temos abordado a questão das tecnologias da informação e da comunicação e a importância de seu uso para aprender e para ensinar. Você conhece bem as condições existentes na sua escola para que possa organizar-se melhor para estudar, para planejar e para realizar seu trabalho? Como as pessoas têm utilizado essas tecnologias, o que pensam delas e até que ponto elas vêm modificando a prática pedagógica no cotidiano escolar? Até que ponto estão sendo utilizadas para a construção individual e coletiva do conhecimento, até que ponto têm possibilitado uma visão mais interdisciplinar de fatos, situações, fenômenos, problemas, dificuldades, aspirações? Há resistências à utilização das tecnologias na sala de aula, na administração, no desenvolvimento de projetos? Há possibilidade de ampliar o uso que se faz das tecnologias disponíveis? O que as pessoas pensam a respeito disso? O que estão fazendo nesse sentido? O que pretendem fazer sobre isso durante este ano, nos próximos dois anos e assim por diante? As respostas podem ser diferentes e dependem do contexto de cada escola e de cada cursista.

Atividade 39 - será comentada pelo(a) tutor(a).

Trabalho Final do Curso - será comentado pelo(a) tutor(a).

FOTOLITO E IMPRESSÃO



IMPrensa OFICIAL

SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE
Rua do Mooco, 1921 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 6099-9457/6099-9529
CNPJ 48 066 047/0001-84
[http //www.imprensaoficial.com.br](http://www.imprensaoficial.com.br)



**Secretaria de
Educação a
Distância**

**MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO**



FICHA DE AVALIAÇÃO DO MATERIAL IMPRESSO DO MÓDULO 3

Pesquisa avaliativa

Universidade:

UF:

Data: / /

Caro cursista.

Esta ficha tem por finalidade avaliar o material didático impresso utilizado no Módulo 3.

É fundamental que você responda com sinceridade, sem constrangimentos, aos vários itens abaixo, contando-nos como foi sua experiência de trabalhar com ele.

Com certeza, neste tipo de trabalho, muita coisa nos passou despercebida.

Você poderia nos ajudar, tendo em vista cursos futuros, enumerando tudo aquilo em que, na sua opinião, este material impresso contribuiu para sua aprendizagem ou deixou a desejar.

Não assine esta ficha nem a identifique de modo algum. Envie-a para o seu tutor.

1. Assinale sua resposta com um X. Na sua opinião, o material impresso está adequado aos objetivos e aos conteúdos do Módulo 3?	Sim	Não
a) na divisão do conteúdo em unidades e tópicos		
b) nas atividades propostas		
c) nos exemplos dados		
d) nos resumos		
e) na linguagem utilizada		
f) nas ilustrações		
g) na relação com sua experiência anterior		
h) na relação com sua realidade atual		
i) na contribuição à sua ação docente		
j) na relação com a condição dos seus alunos		
l) na conceituação teórica		
m) na relação com os vídeos do Módulo 3		
n) na exemplificação do uso da TV/vídeos na escola		
o) nas propostas para a produção de audiovisual na escola		

2) Justifique, com suas palavras, os SIM que você assinalou.

3) Justifique, com suas palavras, os NÃO que você assinalou.

4) Enumere as falhas que encontrou neste material.

5) Enumere pontos positivos que encontrou neste material.

6) Tem alguma sugestão para melhorar este material?

FICHA DE AVALIAÇÃO DE VÍDEOS DO MÓDULO 3

Universidade:

UF:

Data:

/ /

Esta ficha de avaliação NÃO precisa ser identificada. Portanto, NÃO escreva seu nome nem qualquer espécie de código que permita o seu reconhecimento. Leia com atenção os quesitos. Suas respostas são muito importantes para a avaliação dos vídeos deste curso. ENVIE A FICHA PARA SEU TUTOR.

1. Você assistiu a todos os vídeos do Módulo 3? () Sim () Não

Caso sua resposta seja negativa, escreva qual(is) não foi(ram) assistido(s) e porquê.

2. Você assistiu ao(s) vídeo(s):

() sozinho () com colegas

3. Você gravou os vídeos? () Sim () Não

Em caso de resposta positiva, indique onde. Caso seja negativa, indique o porquê.

4. Quantas vezes viu cada vídeo?

() de uma a duas () mais de duas

5. Os vídeos despertam interesse? () Sim () Não

Em que aspecto(s)? (Se necessário, marque mais de uma alternativa)

() tema abordado

() maneira como trata o tema

() outro (especificar)

6. Os vídeos informam? () Sim () Não

O formato desses vídeos serve para:

() somente transmitir informações

() transmitir informações e motivar para o estudo da unidade

() problematizar o conteúdo

() outra (especificar)

7. Do que mais gostou nos vídeos? Por quê?

8. Do que menos gostou? Por quê?

9. Que mudanças você propõe?

10. Você comentou ou discutiu os vídeos com:

colegas familiares outros ninguém

11. Após assistir ao(s) vídeo(s), sentiu-se motivado(a) para:

- ler o material impresso
- buscar informações em outras fontes
- discutir situações apresentadas

12. Tem preferência por algum(ns) dos vídeos exibidos no Módulo 3?

Sim Não Assinale abaixo:

- UNIDADE 1: Analisando e produzindo o audiovisual: oficina de vídeo na escola
 - UNIDADE 2 (item 2.2): A concepção dos vídeos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje
 - UNIDADE 3 (item 3.3): Produção audiovisual com crianças, adolescentes e jovens: algumas experiências
- Por quê?

13. Você identificou/construiu relações entre o que assistiu nos vídeos e o que leu no material impresso ou não? Comente sua resposta:

14. Numa escala de 1 a 4, assinale como você classifica o seu nível de compreensão dos vídeos:

- dificuldade de compreensão pouca compreensão boa compreensão
- excelente compreensão

ROTEIRO PARA O TRABALHO FINAL DO CURSO

Universidade:

UF:

Data: / /

Cursista: _____

Dados de identificação:

Título do Projeto:

Projeto Tipo A ()

Projeto Tipo B ()

Dados sobre o(a) cursista/escola:

Função que exerce:

Escola em que atua:

Endereço completo:

Rua:

Bairro:

Cidade:

Estado: CEP:

Nº de alunos:

série:

turno:

idade:

Justificativa: comentar a necessidade, a importância do projeto, utilizando os textos dos módulos deste curso e a reflexão sobre sua prática.

(até duas páginas)

Objetivo geral:

Objetivos específicos: numere-os.

(até uma página)

Conceitos a desenvolver: especifique e descreva sinteticamente os temas/tópicos abordados no projeto.

(aproximadamente uma página)

Atividades programadas: descrição das atividades, indicando os procedimentos a serem adotados, os recursos, os materiais.

(aproximadamente duas páginas)

Parcerias: especificar e descrever a contribuição de cada um
Professores/áreas que participam:
Setores da escola que participam:
Setores da comunidade que participam:

(aproximadamente uma página)

Cronograma: indique as etapas e as épocas de realização, indicando quem fará o que, em que local, com que recursos, etc.

(até uma página)

Avaliação: descrição das atividades e dos instrumentos que serão utilizados na avaliação do projeto e da aprendizagem.

(até uma página)

Item livre:

Referências bibliográficas utilizadas: enumere as obras que você, de fato, consultou, em ordem alfabética, indicando: autor, título, cidade, editora, página, ano da publicação.

A indicação de páginas é uma referência.

A COORDENAÇÃO DO CURSO

Módulo 3: Experimentação: planejando, produzindo, analisando

GRADE DE VEICULAÇÃO DOS VÍDEOS DO MÓDULO 3**REPRISE DOS VÍDEOS DO MÓDULO 2**

Data	Horário de veiculação	Nome do vídeo	Duração do vídeo	Texto em que o uso didático do vídeo é trabalhado	Série da qual o vídeo faz parte	Instituição realizadora do vídeo
15/março/2001 16/março/2001 17/março/2001	21h 21h 9h	Televisão/vídeo na comunicação educativa: concepções e funções	1500"	Unidade 1	TV na Escola e os Desafios de Hoje	CPCE/UnB
		Possibilidades pedagógicas de utilização de TV e vídeo - Parte I	1500"	Unidade 2		
		Possibilidades pedagógicas de utilização de TV e vídeo - Parte II	15'00"	Unidade 3		
		TV e vídeo na gestão escolar: construção de parcerias	15'00"	Unidade 4		

VÍDEOS DO MÓDULO 3

Data	Horário de veiculação	Nome do vídeo	Duração do vídeo	Texto em que o uso didático do vídeo é trabalhado	Série da qual o vídeo faz parte	Instituição realizadora do vídeo
22/março/2001 23/março/2001 24/março/2001	21h 21h 9h	Analisando e produzindo o audiovisual: oficina de vídeo na escola	1500"	Unidade 1	TV na Escola e os Desafios de Hoje	CPCE/UnB
29/março/2001 30/março/2001 31/março/2001	21h 21h 9h	Como se produz vídeo educativo	15'00"	Unidade 2		
5/abril/2001 6/abril/2001 7/abril/2001	21h 21h 9h	Planejando a utilização pedagógica de TV e vídeo na escola	15'00"	Unidade 3		

TEMPO TOTAL DE VEICULAÇÃO DIÁRIA - ORGANIZE-SE PARA ASSISTIR E/OU GRAVAR

Data	Horário inicial de gravação	Minutos diários de veiculação	Data	Horário inicial de gravação	Minutos diários de veiculação
15/março/2001	21h	60min	5/abril/2001	21h	60min53seg
16/março/2001	21h		6/abril/2001	21h	27min8seg
17/março/2001	9h			21h28mm	Reprise das Unidades 1 e 2 30min
22/março/2001	21h	50min34s	7/abril/2001	9h	39min48seg
23/março/2001	21h		12/abril/2001	21h	Reprise das Unidades 1, 2 e 3
24/março/2001	9h			21h	
29/março/2001	21h		52min14s	13/abril/2001	21h
30/março/2001	21h	14/abril/2001		9h	
31/março/2001	9h			9h	

VÍDEOS DE APOIO SELECIONADOS PARA O MÓDULO 3

Data	Horário de veiculação	Nome do vídeo	Duração do vídeo	Texto em que o uso didático do vídeo é trabalhado	Série da qual o vídeo faz parte	Instituição realizadora do vídeo	
22/março/2001	21h15min	0 barato do aPitágoras	15"00	Unidade 2	Mão na Forma	TV Escola; MEC	
23/março/2001	21h15min	PCN, Making of	8"36"	Unidade 2			
24/março/2001	9h15min	Cananéia, São Paulo	11"58"	Unidade 3	TV Cheia de Histórias		
29/março/2001 30/março/2001 31/março/2001	21h15min 21h15min 9h15min	Mamede, Paraíba	8"36"	Unidade 3	TV Cheia de Histórias		
		Inhapim, Minas Gerais	8"33"	Unidade 3	TV Cheia de Histórias		
		Por que Parâmetros	11"14"	Unidade 3	PCN/Um Compromisso com a Cidadania		
		A diretora	8"51"	Unidade 3	Escola Hoje		
5/abril/2001	21h15min	Mata Atlântica	11"50"	Unidade 3	Crônicas da Terra		Ema Vídeo
5/abril/2001	21h30min	Profissão criança	34"03"	Unidade 3	—		Abrinq/OIT
6/abril/2001	21h15min	Gravidez na adolescência	12"08"	Unidade 3	Viva Legal		Ministério da Saúde
7/abril/2001	9h15min	Observação	24"48"	Unidade 3	Proformação - Ensino é Aprendizagem	MEC/ Argumento, Brasil	

REPRISE DOS VÍDEOS DO MÓDULO 3

Data	Horário de veiculação	Nome do vídeo	Duração do vídeo	Texto em que o uso didático do vídeo é trabalhado	Série da qual o vídeo faz parte	Instituição realizadora do vídeo
12/abril/2001 13/abril/2001 14/abril/2001	21h 21h 9h	Analisando e produzindo o audiovisual: oficina de vídeo na escola	15"00"	Unidade 1	TV na Escola e os Desafios de Hoje	CPCE/UnB
Como se produz vídeo educativo		15"00"	Unidade 2			
Planejando a utilização pedagógica de TV e vídeo na escola		15"00"	Unidade 3			

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)